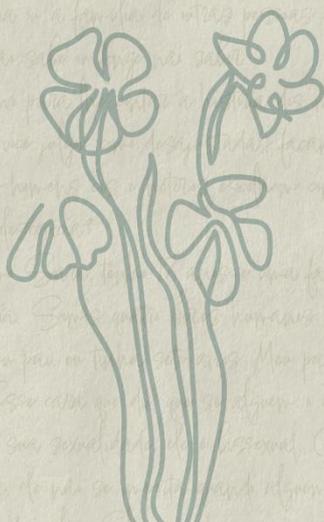


marília neri

# paren- tela



marília neri

# paren- tela

1ª edição

Santo Antônio de Jesus  
2022



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Neri, Marília

Parentela [livro eletrônico] / Marília Neri. --  
1. ed. -- Santo Antônio de Jesus, BA : Ed. da  
Autora, 2022.  
PDF

ISBN 978-65-00-59018-0

1. Famílias - História - Ficção 2. Romance  
brasileiro I. Título.

22-139525

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Inajara Pires de Souza - Bibliotecária - CRB PR-001652/0

Para todas as famílias tradicionais,  
inclusive a sua.

## Prefácio

Possivelmente você conhece uma família tradicional brasileira. Para mim, a sua família é uma delas, não importa o seu formato. Não há mal nenhum se você considera seu gato e seu cacto – que só sobrevive porque precisa de pouca água – como família, ela é a sua família.

Para mim, família significa pessoas que se importam e cuidam umas das outras. Há anos, eu sou uma das pessoas com famílias “diferentes”. Eu sou filha de pais que se separaram quando eu tinha 4 anos de idade. Hoje, não tenho contato com o meu pai biológico e considero como pai, um homem que não tem qualquer ligação sanguínea ou de parentesco comigo. Sou casada. Não tenho filhos humanos biológicos, mas minhas afilhadas são o meu “protótipo de maternidade” e sou mãe de 5 pets.

Se considerarmos o número de lares que são chefiados por mulheres e as pessoas que não tem pais registrados na certidão de nascimento em nosso país, essas famílias – que ultrapassam a ideia de pai, mãe e um casal de filhos – são a família tradicional brasileira. Como a minha, como a sua.

A história de Sara retrata famílias consideradas “atuais”, mas elas existem desde que o mundo é mundo. O enredo de Sara, Luiza e Miguel estava escrito há muitos

anos, mas apenas nas eleições de 2022, eu tive a ideia das cartas para o então presidente. E assim, Parentela ganhou vida!

Infelizmente, os dados aqui apresentados sobre famílias e os números de mortes por covid são reais. Essa história é uma tentativa de registrar, mais uma vez, o que não podemos esquecer: não existem famílias desajustadas assim como o COVID-19 não é apenas uma “gripezinha”. Todas as pessoas afetadas devem saber bem do que estou falando.

Apesar de trazer temas sensíveis e uma história ficcional com fortes pontos de realidade, espero que você se divirta e aprenda com Sara que não há ninguém que possa impor verdades sobre o que sentimos.

**Com carinho,  
Marilia Neri**

2022

*Presidente,*

*Eu ouvi as suas declarações ontem e discordo veementemente. O senhor disse que viados e travestis vem de famílias desestruturadas e são incapazes de formar suas próprias famílias. Era uma declaração em rede nacional, em um horário de ampla audiência e sua fala está sendo reproduzida repetidamente nas redes sociais. Você não se envergonha?*

*Eu me chamo Sara, tenho 18 anos e uma família. A minha mãe Luiza, meu pai Miguel e meu irmão Alex formam a minha família. Somos quatro seres humanos que vivem bem mesmo com as dificuldades da vida.*

*Quando a minha mãe reencontrou o meu pai, eu tinha sete anos. Meu genitor, apesar de eu saber quem ele é, não representa tanto para mim quanto o meu pai. Esse cara que diz que se alguém o chamar de viado, para ele é um elogio. Meu pai é um homem cisgênero, mas em relação a sua sexualidade, ele é bissexual. Caso você não saiba, ele se relaciona com pessoas e não com mulheres.*

*De qualquer forma, ele não se importa quando alguém diz que ele é viado. Isso não é um insulto para o meu pai ou para a nossa família. Ele é um homem incrível, uma*

*peessoa incrível e me criou dos meus sete anos até hoje ao lado de minha mãe. Ele é uma das pessoas mais dedicadas que eu conheço. Meus pais não têm uma relação “convencional”, mas não somos uma família desajustada. Somos uma família.*

*Quando ouvi sua declaração e seu riso de deboche ao fim, eu senti uma tristeza profunda. Não porque você estava atacando a minha família ou a família de outras pessoas que eu conheço. Eu senti tristeza porque você estava falando de algo que, possivelmente, não sabe ou finge não saber. É o seu desconhecimento, sua escolha por desconhecimento, que faz com quem você agrida famílias como a minha. É o seu desconhecimento, o seu preconceito, que coloca pessoas LGBTQIA+ em risco. Você não tem vergonha?*

*Eu lhe escrevo para lhe contar a história dos meus pais, a história da minha vida, da minha família e espero que outras famílias que você julgou como desajustadas façam o mesmo. Você sabia que a maioria dos lares liderados apenas por uma mãe existem porque homens cis e héteros escolhem cometer abandono parental? Você sabia que pessoas trans são expulsas de casa ainda na adolescência? Você deveria se envergonhar das violências que profere contra mulheres, contra pessoas negras, contra pessoas que você considera “menores” do que você. É a violência que nos desajusta, senhor, não os nossos afetos.*

*Espero que o senhor repense suas ideias retrógradas e se disponha a conhecer o meu mundo. Nós existimos, presidente, apesar de você e da violência da sociedade.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

2010

Quinze anos separavam Luiza do mundo pouco responsável da escola. As fardas homogêneas, as matérias confusas e incongruentes, a linguagem pouco clara das matérias exatas, as chatices obrigatoriamente decoradas das humanas, as conversas animadas de corredor, a pouca disposição para acordar com o sol a cada dia dito útil da semana. Cada uma daquelas observações cheias de lembranças a atingiam enquanto subia as escadas do espaço organizado para a festa.

Luiza sempre foi do grupo que gostava da escola, com notas altas e comportamento exemplar. *Uma boa menina*, era o que diziam todos os professores em reuniões e em qualquer oportunidade. Não respondia, não apresentou comportamentos erroneamente rotulados como de “aborrecentes”, era uma menina comportada. Gostava de estudar, de *boy bands*, esperava o seu príncipe encantado e usava – sempre que possível – o sobrenome de Brian, um dos membros de sua boy band preferida. Ele, com certeza, seria o futuro pai dos seus filhos.

*Como eu era ingênua*, pensou enquanto empurrava a porta e adentrava o local do encontro. O ruído dos seus saltos ecoavam na escada, usava um vestido amarelo que contrastava com sua pele, os cabelos encaracolados

estavam presos em um coque e seu rosto estava tensionado, com rugas na testa. Não sabia o que estava fazendo ali, um encontro com a turma da escola. Segundo sua mãe, muitos estavam confirmando presença e não se falava em outra coisa nas redes sociais.

Luiza não era adepta a nenhuma rede social. Não porque era uma ignorante virtual, mas porque não, não queria sua vida exposta por aí. Sim, era usuária fiel do Orkut, mas poucos possuíam seu número de celular e ela não encontrava nenhum ser humano da escola há muito tempo. Só sabia da festa porque sua mãe encontrou a mãe de Ana Cláudia e essa lhe contou sobre o reencontro da turma após 10 anos da formatura do ensino médio. Por isso estava ali, mesmo que ainda não tivesse certeza nem se deveria estar na cidade.

As caixas amontoadas que ela ignorava solenemente desde o dia anterior deixavam claro que ela estava fora a tempo suficiente para ser quase esquecida na cidade. A mudança para Santiago havia sido um tanto às pressas e Luiza ainda não conseguia processar todas as entrelinhas da sua atitude impulsiva. Disse sim à transferência para sua cidade natal quando, filha única, se viu na obrigação de estar perto da mãe depois da morte do seu pai.

Hélio não tinha uma relação amigável com a filha. Na verdade, Hélio havia ignorado a existência de Luiza a

partir daquele Natal de 2003 quando ela os visitou para as festas de fim de ano.

Agora, ao fim de 2010, ela se viu de volta à cidade, acomodada no seu antigo quarto no apartamento da mãe, autorizada a tocar os pés ali enquanto o pai jazia no túmulo, ainda assombrada com o fantasma dele que parecia a espreitar por todos os cantos, a lembrando dos gritos daquele Natal, em que deixava claro sua decepção, a irritação por suas escolhas, a ira por sua formação universitária que ele não aprovava, a desilusão porque ela não seguiu seus conselhos. Luiza se sentiu uma marionete querendo cortar suas cordas naquela noite, como uma peça do quebra-cabeça do pai que fugiu do que ele esperava, com suas reentrâncias divergentes que não se encaixavam nos cantos que ele determinou para a filha.

O primeiro grande conflito dos dois ocorreu quando ela decidiu que não ia seguir o Direito como todos esperavam, iria fazer o curso de Letras. Aquela foi a primeira vez que Luiza reconheceu a sua voz sendo sobreposta a do pai. A sua vontade foi motivo suficiente para ela não acreditar no que o pai dizia sobre não a sustentar em outra cidade, sobre não concordar com ela “estragar” o seu futuro e perguntar porque, pelo menos, ela não escolhia a medicina? Luiza queria cursar a faculdade de letras e foi assim que foi embora de sua cidade natal, para a universidade de Pinheiros, 500km distante de casa

e seguiu os seus planos.

Planos esses que foram completamente remodelados após um encontro inesperado, uma reviravolta ligada ao passado escolar, em seu primeiro ano de formada em Letras e que culminou no natal de 2003. Luiza não tocava os pés ali desde que, recém-formada, sentiu novamente o gosto amargo do peso das suas escolhas.

No segundo andar do bar recém-inaugurado na cidade, estavam os seus colegas da escola. O primeiro que viu foi Heitor, seu amigo de infância, companheiro de vídeo game e um dos homens mais legais com o qual ela havia convivido, alguém que lhe ensinou que homens têm necessidades básicas e concorrentes: jogar vídeo game e analisar a arte rebuscada das revistas pornô. Fato que Luiza não compreendia mesmo que se esforçasse, como os homens conseguiam se interessar por mulheres nuas impressas em papel colorido?

Ao lado dele estava sentada uma mulher sorridente, não bonita nos moldes tradicionais, mas com um corpo bem definido que muito lhe lembrava as mulheres das revistas favoritas do amigo. Os dois não se falavam desde aquele fatídico Natal de 2003 quando, após a discussão com o pai, Luiza também discutiu com o amigo e os dois

exterminaram uma relação bonita de longos anos.

Heitor não a viu entrar no espaço, na verdade o primeiro ser que a reconheceu foi Murilo, um dos garotos piadistas da escola que todos diziam que era a fim dela, mas que ela não acreditava. Piadas sem graça eram demonstrações de interesse? E quem em sã consciência beijaria aquela pessoa? Quem seria inconsequente ao ponto de conseguir se relacionar com um homem que se comunicava com piadas sem graças e apelidos ridículos?

O grito animado de Murilo e o silêncio fronteiro entre duas músicas do som ambiente, atraiu todas as atenções para Luiza que ainda segurava a porta analisando a probabilidade de sair sem ser vista, arrependendo-se do movimento tão impulsivo quanto sua mudança, certa de que não devia ter ido.

A certeza se multiplicou quando identificou Bernardo entre os presentes que a analisavam após anos de ausência. O encontro dos dois pares de olhos gerou um mal-estar tão evidente que Luiza preferiu concentrar-se no abraço exagerado de Murilo que se aproximava enquanto a chamava de “amor da minha vida”.

Os olhos de Luiza encontraram os de Heitor que levantou o copo como se brindasse com ela aquele momento bonito. Luiza sorriu e ele lhe deu uma piscadela dissolvendo anos de silêncio, ressentimentos e solidão. Entre todas as besteiras daquele Natal de 2003, a maior

delas era ter brigado com o seu velho amigo, era não ter lhe contado sobre os últimos acontecimentos, não ter o procurado depois, ter fingido que o esqueceu, mesmo que se lembrasse dele quase todos os dias dos últimos anos.

Afastando-se do abraço sufocante de Murilo e rindo sem graça de suas piadas, Luiza cumprimentou Marcela e Analu que sorriram para ela afirmando que quase não a reconheceram. *Ok*, ela pensou, *eu era tão horrorosa quanto vocês duas*. O tempo havia sido generoso com elas, mesmo que Analu continuasse com aquela mania de se maquiar em excesso.

Elas haviam estudado juntas desde o primeiro ano de Luiza no São Lourenço, onde iniciou o ensino fundamental. Luiza era uma menina gorda, tamanho mediano, com cabelos ondulados presos em maria chiquinhas. Era alvo de chacotas dos meninos, mas, mesmo assim, sabia os ignorar. Marcela e Analu eram mais magras e aquilo aliviava o bullying em excesso, amigas inseparáveis eram chamadas de Debi e Lóide em alusão ao filme que Luiza não achava a mínima graça.

Denise, a mulher que se aproximou sinceramente sorridente para lhe abraçar estava cada vez mais bonita, com seus altos saltos finos, o vestido justo ao corpo, os cabelos crespos semi presos, a pele brilhosa, o sorriso de dentes brancos e vivos. Ao abraçá-la, foi como se uma

porção do arrependimento a deixasse e ela conseguiu sorrir com sinceridade. Rever Denise era um bom momento daquele encontro.

Denis, Elisa e Sinara estavam por perto e a cumprimentaram com ânimo. Ele já um pouco careca, Elisa com um nariz que não era originalmente seu e Sinara da mesma forma de antes. Igor ostentava uma barriga de chopp, Celso, uns fios grisalhos, Tatiana não sorriu para ela e Inácio lhe encheu de elogios desconfortáveis enquanto apertava demais sua cintura.

Era um encontro após anos de afastamento, ela não podia querer que fosse confortável, não devia ter ido e deixado a mãe em casa enlutada, mas Marta insistiu, cuidaria de tudo e ela não conseguiu dizer não à mãe que nunca a abandonou em todos aqueles anos.

Quando abraçou Heitor, ela sentiu como se os anos pós Natal de 2003 tivessem sido difíceis demais e que nos braços do amigo poderia chorar e descansar. Mas Heitor não parecia tão disposto a abraços longos e tratou de lhe apresentar Melina, sua esposa bonita, com cabelos cacheados em um loiro platinado, da mesma altura dela, com um rosto angulado, com maçãs bem maracadas e digna das capas de revista. Luiza sorriu sinceramente e assentiu sem jeito quando Heitor lhe disse: *Lembra que eu te disse que tinha um parceiro, Mel? Aí está ele.* Luiza o olhou emocionada e ele lhe deu uma nova piscadela. Havia

como apagar todos os desaforos trocados naquele Natal de 2003?

- Oi.

- Oi. – ela sorriu completamente sem jeito e abaixou os olhos como uma adolescente que encontra o cara que sempre foi a fim.

A mão esquerda de Bernardo ostentava um grande elo dourado que dissolveu todo o romantismo daquele encontro e afundou suas entranhas. Da mesma forma como as pessoas chaves de sua vida naquela cidade, não o via desde o Natal de 2003 após a briga do pai e antes da discussão com Heitor.

- Desculpe não ter ido lhe cumprimentar de primeira, mas o Murilo sufocou você.

- Tudo bem.

- Como vai? Faz tempo...

- Vou bem.

- Mesmo? Soube do seu pai.

- É, seus pais estavam lá.

- Eu estava viajando. – disse justificando sua ausência e Luiza o olhou com atenção.

Os olhos continuavam vivos e os traços do seu rosto eram incríveis como sempre. Bernardo era o único presente naquela festa que continuava tão incrível quanto sempre.

Não estava nada diferente ou mais calvo ou barbudo. Era o mesmo Bernardo, cabelos pretos que contrastavam com sua pele branca, o rosto com traços de maturidade e sua presença que causava um impacto bom na mulher que ainda o olhava. Luiza se lembrou que sempre o comparou a Brian, seus olhos claros, a pele sem espinhas, os cabelos cortados como a moda do momento entre os garotos e o sorriso de dentes perfeitos.

- Não precisa se justificar. – assumiu um tom mais sério, tomada pela maturidade que lhe cabia, diferente do fim da escola, do reencontro dos dois, diferente do Natal de 2003.

- Como vão as coisas?

- Coisas? – o viu respirar fundo com desconforto.

- Berna? – a voz os distraiu e ele olhou para trás um tanto desconcertado.

- Oi, Lena. – ele sorriu a chamando com a mão. – Você chegou.

- Um pouco tarde. – ela disse sorrindo e o beijando rapidamente. Luiza sentiu suas entranhas brigando em busca da saída de emergência mais próxima e se obrigou a sorrir quando a mulher alta e esguia, com cabelos loiros e olhos azuis, sorriu para ela com alguma curiosidade sobre sua identidade.

- Luiza, essa é a Helena.

- Prazer lhe conhecer. – a mulher obrigou a emissão

nas cordas vocais e suspirou, grata por conseguir.

- Luiza? – Helena questionou o olhando com curiosidade e alguma malícia. – Não...

- Você não a conheceu. – Bernardo explicou a olhando com seriedade, todos os três presentes certos da estratégia sutil presente no diálogo. – Não nos víamos há muito tempo.

- No mínimo sete anos. – Luiza afirmou aumentando o desconforto daquele momento.

- Nos casamos há seis meses. – ela comentou desnecessariamente e Luiza sorriu encarando o homem que jurava de pé junto que nunca se casaria com mulher alguma. – Ele dizia que não se casaria, até me conhecer e dizer sim em frente à um padre.

- Parabéns. – ela verbalizou sem saber o que Helena queria ouvir e Bernardo suspirou ao lado das duas. – Prazer lhe conhecer.

- O prazer foi meu. Luiza, não é?

- Exato. – ela assentiu acenando e despedindo-se.

Deu passos para longe do casal ouvindo ao longe da voz mulher questionando ao marido: “Quem é essa?” e ouvir um retrucar baixo típico do homem quando estava irritado com uma situação. Luiza seguiu para o banheiro lembrando a si mesma que não era permitido lembrar as manias e os comportamentos de Bernardo, homem casado com uma beldade de semanas de moda internacionis e

levemente ácida, atenta e com um bom faro para questões mal resolvidas.

De frente para o espelho, teve um mix de lembranças do encontro da boca dele na sua e da sensação agradável de estar abraçado a ele, de dormir ao seu lado e daquela noite em frente ao mar em que conversavam baixo e levemente bêbados, aquela noite que faltam várias partes e que culminou no fatídico Natal de 2003. Mas tudo, Luiza lembrou a si mesma, começou anos antes, naquele primeiro dia de aula lá atrás, quando Bernardo iniciou o ensino médio em sua escola, em sua turma, entrando pela primeira vez em sua história e permanecendo, mesmo que ausente.

2010

**E**la não estava das mais acordadas no primeiro dia de aula, mas um tanto animada com o início do último estágio do percurso escolar. Durante todos os dias das férias que a separavam do ensino fundamental para o ensino médio, Luiza dizia a si mesma que estava há tempos demais na escola. Não que acreditasse que a faculdade seria um mar de rosas ou que seria sua chance para ir embora da cidade e seguir o seu caminho. A sensação era que estava há tempo demais ali, nos corredores escolares, na mesmice da sala de aula.

Luiza queria mais, queria mais do mundo e da vida. Todos os muitos livros que devorava com amor mostravam e lhe ensinavam mais do que qualquer professor da escola e desde o ano anterior quando tomou gosto pela literatura, ela achava um investimento muito maior lê-los do que estudar, mesmo que continuasse com alto rendimento.

Então naquele início das aulas cheios de poucas expectativas e desejo de sobreviver até o fim do dia, surgiu o garoto de sorriso gostoso, olhos vivos, perfume agradável, bom trato e um charme que atraiu a atenção de todas as meninas da escola. A chegada de Bernardo na escola e na turma de Luiza foi o assunto mais comentado da semana e todos queriam saber quem era o rapaz, de onde ele vinha e

o que mais houvesse para saber. Todos os papos entre as garotas naquela semana envolviam o transferido, envolviam o menino de sorriso solto que abalou corações por todas as séries da escola.

Quando lembrava daquele ano, Luiza não se questionava quem era a fim do outro. Seria muito mais fácil contabilizar quem não suspirava por Bernardo. E para falar a verdade, Luiza não havia conhecido alguém, até as professoras pareciam mais sorridentes em sua turma, e tirando a inspetora do corredor que nunca sorria, ninguém mais estava imune ao charme espontâneo do novato.

A primeira vez em que o rapaz engatou qualquer conversa com ela, Luiza sentiu que havia sofrido uma lesão cerebral, esquecendo como elaborar as ações mais básicas e elementares. Bernardo havia simplesmente lhe pedido uma borracha emprestada e ela sorriu abobada durante uma semana até Heitor lhe dar um grito e lhe lembrar que ela era mais do que aquilo.

Durante os três anos do ensino médio, Bernardo não era nada mais do que o amor platônico dela e de metade da escola. O menino que se desenvolvia a olhos visto havia sido adotado por um grupinho seletor, andava com os mais velhos, fumava cigarros nos intervalos e saía com garotas tão deslumbrantes quanto a mulher com quem havia casado.

Assim como na escola e como em toda a sua vida, Luiza não era nada mais do que acessório na vida do rapaz e ela se lembrou disso enquanto abria a porta do banheiro e saía discretamente, sem se despedir, escada abaixo, certa de que nunca deixou de ser mais do que aquilo, nada mais do que acessório, um bibelô, uma piada de mau gosto absurdo.

- Luiza?! – a voz a despertou e ela olhou para trás. Não reconheceu o homem de primeira, não com a cabeça ainda ligada à notícia do casamento, ao reencontro, à sua chegada. Era um homem com um sorriso luminoso, barba bem aparada, cabelos crespos trançados e um perfume agradável.

- Anos passam e eu continuo insignificante. – ele riu de si mesmo. – Se serve de consolo quase não te reconheço também.

- Miguel?! – ele sorriu girando o corpo alto.

- Os anos passaram. – ele brincou a fazendo sorrir.

- A festa está tão ruim assim?

- Não, não. – mentiu de imediato. – Preciso ir, minha mãe está me esperando.

- Soube do seu pai. Meus sentimentos.

- Obrigada, Miguel. – ela sorriu. – Até a próxima.

O apartamento estava em completa escuridão quando ela entrou com cuidado pela porta, trancou-a e

retirou os sapatos, caminhando para o seu quarto. Alongou os braços e sentiu a tensão da noite. Os olhos ainda estavam vermelhos e ela se demorou na garagem enquanto soluçava. O que queria quando foi ao encontro da escola? Imaginou mesmo que ele não estaria lá? Que ele não iria? Ou foi por isso mesmo que foi? Achou que ele estaria solteiro, a beijaria e que seriam felizes para sempre?

Luiza ainda era a mesma menina tola que suspirava por ele no primeiro dia de aula do ensino médio, a mesma que guardou por anos aquela borracha quando ele a devolveu e que abraçava as fotos em que ele estava como se pudesse tocá-lo. Bernardo ignorava sua presença, mal sabia da sua existência e mesmo assim ela suspirava por ele. Mesmo depois de tudo que lhe disse no último encontro, ela continuava se deixando impactar por sua presença.

- Filha?

A pergunta a distraiu e ela parou na porta do quarto da mãe que assistia à televisão no volume baixo. Haviam lençóis de papel no criado mudo ao lado da cama e os olhos de Marta também estavam vermelhos. As duas se encararam e Luiza acenou com os sapatos nas mãos.

- Como foi? – Marta questionou fungando baixo.

- Tudo bem.

- Ele estava lá?

- Você soube do casamento?

- Você me disse que não queria saber.

- Você podia ter me obrigado a escutar. – ela devolveu contrariada e ouviu um resmungar baixo. A figura da menina com pijamas de girafas que se sentou e coçou os olhos alterou o clima da iminente discussão.

- Amor. – ela sorriu espantando o mal estar.

- Mama. – Sara sorriu esticando os braços sonolenta. Luiza se adiantou e carregou a filha no colo enquanto espantava as lágrimas e a tristeza.

- Tá triste, Mama? – Luiza sacudiu a cabeça sorrindo para ela.

- Mama estava passeando, Amor. – ela lhe beijou o rosto. – Vamos voltar a dormir com Mama? – a menina assentiu deitando a cabeça no ombro da mãe.

- Boa noite, Vó.

- Boa noite, queridinha.

Luiza acomodou a filha na cama e afagou seus cabelos ondulados enquanto cantarolava para a menina adormecer mais uma vez. Limpou os olhos e suspirou entoando o canto que a filha mais adorava. A menina dormiu sem dificuldade e Luiza encostou o corpo na cabeceira da cama enquanto ainda acariciava os cabelos da menina. O pouco tempo que passou na festa foi suficiente para despertar anos de lembranças e sensações enterradas enquanto lutava para ser uma mãe solo longe da sua rede

de apoio primária. Quando Sara nasceu, Luiza estava morando em Pinheiros e não podia contar com ninguém da sua cidade natal. Ninguém além da mãe que nunca deixou de estar presente mesmo que morando em uma cidade distante.

Sara era um dos bens mais preciosos de sua vida e a responsável pela maior parte das dúvidas sobre o seu retorno à sua cidade. Sara era a parte mais bonita da sua história passada e a responsável por muitas das novas curvas da vida da mulher que agora Luiza era. Ela não se arrependia, nunca se arrependeria, mesmo que lembrasse do homem, agora casado, sempre que a olhasse, mesmo que reconhecesse muitos traços do homem que amou no fruto de uma união que nunca foi nada mais do que um encontro inesperado, fruto de uma noite bêbada com um homem que ainda a fazia se sentir menina, um homem, agora casado, que deixou em seu ventre o seu fruto mais bonito, a sua parte mais encantadora.

2010

Ainda estava presa ao passado quando seu celular vibrou. Para sua surpresa, Heitor estava lhe enviando uma mensagem. Luiza havia pedido a ele o seu telefone pouco antes de sair sem se despedir dos colegas. *Vamos tomar um café amanhã?*, a pergunta fez com que as lágrimas que ela impedia de cair finalmente desaguassem. Mesmo com o mal-estar, com as sensações difíceis e a notícia do casamento de Bernardo, ali estava uma possibilidade de corrigir o maior arrependimento de sua vida: quase oito anos sem contato algum com Heitor.

Os dois eram amigos desde o ensino fundamental, a mãe de Heitor era amiga de sua mãe e assim os dois brincavam juntos, se tornaram amigos inseparáveis e se mantiveram próximos mesmo em universidades diferentes. A discussão daquela noite ainda era muito vivida para ela, não as palavras, mas as sensações. O tom de voz alto, a raiva, as ofensas, as insinuações. Heitor lhe acusou, Luiza era ingênua por ter transado com Bernardo e Luiza rebateu: Heitor sempre sentiu inveja dele.

Depois das acusações trocadas entre os dois. Luiza foi embora, mudou o número de celular meses depois, mudou de cidade, mudou de status social: se tornou mãe

solo. A sociedade a lembrava diariamente sobre seu novo posto e todas as suas milhões de exigências.

Ela sabia que Heitor ficaria surpreso assim que respondeu que iria, sabia que ele nunca imaginaria que após aqueles anos, Luiza era uma mãe. E quando passou pela porta do café e os dois se viram, ela podia reconhecer no olhar chocado de Heitor o completo entendimento pela raiva de Luiza naquela noite, pelo seu estado agitado e pelos anos em silêncio. Heitor arregalou os olhos e ela deu de ombros, o beijando e sussurrando em seu ouvido: “longa história”.

- Ele sabe? – Heitor questionou e Luiza encarou o amigo que não titubeou. A mulher assentiu e ele suspirou encarando a menina que brincava no balanço do parque em frente ao café. – Natal de 2003?

- Eu havia acabado de contar aos meus pais e a ele quando nos vimos e você me recriminou por transar com alguém que sempre ignorou a minha presença.

- Não sabia que você estava grávida dele.

- Muito menos que ele me disse que a única opção era abortar.

- Você podia ter me contado.

- Eu havia contado a pessoas demais. – ela acenou para a filha que sorria inocente.

- Ela é parecida demais com ele.

- O pai dela morreu.

- É isso que você conta às pessoas?

- Para ela, eu disse que o pai estava longe. – afirmou deixando os ombros caírem.

- Desculpe, Lu.

- Eu que lhe devo desculpas. – ela sorriu e lhe beijou o rosto com carinho. – Senti saudades, Cara.

- Eu também, mas você sumiu do mapa.

- Eu estava muito ocupada sendo mãe solo e tentando evitar qualquer coisa que me lembrasse essa cidade. Uma parte de mim achou que você não queria falar comigo também. – os dois se olharam e o homem negou enfaticamente com a cabeça, Luiza sorriu. – A Mel parece uma daquelas suas preferidas.

- Você não presta. – Heitor afirmou gargalhando animado e Luiza deu de ombros. – Eu soube que era isso que você estava pensando assim que você a viu.

- Você realizou um dos seus maiores sonhos, Tor. – o empurrou com um encontro de ombros. – Parabéns, Cara.

- Obrigado, Cara. – ambos sorriram. – Que bom que você está de volta.

- É bom ter você de volta. – ela afirmou sorrindo e apontou para a filha. – Você não sabe, mas ela é sua afilhada.

- Minha?!

- Eu disse a ela que um dia ela conheceria o padrinho mais legal do mundo. – ela sorriu emocionada e ele encarou a menina. – Ela adora a história do iglu, é a sua preferida.

- O que mais você contou?

- Temos anos de relacionamento, Cara. Eu preciso de muito assunto.

2010

**E**ra óbvio que ele estava atrasado, óbvio que não ouviu o despertador tocar. O homem ao seu lado havia o desligado e voltado a dormir. Deixar o celular carregando ao lado de Túlio não foi a melhor das decisões, mas ele não estava muito sóbrio quando colocou o aparelho para carregar e caiu na cama do outro. Miguel passou a mão no rosto e respirou fundo lembrando a si mesmo que estava perdendo tempo. Estava levemente de ressaca e precisava aprender a beber mais no domingo à noite após o trabalho e não na segunda à noite quando estava de folga.

Aproximou-se de Túlio e lhe beijou o rosto com cuidado, o outro nunca acordava cedo, mas também reclamava quando Miguel saía sem se despedir. Um sorriso e um abraço lhe distraíram do atraso, as bocas se encontrando e os corpos mais próximos impactaram em mais meia hora perdida para além da hora inteira que já estava atrasado. Miguel bateu a porta do apartamento e a trancou, descendo as escadas enquanto mordida um pão artesanal péssimo que Túlio teimava em dizer que era bom.

Considerando a qualidade do alimento, preferiu ficar com fome. Olhou em volta e bateu a mão no bolso, estava com a chave do carro de Túlio. Bufando, olhou para

cima, o homem estava de folga, ele iria atrasar ainda mais, devolveria o automóvel depois. Ele acionou o alarme e empurrou a bagunça de Túlio para o lado, colocando a sua mochila no banco do carona. Acionou o carro e moveu a mão, ativando acidentalmente o limpador do para brisas. Lembrou a si mesmo que aquele não era o seu carro e enfim, achou a seta, saindo da vaga e seguindo em direção à rua. Nunca se acostumava a dirigir o carro de Túlio, ainda mais quando estava pensando em outras coisas no momento, a reunião que devia começar em breve.

Ao entrar no restaurante, encontrou toda a equipe finalizando a discussão do serviço do almoço e fechou os olhos, suspirando e balançando a cabeça. Cecília fechou o caderno e sorriu o encarando. Miguel revirou os olhos e não precisou dizer mais nada. Era evidente que ele estava atrasado, mas o restaurante funcionava muito bem sem ele. Por mais que odiasse o atraso, tinha muito orgulho da equipe funcionar tão bem. Funcionava muito melhor do que quando Matias era o *sous chef* e tinha um relacionamento com o *chef*. Definitivamente Miguel sabia agora que a sua cozinha era um ambiente sagrado e não devia misturar as duas coisas. Pensando bem, ele resistiu por meses para misturar as duas coisas até que Matias o venceu pelo cansaço.

- A Jaque não veio, a Maluzinha ficou doente, chamei a Teresa e ela já está cuidando de tudo. – Cecilia afirmou depois que ele o cumprimentou.

- Me lembre disso quando for me pedir seu aumento, ok? – Cecilia sorriu assentindo.

- Estava em Vales?

- A ponte está uma loucura e óbvio que eu não ouvi o despertador.

- Talvez a gente tenha bebido um pouco demais ontem.

- E como você conseguiu chegar cedo?

- Você é o manda chuva, eu sou apenas uma *sous chef*. Três despertadores. – a mulher sorriu, havia sido recém contratada quando os problemas se intensificaram ali. Sua baixa estatura enganava, Cecilia era ágil e determinada na cozinha, não à toa era uma das *sous chef* mais jovens da cidade.

- Vou me lembrar disso.

- Foi um atraso providencial, o Matias esteve aqui. – Miguel parou de andar e a encarou com o cenho franzido. Cecilia lhe estendeu um envelope verde oliva. – Ele vai abrir o próprio restaurante.

- Ele o que?

- E disse que seria uma honra que você estivesse lá. – Cecilia deu de ombros. – Eu não iria se fosse você. Ele veio entregar no horário da reunião por um motivo.

- Causar uma cena.
- E lhe expor. Veja seu celular, eu te avisei.
- Obrigado, Cissa.
- Faça o mesmo se a Tati aparecer ok?
- Você não vai ver nem a sombra dela.
- Que fase, Guel, que fase! – Cecilia empurrou a

porta para a cozinha e Miguel girou em direção ao escritório. Deixou a mochila na cadeira e olhou para o envelope em sua mão. O rasgou ao meio sem um pingo de remorso e jogou o conteúdo no lixo, alcançando o dólmã e o vestindo. Deixou o celular na mesa e seguiu para a cozinha.

No dia que Matias saiu do restaurante e, consecutivamente, de sua vida, ele decidiu que nunca mais deixaria ninguém atralhar a sua cozinha. Nunca mais alguém o exporia de forma ridícula em frente aos seus funcionários. Ninguém mais o machucaria daquela forma. Mas, curiosamente, Matias estava sempre procurando uma oportunidade para testar se ele realmente havia superado tudo o que aconteceu.

- Não é urgente, não é? – Miguel atendeu a ligação de Liana deixando Paulo responsável pela montagem do prato que estava finalizando.

- Onde está seu celular?
- Onde ele fica após eu chegar no trabalho.

- Te mandei o contato da Poliana, você viu e não respondeu.

- Lica, quantas vezes eu vou precisar lhe dizer?

- Faz séculos que seu casamento terminou, Miguel, supere isso.

- Lica, podemos conversar...

- Quando eu for aí e você se esconder na sua cozinha ou levar meus filhos para tomar sorvete e se livrar de mim? Ligue para a Poliana.

- Eu estou em um relacionamento, Liana, você que finge que ele não existe. – Miguel desligou e recolocou o telefone na base.

Liana era sua irmã mais velha e levava a sério o título. Ele era o caçula com três irmãs, um martírio real. Vanessa sempre suavizava tudo, mas Liana e Pérola consideravam que a vida de Miguel era propriedade única e exclusiva delas. Liana sempre estava de olho no status de seus relacionamentos amorosos e Pérola atenta a saúde de Miguel, que não se cuidava muito. Por isso, quando Vanessa aparecia para passar uns dias com o irmão, eles saiam para beber e falar mal das outras irmãs.

Uma das coisas que sempre irritou Miguel foi o fato de Liana ignorar solenemente o fato de que seu irmão era bissexual. Sempre que o assunto surgia, ela fingia que não estavam falando de nada demais ou que aquilo era apenas um “passatempo”. Quando Liana usou aquela palavra pela primeira vez, Miguel levou duas semanas para atender suas ligações de novo.

A irmã garantia a ele que não tinha nenhum preconceito, era uma pessoa “de cabeça completamente aberta”, mas era com Miguel que Tássio, o seu sobrinho mais velho, conversava sobre a descoberta da sua própria sexualidade, não era? Curiosamente era com ele e com a tia Vanessa que o garoto de 16 anos se sentia à vontade para questionar o que estava sentindo sobre outras pessoas.

O que mais incomodava Miguel não era o fato da sua irmã ignorar a sua orientação sexual. Ele realmente não esperava que ela entendesse, nunca esperou. Assim como não esperava que seus avós entendessem. O que realmente o tirava do sério era o fato de Liana centralizar a vida inteira em relações afetivo sexuais institucionalizadas, ou seja, um casamento.

Assim, ela considerava que o seu último relacionamento foi o casamento com Silvana, anos antes.

Claro, ela era do gênero feminino, eles moraram juntos e havia uma mulher para apresentar aos amigos como esposa do irmão. Havia uma mulher para atestar o fato de que seu irmão era bem-sucedido e casado, como se não houvesse como ser outra coisa. Vanessa sempre lhe lembrava que ela era mulher, solteira, lésbica e trabalhava como *free lancer*, logo, para Liana, sua vida era uma catástrofe.

A irmã mais velha era o tipo de pessoa que realmente acreditava que a vida só poderia ser vivida de forma plena se você fosse um adulto com uma casa própria, um casamento e filhos, de preferência, um casal. As suas amigas eram, quase em maioria, esposas dos amigos do marido, Liana não falava sobre amizade com pessoas solteiras.

Miguel gostava muito mais das ligações preocupadas de Pérola, que sabia que ele estava sempre comendo em pé na cozinha e sem se preocupar muito com a sua saúde. Ela fazia um discurso cuidadoso e preocupado nos primeiros minutos que se encontravam, Miguel sorria e lhe beijava garantindo que estava bem e a vida seguia. Com ela era possível falar de uma infinidade de assuntos, inclusive da sua bissexualidade.

Pérola tinha um casal de gêmeas, era casada com o segundo marido e morava em Vales. Túlio morava em Vales, Pérola estava lá, não era à toa que Miguel estava sempre cruzando a ponte que interligava as duas cidades.

- Posso dormir com você essa noite, chef? – Cecilia perguntou no fim do dia e ele a examinou com cuidado. A mulher riu e balançou os cabelos curtos jogando a cabeça para trás. – Você não contratou uma *sous chef* lésbica para não ter que se preocupar com problemas?

- Se alguém lhe ouvir, vai pensar que eu levo todo mundo para a cama.

- Todas não, só as que quiserem. E se eu quiser algo com alguém da sua família, vai ser com a sua irmã. – ela sorriu um pouco. – A Tati ficou de ir pegar as coisas dela e eu sei que ela não quer só isso e deixar a chave. Ia dormir com o Ravi, mas ele me deu um perdido.

- Preciso devolver o carro do Túlio e pegar o meu. Amanhã ele trabalha. – Miguel alcançou o molho de chaves de casa e estendeu para a mulher que assentiu grata. – Não vou me atrasar para a reunião de novo. Três despertadores, eu aprendi. Tem sorvete da Rica no congelador. Você fica bem sozinha?

- Seu homem está de folga, *chef*, vai fundo. Eu tenho sorvete.

2022

*Presidente,*

*No dia que o meu pai deu de cara com o Alex, ele estava nos fundos do restaurante, revirando o lixo atrás de comida. Meu pai estava ali escapando de uma manhã caótica e saiu para tomar um pouco de ar puro. Então ele encontrou um garoto franzino fuçando o lixo e faminto. Meu pai ainda fala desse dia com lágrimas nos olhos. O Alex estava com 12 anos, ele tinha sido expulso de casa dois anos antes. Qual o motivo? Ele era “diferente”.*

*A diferença do meu irmão era uma só: ele era um homem, mas as pessoas em volta dele teimavam em acreditar que ele era uma mulher. Meu pai lhe deu um prato de comida, água e uma noite bem dormida no escritório do restaurante. O Alex era uma criança desconfiada e as vezes arredia, era dois anos mais novo do que eu e eu tinha um pouco de ressalva com dele. Bastou uma semana para ele se mudar para nossa casa, se acomodar no quarto ao lado do meu e meus pais se perguntarem se eles podiam adotar aquele garoto.*

*Todo o processo de adaptação foi bem difícil assim como o processo de adoção propriamente dito e não porque o*

*meu irmão era uma pessoa complicada, mas ele havia sofrido tanto que não conseguia confiar em ninguém.*

*Eu lembro do nosso primeiro Natal em casa e da alegria do Alex ao ganhar o skate que ele sempre quis. Meu irmão nunca ganhou algo que ele desejou, mesmo que não tivesse vindo de uma família sem condições financeiras para tanto.*

*Meu irmão não era um pobre menino que fugiu a pobreza, meu irmão fugiu da violência e foi expulso de casa, da sua família, dos seus responsáveis. As mesmas pessoas que consentiram com a adoção e que usavam o nome anterior do meu irmão. Não, não eram pessoas pobres e sem escolaridade. Tinham um pequeno comércio, concluíram a escola, tinham mais filhos e se negavam a aceitar meu irmão como um ser humano.*

*Essa sim é uma família desestruturada, presidente. Sem estrutura no afeto e no respeito, sem consideração alguma. Meu irmão passou dois anos na rua porque as pessoas que deveriam protegê-lo acreditavam que ele não podia ser quem ele era. Ele ainda tem pesadelos terríveis de acordar aos gritos a noite e volta e meia aparece para dormir em minha cama. Ele não gosta tanto da escola, mas está tentando estudar.*

*Meu irmão fugiu da violência e encontrou o amor, senhor presidente. Algo que o senhor deveria encontrar aí em seu coração enquanto usa o nome de Deus em vão. Se o seu*

*Deus não aceita o meu irmão como ele é, ele não pode ser o Deus de todos, de todas as pessoas, aquele que acolhe e ouve. Esse Deus que o senhor tanto repete enquanto afirma absurdos é um Deus que eu não reconheço.*

*Atenciosamente,  
Sara Sousa Lima*

2010

**E**ra tão óbvio que voltar foi uma péssima escolha que, por isso, Luiza não desarrumava as malas. Estava de volta à mesma casa que morou com os pais, a casa que o pai a assustou com péssimas previsões de futuro e com gritos no Natal em que contou a eles que estava grávida. Há quase oito anos não frequentava o apartamento e não sentia como se aquele fosse realmente o seu lugar. Quando o pai lhe expulsou de casa, ela não imaginava que voltaria para morar naquele espaço, naquela cidade. Seu pai morreu sem falar com ela, mesmo que a mãe continuasse presente.

Marta apareceu na sua porta três dias depois do Natal, Luiza estava amedrontada demais com o futuro para brigar com a mãe por não ter a defendido na noite da revelação. Marta lhe garantiu que a filha não viveria aquela gravidez sozinha se decidisse ter o bebê. Não importava o que o pai pensava ou dizia, ela era sua mãe. Marta cumpriu a sua palavra e passava temporadas com as duas, permitindo que Sara tivesse contato com outro membro da sua família de origem que não a sua mãe.

Sete anos depois, Luiza estava desempregada, morando novamente com a mãe e com a filha. Em uma casa que não se sentia à vontade, num quarto que era seu, mas

não era mais. Precisava de um emprego, de uma escola para a filha, de uma vida organizada de novo. Ela vivia o cotidiano de forma automática tentando escapar das sensações ruins que soterrou diante da necessidade de aprender a ser uma mãe e criar um ser humano. Na maioria do tempo, sozinha.

O mesmo ser humano que se parecia muito com o pai – que nunca quis conhecê-la – e que era impossível esconder. Sara não herdou a pele branca do pai, mas não possuía a pele negra no mesmo tom da mãe. Seus cabelos eram, agora, ondas castanhas como os da mãe, os traços do seu rosto lembravam muito os de Bernardo quando mais novo, apenas a boca se parecia com a de Luiza.

Santiago não era uma cidade pequena, mas haviam muitos caminhos em comum com outras pessoas que também conheciam Bernardo, que estudaram com ele, que reconheceriam os traços no rosto... Ou ela estava exagerando? Não havia nenhum histórico de envolvimento entre os dois, como as pessoas desconfiariam?

Ela estava convicta de que não era necessariamente explícito quem era o pai da sua filha até encontrar Carla. A mulher sempre foi a mais ativa nas fofocas da escola e parecia que não havia mudado nos últimos anos. Luiza estava na fila de uma doceria com Sara segurando sua mão quando ela se aproximou e se abaixou para falar com a menina.

Quando Carla levantou os olhos para a antiga colega da escola, era óbvio que ela já sabia e a forma como sorriu deixou explícito que a notícia se espalharia. Carla ainda mantinha uma relação de amizade com muitas pessoas da turma da escola, era possível ver no pouco tempo que Luiza esteve na festa. Luiza não ia lhe pedir para manter aquilo em segredo, o que só aumentaria a atenção da mulher para o tema. Ela tentou se manter o mais tranquila possível enquanto Carla elogiava a girafa de pelúcia que Sara segurava nas mãos.

Quando se despediu, a mulher se sentou algumas mesas adiante e alcançou o celular. Luiza a olhou com atenção, era questão de tempo para toda a antiga turma da escola saber e iniciarem as especulações sobre a possível – e surpreendente, para muitos – identidade do pai. Aquela era a última discussão que ela queria com aquelas pessoas, mas era inevitável, não podia esconder sua filha pro resto da vida.

Horas depois, Luiza abriu a porta e foi surpreendida pela figura de Bernardo estático a olhando, com seus olhos vivos e um sorriso gostoso. Ela sentiu o sorriso brotando dos seus lábios e piscou sonhadora. Bernardo era um pouco menor do que ela, sempre estava vestido de forma bonita e aparentemente descomplicada. Seu sorriso era harmônico,

parecia se barbear diariamente, Para Luiza, era difícil se conter quando o via, principalmente quando ele surgiu em sua porta.

Então repreendeu a si mesma: Como podia ainda ser impactada pela presença daquele homem? Onde estava sua sensatez ao se deixar levar pelo charme de um homem que via como única possibilidade para a gravidez um aborto? Ok, ela podia pensar na possibilidade, mas ele tentou impor uma decisão que não cabia a ele. Então porque ela insistia em encontrar seus pontos de beleza quando não recebeu seu apoio, sua atenção ou seu cuidado?

Quando confirmou a gravidez, Luiza estava atordoada, havia acabado de ser expulsa de casa pelo próprio pai, seu namorado estava a sugerindo um aborto, ela discutiu com seu melhor amigo e ainda achava aquele homem incrível? Como podia ser tão ingênua? Como podia se deixar levar por uma singela carinha bonita que revestia um covarde sem consciência? E desde quando Bernardo foi seu namorado? Os dois ficaram uma noite e estavam conversando constantemente, mas... Ele nunca havia sido seu namorado, ele se esquivou da responsabilidade e já era hora de entender isso.

- Posso entrar?

- Não. – assumiu uma postura séria e rígida. – Não lhe anunciaram.

- Conheço o porteiro. Minha tia ainda mora aqui no prédio.

- Você devia ter pedido para ser anunciado.

- Só quero conversar com você.

- Não temos nada para conversar.

- Mama! – a voz encheu a sala e Luiza viu o homem empalidecer. A raiva por suas atitudes se aglomerou em seu peito e ela respirou fundo enquanto sentia uma vontade absurda de socar o homem que parecia estar vendo um fantasma enquanto a garotinha linda, de tranças no cabelo, corria ao encontro da mãe.

- Amor, volte pro seu quarto, eu já vou.

- Oi. – Sara disse olhando diretamente para o homem que sorriu sem jeito. – Sou Sara.

- Oi, Sara. – abaixou perto da menina e sorriu. – Sou Bernardo.

- Filha, vá pro banheiro, já encontro você lá.

- Por quê? – Luiza piscou, incomodada com a desenvoltura da filha com o desconhecido.

- Sara, obedeça a sua mãe. – Luiza pediu quase implorando e a menina olhou para o homem.

- Tchau, Bernardo.

- Tchau, Sara. Foi um prazer lhe conhecer. – a menina se afastou pulando e os dois se olharam, Luiza resmungou baixo.

- Parece que você fez um ótimo trabalho.

- Você estava com ela naquela época? – Bernardo voltou a empalidecer. O mundo da mulher girou em uma velocidade inestimável e ela se agarrou à porta. Como ele pôde? Como ele foi capaz de ser tão desonesto?

- Lu, eu estava num momento complicado.

- Vá embora e nunca mais apareça. – Luiza tentou falar baixo, mesmo querendo gritar.

- Ela é minha...

- Não ouse, Bernardo! – Luiza exclamou irada o empurrando pelo peito para fora de sua casa. – Ela é minha!

- Ela se parece comigo.

- Ela não merece saber o tipo vigarista de pai que ela tem.

- E ela acha que eu estou onde?

- Longe, como sempre estive e como sempre vai estar.

- Lu, eu posso explicar.

- Eu não quero as suas explicações. Eu só voltei para essa cidade por causa da minha mãe. Respeitei o meu espaço, Bernardo, minha filha não merece saber das bobagens que a mãe dela cometeu.

- Foi de verdade, você sabe disso. – ela bateu à porta em silêncio, girando o corpo, engolindo suas lágrimas e seguindo para o banheiro.

2010

Muitos planos de Luiza haviam sido desfeitos por outras pessoas. Quando descobriu que estava grávida, não pensava em ter um conflito tão absurdo com o pai e perder o contato com ele. Quando sua barriga começou a despontar, ela ouviu um comentário do chefe do seu departamento que lhe dizia que não havia possibilidade de vida acadêmica para mães. Ainda mais “mães solteiras”.

Então os boatos começaram. Todas as pessoas da universidade particular que ela dava aulas queriam saber quem era o pai da criança, mas nunca foram honestas o bastante para lhe perguntar. Luiza era uma professora bem-conceituada e querida pelos alunos, possuía um salário possível, estava cursando o mestrado, construiu planos de futuros, perspectivas de estudar fora do país e de repente se viu grávida, se viu sozinha, se viu alvo de fofocas ridículas.

Como ela era uma mulher solteira e não estava em um relacionamento estável, o único possível desfecho para a não materialização do pai da criança era o fato dele ser casado. Pelos corredores, Luiza foi o pivô da separação de Renato com Maisa, um casal de amigos e professores da instituição com quem se relacionava muitíssimo bem, um

casal querido que vivia uma crise conjugal por conta das dificuldades de terem filhos.

Quando Luiza se anunciou grávida, sem saber estava dando mais um elemento para as fofocas pelos corredores, alvo de olhares cheios de reprovação, do disse me disse dos alunos e funcionários, de mais uma enxurrada de críticas e dificuldades.

Não voltou no semestre seguinte, reuniu suas poucas coisas e saiu da cidade, cansada, envergonhada e ainda mais sozinha. Foi morar em uma cidade duzentos quilômetros distante por conta de um emprego em uma escola que uma amiga da faculdade conseguiu. Ali, era uma mulher viúva, uma jovem viúva e seguiu seus dias até a morte do pai e as súplicas da mãe a levarem de volta a um passado com o qual ela ainda não conseguia viver. Luiza estava sempre aterrorizada com a possibilidade de as previsões do pai estarem corretas naquele Natal de 2003: ali, a vida de Luiza acabou.

- O que ele queria? – Heitor questionou enquanto os dois caminhavam pela rua para encontrar Melina.

- Estragar o meu dia.

- Lu, ele foi atrás de você.

- Você quer que eu comece a sonhar com um felizes para sempre, Tor? Não foi você que disse que eu era uma

imbecil por acreditar.... – os olhos de Luiza se arregalaram encarando o amigo. – Você sabia!

- Você disse que não queria ouvir mais nada.

- Mas você precisava me dizer aquilo! Você não tinha o direito de esconder que ele tinha uma namorada.

- Cara, não grite com a pessoa errada. – ela suspirou. – Eu me arrependi por todos esses anos e procurei seu pai para saber de você, mas você tinha mudado de endereço, seu pai não falava mais com você, afirmou categoricamente que eu não podia falar com sua mãe e eu não sabia como te encontrar. Você sumiu sem deixar rastros.

- Não podia me manter na mesma cidade que ele.

- Imagino como foi difícil.

- Não me arrependo.

- Não duvido. – ele olhou para a amiga com cuidado. – Naquela época eu achava que era apaixonado por você.

- Você o que?!

- Estava querendo me declarar e você me vem com a notícia que estava de namorico com o Bernardo? Eu me revoltei.

- Desde quando você foi apaixonado por mim?

- Desde nunca, achei que talvez podia ser. Mas não era.

- Você sempre o odiou.

- Era impossível concorrer com o Bernardo na escola. Todas as meninas gostavam dele.

- Adoraria dizer que eu não o suportava.

- Você ainda gosta dele?

- Eu achava que não, mas ainda me sinto uma menina ao lado dele. Que idiota.

- Até hoje não consigo falar com a Denise sem gaguejar.

- Mesmo tendo casado com a capa da Playboy?!

- Não fale assim. – ela riu animada. – Mesmo assim, Cara. Ela não me dava bola, mas eu era louco por ela.

- Eu lembro. – pouco depois estudou os dedos da mão. – Como ela é?

- Quem?

- A esposa dele, a Helena. Você a conhece?

- Não passa de uma mulher mimada e fútil, nunca conversei com ela, mas ela e a Mel estudaram por um tempo juntas ou algo assim.

- Imagino que se ele foi até a minha casa, sabia que a veria. Me pergunto se a esposa dele sabe disso.

- Não sei como ela reagiria se descobrisse.

- Não estou falando isso por interesse nele, mas a minha filha tem o direito de conhecer o pai, não?

- Com certeza. É uma pena que o pai dela seja um covarde. – os dois se encararam.

- O que você acha que eu devo fazer?

- Vá viver sua vida e arrumar suas coisas aqui. Mantenha o Bernardo longe até se sentir melhor em relação a tudo isso.

- É bom ter você de volta, Cara.

- Você não imagina o tamanho da minha saudade. – ele afirmou a abraçando com força, beijando seus cabelos. – Vai dar tudo certo.

- Eu torço que sim. A Mel não tem ciúmes de mim?

- Ela é amiga de um ex-namorado, ela não tem precedentes para se incomodar com você. – Luiza riu mais tranquila e Heitor a abraçou pelos ombros. – Na verdade, ela está ansiosa para lhe conhecer melhor.

Quando decidiu sair da cidade que morava e seguir de mala e cuia para a casa de mãe, Luiza não estava em plena razão. Trabalhava há um ano e meio em uma editora e equilibrava as tarefas como revisora e como mãe, em um malabarismo complexo que a exauria. Apesar disso, podia contar com a escola de tempo integral da filha e com Maiane, a filha de sua vizinha que cuidava de Sara quando ela precisava. Maiane e Sara se entendiam incrivelmente bem, tão bem que Sara vivia perguntando pela menina e sentindo saudades dela.

Quando soube da morte súbita do pai, seguiu para o enterro deixando Sara aos cuidados de Maiane e Eliana, sua mãe. Voltou no dia seguinte com a promessa já feita,

sua mãe estava triste e cansada, assustada com o mal-estar do marido enquanto tomava um banho. Havia uma dívida de gratidão com a mãe, com a sua atitude, com sua paciência e atenção. Pelo apoio de todos aqueles anos enquanto o pai ignorava a filha e Marta aparecia todos os meses, lhe ajudando com Sara, lhe apoiando emocional e economicamente.

O Natal de 2003 culminou em uma série de acontecimentos bizarros. Um pai que a mandou embora, um pseudo namorado que não queria aquela gestação, um amigo querido perdido pela bagunça sentimental, um voltar para casa à toa, um seguir a vida enquanto a vida parecia pouco capaz de seguir e a mudança para uma outra cidade, meses depois, enquanto ainda vivia o luto por um mundo de coisas.

O que ela também não pensou foi que ali, em sua cidade natal, além das lembranças e dos reencontros não havia um emprego certo e suas economias não lhe sustentariam por muito tempo. Foi assim que, em uma terça-feira despreziosa, entrou em um restaurante bonito a procura do homem que queria uma tradutora, atividade que ela exercia com perfeição nas horas vagas. Então, atrás do balcão principal do salão completamente branco com muitos detalhes em madeira e janelas largas, estava o antigo colega de escola que ela encontrou na saída da festa.

Miguel nunca havia sido seu amigo, os dois não se falavam muito, ele andava com um grupo específico de pessoas e era bastante fechado. Agora estava ali, usando um dólma. Luiza sabia o nome da roupa de cozinheiros depois das pesquisas para um trabalho anterior de tradução. Miguel vestido com um dólma, atrás de um balcão de um restaurante bonito, concentrado no celular.

- Miguel?

- Oi, Luiza. – ele sorriu. – Surpresa?

- É seu?

- Olha o que a vida não faz com a gente, não?

- Desde quando você tem um restaurante?

- Desde 2008, depois que larguei engenharia em 2005 e fui estudar na França.

- Como? – ela perguntou rindo e o examinou com descrença. Miguel assentiu sorridente e apontou para sua foto na parede.

- E sou bom, é o que dizem. – o homem deu de ombros levemente sem jeito. – Ainda não abrimos, mas...

- Não sabia que ainda não estava aberto. Uma amiga me indicou um cliente para traduções. Ele disse que eu o encontraria aqui. Paulo Munhoz.

- Meu sócio, o homem que tornou o sonho possível. – ele sorriu. – A irmã dele foi criado nos Estados Unidos,

ele aposta no livro dela. Ele está a caminho, sente-se. Aceita algo para beber?

- Uma água com gás, por favor. – ela acomodou-se no banco alto do balcão.

- A cozinha está começando, ainda não tenho nada para lhe oferecer.

- Não se preocupe, volto em outro momento para conhecer o cardápio. – ela assentiu. – Como terminou a festa?

- Eu devia ter ido embora com você, aquilo foi um fiasco.

- As pessoas estavam se divertindo.

- As pessoas sim, nós não. – ele lhe servindo e ela agradeceu com um aceno de cabeça. – O Tor está feliz por você estar de volta.

- Tor?! Vocês são amigos agora?

- Ele é casado com a minha prima, gosto dela. Não tive muita escolha.

- Que estranho, vocês nem se falavam na escola.

- Vocês não falavam comigo.

- Sinto um ar de drama nessa fala. – ele sorriu a olhando nos olhos, o que fez Luiza sorrir. – Você era da turma dos populares.

- Eu era dos caras comuns, não fazia muita diferença no ecossistema.

- Sim, sim, obrigada por melhorar a vida das meninas que os meninos não queriam.

- Sempre lhe achei uma garota bonita. – disse sem embaraço ao passo que ela riu com descrédito. – Sempre.

- Ok, Miguel. Você quer ouvir elogios? Não vai ouvir de mim.

- Tudo bem, posso viver com a sua indiferença. – sentou-se no lado contrário do balcão. – Veio para ficar?

- Parece que sim, pelo menos por enquanto. Estou tentando me adaptar e a procura de um emprego. Sou tradutora, mas também professora de letras.

- A Universidade de Vales está com vaga para professores, fica a vinte quilômetros, um pouco antes da cidade propriamente dita.

- Seria ótimo. Você conhece alguém de lá?

- Minha ex-mulher. – ele sorriu assentindo ao ver o seu olhar curioso. – É, sei que sou muito novo para ser um homem separado, mas sou. Oficialmente continuo solteiro, mas morei com ela durante um ano. Somos bons amigos agora. – alcançou um papel, escrevendo as informações. – Ela se chama Silvana, ligue para ela, ela é de história, mas pode lhe passar as informações.

- Obrigada, Miguel. Vou perder pontos se disser a sua ex-mulher que estudei com você?

- Não, não, realmente nos damos bem. Ela diz que me criou, não tivemos filhos, acho que ela fez um bom trabalho.

- Já ouviu falar da minha pequena, não?

- Sua filha? – questionou franzido o cenho e a olhando.

- Achei que todos sabiam.

- Não me misturo com o pessoal da escola. Eu queria cobrar uma dívida do Murilo, por isso apareci na festa. O cheque tinha fundos dessa vez. – assentiu voltando a sorrir. – Então você tem uma filha.

- Sara, sete anos, o amor da minha vida. – afirmou sorrindo com dificuldade. – Você aprendeu a não confiar no Murilo?

- Ele me disse que a vida dele mudou depois que te viu. Obrigado, foi o bastante para eu conseguir um cheque com fundos. – ela gargalhou.

- Soube que ele está noivo.

- Dizem que sim, não conheço a guerreira. – a porta de entrada se abrindo atraiu a atenção deles. Um homem com cabelos grisalhos, de estatura baixa, barriga proeminente e rosto simpático entrou no recinto. – Munhoz, essa é a Luiza, sua tradutora, minha colega de escola há muitos anos.

- Prazer lhe conhecer, Luiza. Não preciso saber mais nada sobre você agora que sei que você conhece o

Miguelito. – ele afirmou se aproximando e a beijando o rosto enquanto Miguel a olhava novamente sorridente.

\*

Se aventurar no mercado central da cidade num sábado pela manhã não era a melhor das experiências, mas Miguel não teve escolha. Faltava pouco para o Natal e não pretendia servir panetones na ceia daquele ano, tinha outros planos. Seus fornecedores estavam garantindo tudo o que ele demandou com antecedência, mas prometeu a sua avó que levaria panetone quando fosse almoçar na casa de Pérola no dia 25. Por isso queria fazer testes de uma receita nova no dia seguinte em casa e precisava de frutas cristalizadas.

Cumprimentou seu Roque, seu feirante preferido e seguiu em direção à banca de dona Maria, que vendia produtos à peso e era sua última esperança em achar o que precisava. Ainda faltavam dez dias para o Natal, por que as frutas já estavam em falta?

A menina de olhos e cabelos castanhos lhe distraiu os pensamentos e ele estancou surpreso, olhando em volta. Ela parecia sozinha. O homem abaixou um pouco a cabeça a examinando com mais atenção. Sara o encarou e os traços do rosto eram muito familiares ao homem. Miguel cruzou

os braços e não tirou os olhos dos dela que deu um passo para trás incomodada.

- Você é a filha da Luiza?

- Não falo com estranhos. – a menina agarrou a boneca e Miguel assentiu dando um passo para trás, respeitando a sua desconfiança. Luiza apareceu andando rápido e sorriu aliviada ao ver o homem.

- Tudo bem, Amor, a Mama conhece o estranho. – ela disse tocando os ombros da filha. – Por favor, não saia do meu lado.

- Desculpa, Mama. – ela disse encarando o estranho. – Oi.

- Oi, Sara. Estudei com sua mãe na escola.

- Você conheceu o meu pai?

- Sara!

- Você disse que ele estava longe, estamos longe agora, não? – a menina perguntou de súbito e Luiza não olhou o outro.

- A vovó está logo ali, vá ao encontro dela, conversamos sobre isso em casa.

- Tchau, Estranho.

- Tchau, Sara. – ele disse sem jeito observando a menina se afastar e tocar a avó que sorriu para ela.

- Desculpe.

- Não precisa dizer nada.

- É tão evidente assim?

- Não sabia que você e o Bernardo...  
- Eu não sabia que ele tinha uma namorada.  
- Não estou lhe pedindo explicações.  
- Quero evitar o falatório. Não posso esconder minha filha porque ela é a cara do pai.

- Ele sabe?

- Sempre soube.

- Por isso nunca gostei dos populares. – retrucou cruzando os braços e a encarou. – Natal de 2003.

- Você fez as contas?

- Foi a última vez que tive notícias suas. Foi no dia que meu avô morreu, não esqueceria. Foi um dia indigesto. Alguém me disse que viu você, acho que a Carla. Não sei. Estava confuso.

- Sinto muito.

- Já não dói mais tanto, mas obrigado. – assentiu cruzando os braços e olhando em volta. – Estava procurando frutas cristalizadas, mas parece que o estoque acabou antes mesmo do Natal.

- Muitos panetones. – ela sorriu desconfortável e o homem a olhou sério.

- Seu segredo está guardado comigo.

- Obrigada.

- Nunca gostei do Bernardo, agora gosto menos ainda. – a mulher suspirou. – Desculpe, Luiza, estou falando demais.

- Tudo bem. – ela sorriu com esforço.  
- O Munhoz está cheio de expectativas.  
- Estou mergulhada no livro, é ótimo.  
- A irmã dele vem para o ano novo, seria uma ótima oportunidade para vocês conversarem. Você já tem planos para a virada?

- Mãe em tempo integral.

- Se quiser aparecer com a Sara e sua mãe no restaurante, vamos fazer uma ceia. Acho que seria bom. Vamos ser a minha família e a do Munhoz, não vamos trabalhar nesse dia.

- Lu?

- Oi, mãe. Lembra do Miguel? Estudamos juntos da escola. – Luiza afirmou chamando a mãe que olhou o outro com atenção. – Essa é a minha mãe, a Marta.

- Você não é o chef do Mediterrâneo?

- Sim e a senhora adora o risoto de filé e shitaki. – sorriu a cumprimentando. – Estava convidando a Luiza para nossa ceia de fim de ano, seria um prazer tê-las conosco.

- Obrigada, querido, é muita gentileza sua.

2010

**T**udo o que aprendeu nos últimos anos de sua vida estava completamente bagunçado com o retorno à cidade. Luiza imaginava que em algum momento teria que contar mais informações sobre o paradeiro do pai de Sara para ela, a menina estava crescendo. Entretanto, não imaginava que seria daquela forma, com todos os sentimentos se atropelando e uma tarde no parque com direito à sorvete e uma filha radiante.

Como explicaria à filha que seu pai não quis a conhecer naqueles sete anos? Que ele poderia ter procurado por ela, já que Marta entregou o novo número telefone de Luiza para a mãe dele? Que, se ele quisesse, teria a conhecido... Como explicar que o mesmo homem que a empurrava no balanço naquela tarde era um covarde que traiu a namorada e deixou uma mulher grávida sem suporte?

Ela estava certa ao permitir que Bernardo se aproximasse? Não seria melhor manter a realidade como estava antes? Bernardo não quis conhecer Sara, Bernardo não constava nem na certidão de nascimento da menina. Por que não continuar assim? Por que não seguir à vida mantendo distância? Afinal, seu coração palpitava de forma ridícula quando o via brincar com a filha, não era?

Quando imaginava que aquela podia ter sido a vida deles desde o início. Luiza sentiu lágrimas nos olhos e concluiu que não estava errada, não estava se fazendo o melhor para Sara.

A realidade logo surgiu para lhe lembrar que faz de contas não duravam mais do que alguns segundos de devaneio e ela identificou Helena cruzando a praça e cravando os olhos no marido que empurrava o balanço de Sara novamente. Luiza sentiu uma onda de água gelada tomando todo o corpo e apressou o passo, atravessando o mar de crianças sorridentes.

- O que significa isso? – Helena questionou encarando o marido brincando com uma menina em companhia de Luiza. Bernardo a olhou assustado e surpreso dando um passo para trás e levantando as mãos em sinal de rendição. Luiza adiantou o passo e tirou a filha do balanço a acomodando no colo. – Quem é essa...

A pergunta de Helena se perdeu no ar quando a garotinha encarou a mulher tomada pelo susto. Luiza a puxou com delicadeza falando em seu ouvido que não se preocupasse enquanto a outra cravava os olhos no marido.

- Bernardo, não me diga que você é essa mulher...

- Helena, podemos conversar em casa.

- É sua filha?! – ela exclamou alto e Luiza se sentiu subitamente gelada, segurando a menina com mais força no colo. Então ela percebeu que estavam todos olhando a cena

e lembrou a si mesma que não precisava estar ali, que não devia nenhuma explicação a Helena. – Não ouse sair daqui, Luiza.

- Saia da minha frente. – a mulher pediu segurando a filha como se estivesse em ameaça.

- Quantos anos ela tem?

- Helena, não faça isso. – Bernardo pediu retendo a esposa que se livrou dele com um empurrão.

- Quando isso aconteceu? Ande, Bernardo! Conte o que está acontecendo! Vocês estão se encontrando há quanto tempo?!

- Helena, chega! – Bernardo exclamou segurando a mulher pelos ombros e Luiza aproveitou a deixa para sair com a filha que chorava surpresa em seu colo assustada com os gritos, com os olhares dos curiosos e com a tarde divertida no parque destruída por uma mulher que ela não conhecia.

Durante todo o tempo que voltava para casa no carro, Sara estava abraçada com a sua girafa de pelúcia e sem falar nada. Luiza não sabia como explicar a situação, então achou prudente equilibrar as próprias emoções primeiro antes de enfrentar aquela conversa com a filha. Não queria contar a Sara que Bernardo era o seu pai enquanto não tivesse certeza de como resolver a situação. Assim como queria que os dois criassem um vínculo, se

conhecessem um pouco. Para sua surpresa, Bernardo estava aceitando os seus termos e respeitando o tempo dela.

Sara havia passado por muitas mudanças, ainda estava se adaptando na rotina em Santiago. Luiza também tinha medo do que contar a filha poderia significar, como ela reagiria? Como ela se sentiria? Como ela podia revelar a identidade do pai da forma menos impactante possível? Ela estava decidida a não lhe contar até encontrar a melhor forma então Helena surgiu destruindo sua frágil sensação de controle.

- Mama.

- Diga, querida.

- O Bernardo é o meu pai? – ela questionou coçando os olhos e Luiza a encarou. Sara estava sentada no meio da cama, com seu pijama de corujas, os cabelos soltos e os olhos atentos à mãe que se acomodou cansada na cama e alisou os lençóis. – Mama?

- O que você acha?

- Que ele é, que ele estava longe e que aquela mulher não gostou de saber.

- E o que você achou disso?

- Gosto dele. – afirmou sorrindo um pouco. – Não sei se gosto dela.

- Eu também não sei.

- Ela era namorada dele sempre?

- É complicado. Não se preocupe com isso, meu amor. – ela arrumou os travesseiros. – A Mama queria que você o conhecesse primeiro, para depois falarmos sobre isso.

- O Bernardo é meu pai, Mama?

- É sim, Al.

- Que bom. – ela sorriu e deitou o corpo fechando os olhos. – Gosto dele, Mama.

2022

*Presidente,*

*A partir do momento em que eu conheci meu pai biológico, minha mãe nunca mentiu para mim. O Bernardo sabia da minha existência, ele tinha uma namorada, minha mãe nunca foi avisada do fato.*

*Mesmo tendo sido participante da minha existência no mundo, ele nunca perguntou, ao menos, se ela estava precisando de suporte financeiro. E a família dele nunca teve problemas com dinheiro. São uma família branca, cheia de imóveis e empresas, herdeiros de uma das famílias mais tradicionais de Santiago.*

*Minha mãe não vem de uma família com as piores condições financeiras, mas o Bernardo sabia que meu avô não quis contato com ela e mesmo assim, a deixou sozinha. Esse é um pai ideal para você, presidente?*

*Eu não sou a única pessoa que sofre com essa realidade. Existem 34,4 milhões de lares com mulheres chefes de famílias no país, segundo o IBGE; assim como mais de 1,5 milhão de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento. Eu era uma delas até que o meu pai, o Miguel, entrou com um pedido de reconhecimento de paternidade. Até aquele momento, havia um “desconhecido” na minha*

*certidão de nascimento. Mas esse não é um tema que você  
ouve falar por aí, não é mesmo? As pessoas não estão  
realmente interessadas em onde estão os pais. Tudo é  
sobre as mães.*

*Ao mesmo tempo, as pessoas estão muito mais  
preocupadas em usar as dificuldades de famílias das mais  
diversas como justificativa para qualquer coisa, como se  
uma família dita tradicional com um pai e uma mãe  
sempre fosse um ambiente completamente saudável para  
crianças. As pessoas como você, presidente, arrotam a  
prepotência de suas famílias ditas “ajustadas” enquanto  
violentam famílias que você não reconhece como “reais”.  
Sinceramente, a sua opinião não importa para mim. A  
minha revolta é que essas suas ideias reforçam um  
preconceito absurdo e a discriminação e, muitas vezes,  
diagnósticos questionáveis.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

2010

**D**epois daquele acontecimento, Luiza passou alguns dias completamente alheia. Estava trabalhando na Universidade e com o trabalho de tradução, essa parte da vida estava organizada. Em casa, conseguiu arrumar algumas caixas e começar a pensar na ideia de ficar ali. Sua filha estava se aproximando do pai, aquilo seria importante para a criança. Ela não sabia como Bernardo contaria a esposa, se ele já havia dito algo, mas então a cena revelou que Helena não foi avisada e era compreensível que ela gritasse escandalizada. Luiza a entenderia mais se ela não houvesse assustado Sara. Ela, com certeza, seria muito mais compreensiva se sua filha não estivesse presente.

Como Bernardo não fez contato com ela nem naquele e nem nos dias seguintes, ela entendeu que a situação seguia complicada e se perguntava como diria a filha que o pai dela não apareceria mais agora que a esposa dele sabia de sua existência. Helena a olhou de forma curiosa desde o dia da festa da escola, por algum motivo, ela pescou algo no ar. Com certeza uma filha não era o que ela tinha em mente, possivelmente era uma revelação chocante demais.

Com prazos correndo, ela precisava se concentrar no trabalho e lidar com o caos pessoal depois. Por isso, abriu a porta do restaurante e encontrou o salão vazio. Deu mais alguns passos e não percebeu qualquer movimentação, andou para os fundos do local e identificou Miguel sentado atrás de uma mesa atento ao computador com a porta do escritório aberta. Ela bateu levemente e ele moveu o olhar em sua direção, sorrindo de forma vibrante. Luiza sorriu também, distraíndo-se do mal-estar geral que a tomava.

- Oi, Luiza.

- Oi, Miguel. O Munhoz está?

- Ele me disse que atrasaria um pouco, mas entre.

Estou me preparando para o jantar.

- Não queria atrapalhar.

- Entre, eu insisto. – ela assentiu entrando e se sentando na cadeira em frente a ele, Miguel a encarou daquela mesma forma confortável e intensa dos outros encontros e não sorria mais tanto. – Como você está?

- Eu?

- Algumas notícias chegam rápido. A Sara está bem?

- Muito melhor do que eu.

- Ela entendeu, não?

- A Helena gritou o suficiente para ela entender. – resmungou se remexendo na cadeira. – Ela adorou saber

que o Bernardo é o pai dela, mas não quero imaginar o que pode acontecer agora. Pelo visto, o Bernardo “esqueceu” de dividir a existência da filha com a esposa.

- Posso lhe ajudar de alguma forma?

- Obrigada, mas estou pensando em ir embora.

- Não faça isso, você está recomeçando aqui.

- Você imagina como vai ser a vida da minha filha nessa cidade?

- A cidade não é pequena e eles não são donos dela.

Não vá.

- Não sei.

- Se eu fui traído pela minha ex e sobrevivi...

- Você o que?! Você me disse que vocês tinham uma boa relação.

- Uma coisa invalida a outra?

- Aí você me diz que foi com o Bernardo.

- Por sorte não.

- Você está falando sério?

- Com um professor visitante da Universidade. Ela estava em crise, eu não posso ter filhos. – Luiza suspirou, aquilo lhe lembrava muito a revelação de sua gravidez e os rumores envolvendo o casal de amigos. – Que pessoa insensível eu sou, não? Desculpe. O mundo caindo aos seus pés e eu lhe contando meu drama.

- Sinto muito, Miguel.

- Nunca quis tê-los, não se preocupe.

- Não deixa de ser ruim.

- Você tem razão.

- Quem lhe contou sobre a discussão?

- O Munhoz, ele conhece os pais da Helena. Ela saiu de casa.

- Eu sou o pivô de uma separação agora? E o Munhoz me ligou para cancelar o contrato?

- Não se preocupe, ele não simpatiza com a Helena. Se eu puder lhe ajudar em algo, de verdade, estou à disposição.

- Obrigada, Miguel.

\*

Foram necessários sete dias para o nome de Bernardo aparecer na tela do seu celular e ela aceitar a sua ligação. Quando ele apareceu na porta do apartamento, Luiza estava sozinha, a filha na escola e a mãe saiu com uma amiga.

O homem surgiu com a roupa do trabalho, Bernardo gerenciava uma das empresas do pai. Estava com uma blusa branca, calça jeans e um blazer azul. Cheiroso e incrivelmente atraente como sempre esteve nos sonhos de Luiza. Ela fechou a porta e se virou para encontrá-lo a olhando muito próximo a ela. Ele sorriu e ela sorriu de volta. Ele deu um passo para a frente e ela não se moveu.

Ele lhe beijou e ela se sentiu novamente tragada, uma jovem recém-formada com todos os sonhos e planos pela frente e com ele.

Os dois se encontraram muito por acaso naquela primeira noite. Luiza estava comendo um lanche numa padaria perto de casa quando ele entrou pedindo uma água. Ele a reconheceu, ele chamou seu nome e se sentou enquanto ambos falavam do percurso no ensino superior.

Bernardo estava no último semestre de administração, curso que o pai impôs, mas queria ter feito engenharia civil. As empresas do pai eram do ramo de cosméticos e Bernardo queria construir prédios. Luiza contou que o pai tentou obrigá-lo a cursar direito, mas ela acabara de concluir o curso de letras. “Queria ter a sua coragem”, ele disse e ela sorriu bobamente. De lá, seguiram para um barzinho próximo e quando Bernardo a beijou, ela se sentiu muito viva. Como há tempos não se sentia.

Ele estava hospedado em um hotel para um evento acadêmico, os dois passaram a noite inteira conversando abraçados na cama. Luiza o olhava e o beijava e não conseguia acreditar que o ato que sonhava desde o primeiro ano do ensino médio estava se realizando.

Os dois conversaram por todo o mês de dezembro, por mensagens de texto, por ligações, planejavam se ver no Natal depois das ceias das respectivas famílias. Então grávida, sozinha e desesperada. Não.

- Não faça isso. – ela o interrompeu afastando-se. Bernardo suspirou e os dois se encararam. Era bom beijá-lo, mas não podia. Não podia beijar o mesmo homem covarde de sempre. – Você disse que queria falar sobre a Sara.

- Como ela está?

- Ela gosta da ideia de você ser o pai dela.

- Que bom, fiquei preocupado.

- Faz uma semana do ocorrido, se você estivesse mesmo preocupado, teria me procurado antes e não estaria fazendo isso.

- Não tenho mais nenhuma credibilidade com você, não é?

- Que bom que você sabe.

- Eu fiquei assustado quando você me contou.

- E eu? Estava como? Meu pai me expulsou de casa, eu ainda sobrevivia do dinheiro dele, Bernardo! E eu achava que estávamos juntos, mas você estava com uma namorada.

- Ela é filha de um dos sócios do meu pai, Lu, era um compromisso arranjado. Não éramos namorados, estávamos saindo. Com você era diferente, você sabe disso.

- Ah, claro e você casou por obrigação também.

- Você sumiu.

- Esperando uma filha sua.

- Você nunca vai me perdoar por isso, não é?

- Não.

- Meu casamento acabou, eu estava resolvendo toda a minha vida. Quero continuar vendo a Sara, se você permitir.

- Sim, me deixe apenas falar com ela.

- Sério, eu quero fazer isso. E estou em suas mãos, as cartas são suas, Luiza. – ela assentiu se sentindo levemente abobalhada.

O homem a puxou pelo braço, trazendo-a de encontro a ele e à sua boca. Há tanto tempo presa no caos do retorno, Luiza não se lembrava como era a sensação de bem-estar que um beijo poderia lhe trazer e o segurou deixando o corpo todo relaxar. Por um impulso momentâneo, se permitiu esquecer todas as ressalvas e ficar em seus braços enquanto os dois se beijavam. Era simples, como deveria ter sido depois da primeira noite.

Bernardo sorriu e abriu a porta, se despedindo em silêncio. Luiza fechou a porta e se encostou a ela, tonta como uma viagem no tempo, como a menina boba e maravilhada ao conhecer, pela primeira vez, um país estrangeiro de nome Bernardo.

## 2010

O jantar de Natal havia sido realmente um sucesso. Todos os fornecedores fizeram suas entregas conforme combinado, os funcionários estavam dispostos e animados, as preparações estavam funcionando enquanto ele e Cecília cadenciavam seus passos. Tudo correu perfeitamente bem no Mediterrâneo, naquela noite não houve nada fora do lugar e, pela primeira vez no último ano, Miguel se sentiu satisfeito consigo mesmo.

Foi o primeiro Natal em que ele conseguiu construir o cardápio exatamente como queria e que teve coragem suficiente para sustentar que o Mediterrâneo não teria nenhuma comida tipicamente natalina no cardápio. Afinal, Miguel estava cansado de assar peru. Se ele ia passar mais uma noite de Natal na correria frenética de sua cozinha, ele faria um cardápio como ele acreditava que um Natal brasileiro deveria ser, com muitas frutas, raízes e frutos do mar.

Para sua surpresa, a noite de Natal não teve nenhuma mesa disponível para os interessados de última hora e muitas pessoas de diferentes mesas confraternizaram entre si mesmo sem se conhecerem previamente. Miguel se deu alguns minutos parado na

porta de vai e vem da cozinha admirando o salão cheio e as conversas animadas.

Diferente do que Matias lhe disse nos dois anos anteriores enquanto era sous chef, diferente do que seus próprios pensamentos lhe faziam pensar, ele conseguiu. O jantar de Natal havia funcionado perfeitamente bem e ele foi para casa radiante depois de confraternizar com sua equipe.

Eles não abriram no dia 25, Miguel seguiu com os panetones prometidos para sua avó, tomou banho de piscina com as gêmeas de Pérola e se fartou com a comida da irmã. Foi uma tarde boa, depois de Pérola fazer as suas perguntas costumeiras sobre o seu estado de saúde e a avó aprovar seus panetones. As gêmeas adoraram os chocotones do tio.

O restaurante reabriu para o jantar do dia 26, poucas mesas estavam reservadas, mas tiveram um bom número de clientes. Miguel ainda estava cansado do ritmo do Natal, mas seguia realmente satisfeito com os comentários e devolutivas sobre a ceia.

Quando o movimento já tinha diminuído, Teodoro, um dos garçons, entrou na cozinha e disse que tinha uma mulher perguntando se colegas de escola podiam fazer pedidos quando a cozinha estava encerrando.

Miguel demorou algum tempo para entender que a cliente de última hora era alguém da escola e rezou para não ser Carla, não suportava quando ela aparecia para jantar.

Sentada numa mesa próximo à cozinha, estava Luiza. A mulher usava um vestido vermelho bonito e bem maquiada. Os cabelos estava com cachos bem definidos e preso lateralmente, havia um sorriso caloroso quando ele saiu pela porta. Ela lhe explicou que havia saído com Denise para um bar – *com um cardápio péssimo* – e estava com fome, então correu até ali para saber se podia usar relações colegiais como meio de conseguir uma refeição decente.

Não era a primeira vez que Luiza estava no seu restaurante, mas era a primeira noite em que ela o chamava, assim como ele tinha a possibilidade de lhe dar alguma atenção. Quando o prato chegou à sua frente, Miguel mesmo a serviu e se sentou para lhe acompanhar. A mulher não havia escolhido absolutamente nada, apenas lhe disse que confiava na indicação do *chefe* e ele fez questão de fazer o prato completo, só para ouvir o que ela teria a lhe dizer.

- Não esquento a cabeça com trabalho, eu lido muito bem com mil e uma queixas de estudantes. – ela afirmou dando mais uma colherada no creme *brulé* que ele lhe serviu como sobremesa. – Mas minha vida pessoal, meu

deus! Que caos. Queria que alguém a administrasse para mim.

- Acho que sou o seu oposto. – Miguel bebeu mais um pouco de vinho e suspirou. – Tenho que matar um leão por dia para terminar o jantar.

- Não imaginava.

- Vamos dizer que algumas últimas experiências da minha vida acabaram com minha confiança.

- Eu lhe ajudo se disser que eu comeria a sobremesa todos os dias da minha vida? E que eu não faço ideia do que seja vieira, que eu achava que era peixe, mas já sou fã?

- É um molusco, como uma ostra. Só um pouco mais metida a besta. Você não come peixe, você disse isso na última vez que estive aqui.

- Você grava o que as pessoas comem aqui?

- Modéstia parte é um dos motivos das pessoas voltarem.

- Registre no seu diário mental, eu não gostaria de comer lesmas, insetos ou ovas.

- Tenho tentado fugir do cardápio sem inspirações brasileiras.

- Soube que o Natal foi espetacular. – ele sorriu intensamente. – Pesquei uma conversa na academia e uma mulher disse que o peixe estava “orgástico, tanto quanto o chef”. Foi o que ela disse.

- Você conseguiu me deixar sem palavras. – Luiza riu animada ao ver seu embaraço e assentiu. – Como foi o Natal de vocês?

- Fomos para a casa da irmã do meu pai, foi um fiasco. As pessoas agem como se eu não tivesse sumido por anos e voltado com uma filha. Mas eu não tinha esperanças que fosse diferente. E você? Sua família estava aqui?

- Foi bom, porque eu fiquei no trabalho a noite toda. Minha ceia foi com a minha equipe depois que fechamos. Fui almoçar com uma das minhas irmãs no dia 25 e depois fui encontrar uns amigos para uma ceia improvisada, tinha mais álcool do que comida.

- Acho que eu preciso de uma vida social assim.

- Agitada?

- Com mais álcool. É difícil ensinar certas coisas a homens feitos.

- As coisas com o Bernardo estão tão sensíveis assim?

- Eu preciso equilibrar o desejo de o mandar se afastar com a alegria da minha filha. O meu almoço do dia 25 foi com o Bernardo, a Sarinha o convidou. Ele deu uma bicicleta a ela e se comporta como se nunca tivesse ignorado sua presença. Enquanto a minha mãe entrou em um modo de endeusamento do marido, como se ele fosse um santo. Ela disse, na casa de minha tia, que o meu pai era o homem mais honrado e mais cuidadoso que ela

conheceu. Às vezes eu quero sair gritando pelo meio da rua.  
É desesperador.

- Que bom que você saiu com a Denise.

- Quando chegar a notícia que eu fui vista correndo pelas ruas de Santiago, não se surpreenda.

- Posso lhe ajudar em algo?

- Como eu posso sumir com dois corpos adultos sem deixar vestígios?

- Podemos servi-los no almoço como uma iguaria de outros continentes. – Miguel sugeriu bebendo o vinho, Luiza o encarou, ele tinha um leve sorriso nos lábios e ela gargalhou, sentindo o ruído se propagar pelo salão vazio do lugar.

2022

*Presidente,*

*Essa é a minha primeira eleição para presidente e eu considero que esse é um feito e tanto! Eu estou refazendo a história do meu país, esse que já foi democrático, mesmo que parcialmente, e agora deve voltar a ser. Vai ser lindo saber que eu fui um dos milhões de votos que se negaram a aceitar você no poder. Tenho muito orgulho disso.*

*A educação política em minha casa começou cedo. E não, não havia imposição. Meu pai é um homem bi e minha mãe foi uma mãe solo por sete longos anos. Você sabe o que eles ouviram, essas coisas que você mesmo diz por aí. Famílias desajustadas, filhos ruins, todo esse tipo de violência gratuita.*

*Quando meu irmão chegou, tínhamos outras lutas, agora mais novas. Escolas que não o aceitavam, que não sabiam lidar com a transfobia, que não conheciam o direito ao uso do banheiro e tudo isso. Os meus pais foram pra escola ensinar sobre pessoas trans, levando consigo amigos deles que também eram pessoas trans. Foi lindo, mas você não entenderia a beleza disso.*

*Meus pais abrindo espaço para conversa ali, nos espaços comuns da minha escola, com muitos presentes, mesmo*

*que alguns estudantes não participassem porque os pais não concordavam. Não me importei muito, o assunto estava posto e a escola foi transformada. Parcialmente transformada obviamente. Adoraria dizer que vivemos felizes para sempre, mas não foi bem assim.*

*Eu sabia sobre consciência de classe desde nova, eu vivia a experiência de conversas políticas desde a infância. Eu sou uma menina de pele negra, que as pessoas teimam em chamar de “clara”, com traços herdados de uma família branca, mas meus pais são negros. Como não falarmos disso? As pessoas com quem meus pais viviam também gostavam do tema. E não se engane, não foi uma lavagem cerebral. A gente falava sobre uma infinidade de assuntos, inclusive sobre girafas, meu assunto preferido por anos.*

*Na cozinha do meu pai, aprendi sobre a importância de respeitar cada ingrediente, aprender a transformar elementos em um prato. Entre os muitos livros da minha mãe, aprendi a importância da leitura e principalmente da leitura crítica, atenta, questionadora. Sim, só faltou citar aqui Paulo Freire. O comunista, dizem. Um educador reconhecido mundialmente, eu prefiro.*

*Você sabia que a educação transforma? Eu acredito que não. A única coisa que você aprendeu foi como destilar ódio.*

*Atenciosamente,  
Sara Sousa Lima*

2010

**D**epois de tantos acontecimentos terríveis daquele ano, Luiza estava satisfeita com a oportunidade supersticiosa de virar a página e tentar outra vez. Era a noite de ano novo e estava no Mediterrâneo com a mãe e a filha. O restaurante estava fechado para clientes e uma mesa havia sido arrumada no centro do salão para acomodar as famílias presentes. Luiza conheceu as três irmãs de Miguel e os filhos das duas irmãs mais velhas. Conheceu a irmã de Munhoz e elas conversaram muito sobre o livro. Ambos estavam gostando do seu trabalho de tradução.

Haviam flores ornando a mesa e aromas incríveis saíam da cozinha. Sua mãe estava conversando com Munhoz e a avó de Miguel enquanto Luiza conversava com Vanessa que lhe contava como era a vida em Pinheiros, a cidade em que Luiza se formou e morou e que realmente adorava. Vanessa era uma mulher de cabelos de cachos muito escuros e um sorriso tão vibrante quanto o de Miguel, usava um vestido longo preto completamente liso e um colar lindo, feito a mão em diferentes tons de azul, que comprou em uma viagem para o Peru. Luiza havia ficado encantada com ele.

Desde que voltou para Santiago, aquela era a terceira ou quarta ocasião social que Luiza se permitia estar. Muitas coisas estavam acontecendo e ela parecia esquecer da importância de se divertir e relaxar um pouco. Estava sempre preocupada com a filha, com seu bem estar e como equilibrar todas as sensações decorrentes da presença de Bernardo na vida de ambas.

Sara estava muito feliz com a proximidade de Bernardo e adorando os passeios e presentes que resultavam das suas visitas. Ela não parecia nem um pouco preocupada com nada que acontecia, o que mostrava a Luiza que ela estava administrando bem os acontecimentos. Ao passo que Luiza se sentia exausta ao fim de cada dia, como se tivesse corrido uma maratona.

A menina havia convidado Bernardo para o jantar do ano novo, sem nem consultar a mãe, mas Luiza chegou na sala a tempo de ouvi-lo dizer: *Infelizmente eu não posso, Sara, vou ter um compromisso, mas depois a gente se vê, certo?* Ela achou melhor não se envolver. Era visível que, em muitos momentos, Bernardo lhe olhava pedindo ajuda para saber como lidar com Sara, mas ele precisava se virar sozinho, afinal ele queria estabelecer uma relação com ela.

A menina havia ficado triste, mas não parecia estar realmente abalada com aquilo enquanto brincava com os sobrinhos de Miguel, correndo por entre as mesas do salão

vazio. Luiza estava realmente aliviada por Sara estar bem com toda a situação de conhecer o seu pai mesmo com as tensões provocadas por Helena não ter sido informada de sua existência. Examinando a filha sorridente enquanto Fabi, filha mais velha de Liana, trançava os cabelos dela, Luiza se permitia finalmente respirar, aliviada por sua mudança impensada não ter gerado mais transtornos para a pequena. Estava realmente tudo bem.

Ela estava se esforçando para colocar a sua vida em ordem também. As caixas estavam vazias, tudo estava no lugar e conseguia estabelecer uma rotina satisfatória que equilibrava os seus cuidados com a filha, com sua saúde e o trabalho.

Ao mesmo tempo, ela estava realmente se esforçando para entender que a mãe estava passando por algum estranho processo de luto. Marta parecia ter se esquecido todos os conflitos que teve com o marido ao longo dos anos, apagado a informação de que ele expulsou a filha única de casa e sempre exigiu dela, como sua esposa, uma dedicação e uma presença que não eram boas para a mulher. Quando Luiza tentava lembrar sua mãe daquilo, ela rebatia que ele era um homem bom, nunca deixou faltar nada em casa e nunca levantou a voz para ela. Luiza estava tentando aceitar e não discutir mais.

A presença de Sara na vida diária de Marta era um ótimo bálsamo para a perda abrupta do marido. Quando a

mãe contava a Luiza, mais uma vez, como o marido passou mal, como gritou no banheiro e caiu, lágrimas tomavam os seus olhos e era possível compreender como havia sido difícil. O pai era relativamente saudável, não tinha grandes queixas em relação à saúde, ainda era ativo e trabalhava. Luiza nunca imaginaria que ele morreria daquela forma.

Ao mesmo tempo, ela possuía outros motivos para estar satisfeita, mas se negava a pensar muito sobre aquilo. Não queria pensar porque sabia que suas conclusões iriam lhe levar para o terreno da incerteza, sabia que aquilo era um erro, uma ilusão, mais uma distração aos fatos. Luiza se deixava enganar, queria se enganar, mesmo que temporariamente.

Na noite que estava falando mal de Bernardo e da mãe com Miguel, ela não esperava voltar para casa e encontrar uma mensagem de Bernardo em seu celular. Ela não esperava que ele perguntasse se podia ir até sua casa na tarde seguinte para conversarem. Ele sabia que ela não estava trabalhando e que Sara estaria na casa de uma amiga da avó com Marta.

Bernardo estava perfumado e fresco como se tivesse acabado de tomar um banho, vestia uma calça jeans clara e uma blusa branca simples, estava muito bonito. Ele sentou na sala e perguntou humildemente se algo que ele estava fazendo, estava a deixando incomodada. Luiza disse que não. Ele perguntou se a bicicleta tinha sido demais, ela

disse que não. Ele sorriu e segurou sua mão, então a porção que ainda restava em Luiza que não era mãe de Sara, que não estava o tempo todo atenta a tudo, tomou à frente e sorriu de volta.

Luiza podia ter muitas observações sobre o homem quando se tratava da sua filha, mas esperava sim que ele a beijasse. Ela esperava muito que ele a tomasse nos braços e beijasse sua boca. Ela havia tido um sonho muito vivido sobre aquele desejo outra noite e permitiu que eles passassem algum tempo daquela tarde em sua cama. Ela fingia que não esperava, mas queria aquilo de novo. Ela queria se sentir viva daquela forma de novo, sem se preocupar.

Era exatamente o que estava se lembrando parada no meio da festa de ano novo, tomada pelas sensações, pela presença, pelo sorriso e pelos gostos. Era uma mulher em uma viagem no tempo, sonhando com a possibilidade do que poderia ter acontecido. Estava envolvida nas sensações despertadas pelo encontro dos corpos e das bocas quando sentiu a mão de Sara tocar seu braço e a sacudir um pouco.

- Mama, o Estranho pode me ensinar a cozinhar?

- Estranho? – Luiza precisou forçar a voz para que ela retornasse do local agradável em que estava e se concentrasse na filha, sem fazer ideia do que ela estava falando.

- O seu amigo. Posso pedir a ele pra me ensinar?

- Filha, ele está fazendo o jantar.

- Vem, Mama, pergunta a ele! – as mãos pequenas de Sara seguraram a mãe a puxando sem cerimônias e Luiza, alheia, se deixou levar. A menina empurrou a porta e entrou na cozinha movimentada. Apenas a *sous chefe* e um ajudante estavam com Miguel e iriam comemorar a noite no restaurante, os demais profissionais estavam de folga. Miguel parecia atento ao que fazia, com uma pinça, preparando algo que elas não conseguiam ver.

- Estranho.

- Diga, senhorita. – o sorriso de Miguel surgiu enquanto ele virava o corpo olhando para a menina.

- Desde quando você é o Estranho? – Luiza questionou sem entender.

- Você disse a ela “o estranho eu conheço”, ela entendeu que esse era o meu nome.

- Mas é Miguel, eu sei. Pergunta, mãe.

- Pergunte você, Amor.

- Diga, senhorita, o que posso fazer por você hoje? – Miguel se abaixou, olhando atentamente para a menina. Luiza já havia percebido o quanto ele estava sempre olhando diretamente para a pessoa quando ela falava.

- Me ensina a cozinhar?

- Não posso.

- Não? – a decepção fez o rosto de Sara se contrair e a boca cair para baixo.

- Você não está vestida adequadamente.
- Adeca...
- Desculpe, palavra difícil. O que eu quero dizer é que você precisa de uma roupa especial.
- Que chato.
- Vamos cuidar disso agora mesmo. Mas como você vai alcançar o balcão?
- Eu queria ser uma girafa. – com as sobrancelhas franzidas, Miguel encarou Luiza que sorriu.
- Girafa é o animal preferido dela, ela quer ter um pescoço grande para alcançar o alto.
- Ok, Girafinha, então enquanto não temos o tamanho, podemos usar um banco, o que me diz?
- E a roupa?
- Vou improvisar uma para você, vem comigo, não quero arriscar sujar esse seu vestido bonito. – o homem estendeu a mão e Sara a segurou sorrindo.
- Não precisa... – Luiza tentou interceder, mas Miguel assentiu calmamente.
- Está tudo pronto e a Liana quer me incomodar com conversas que sempre terminam em briga, prefiro me esconder aqui.
- Festas familiares não são as melhores.
- Com certeza não. Mas aproveite, deixe essa Girafinha comigo.
- Tem certeza?

- Sei onde você está em caso de emergências. – ele garantiu indo em direção a um cabideiro com roupas brancas penduradas. Luiza examinou a cena com atenção. Miguel deu um dólma para a menina e ele cobriu quase o seu corpo inteiro. Enquanto lhe explicava o nome e para que servia a peça de roupa, dobrou as mangas do blusão, ajustando as dobras para evitar que elas se desfizessem. Luiza sorriu sentindo uma emoção inesperada, Sara estava muito feliz, realmente estava tudo bem.

Quando percebeu que a filha não dava a mínima para a sua presença, atenta ao que Miguel falava, o encarando muito séria em pé na cadeira ao lado dele, ela saiu da cozinha, depois de registrar a cena com uma foto no celular. Voltou para o salão e se entreteve com as pessoas, conversando amenidades e sorrindo, era um começo e estava tudo bem.

A meia noite, Sara ainda estava acordada para sua surpresa. Luiza abraçou forte a filha e lhe beijou o rosto lhe dizendo o quanto a amava. A menina riu animada e beijou a mãe, se jogando nos braços da avó pouco depois. Marta a segurou sorridente e lhe beijou o rosto, beijando a filha em seguida. Luiza cumprimentou os demais presentes, os abraçando e sorriu para Miguel que estendeu a taça para que os dois brindassem: *À vida nova*, ele disse e ela sorriu.

Quando se mudou para a cidade, suas previsões eram as piores possíveis. Passados os meses mais tensos, ali estava, um ano novo, uma vida nova, possibilidades incríveis para mais 365 dias com tudo o que eles podiam lhe reservar. Luiza se permitiu permanecer esperançosa, talvez o pai estivesse realmente errado. No dia que decidiu que não queria o Direito e depois quando escolheu seguir com a gravidez, Luiza estava começando a sua vida, uma outra vida e não a exterminando, como ele sugeriu. E agora, em Santiago de novo, com a filha, com a mãe, com amigos e, até com Bernardo, era sim possível ter algum tipo de esperança por dias bons e melhores.

- Ela amou a noite, obrigada. – Luiza disse fechando a porta do carro de Miguel enquanto a mãe levava Sara no colo para casa.

- Fiquei feliz que vocês foram.

- Suas irmãs são ótimas.

- Com você. – ela riu animada, assentindo.

- E a sua avó também. Elas se preocupam tanto com o homenzinho delas. – Luiza debochou enquanto Miguel resmungava apoiando a testa no volante. – Obrigada pela noite e por deixar a Sara caotizar sua cozinha.

- Foi divertido.

- Ela vai falar disso por semanas.

- Foi um prazer. – ele sorriu. – Luiza, podemos sair essa semana? – os dois se olharam e Miguel não tirou o sorriso do rosto. Luiza se sentiu mais atenta aos seus movimentos. Ele estava sugerindo... – Nós dois.

- Mama! – a voz de Sara quebrou o contato e Luiza olhou para trás. Sua mãe estava com o portão do prédio aberto e Sara coçava os olhos em seu colo.

- Preciso ir.

- Luiza?

- Conversamos depois. Boa noite, Miguel.

O dia primeiro chegou para mostrar a Luiza que contos de fadas não existem e lhe lembrar que a vida que ela poderia ter sonhado na noite anterior só lhe parecia cabível porque ela estava bebendo espumante há algum tempo e sonhando acordada. Há alguns anos, Luiza não se permitia imaginar um futuro para si mesma, não depois de que todos os seus planos foram desfeitos. Ela estava atenta à tarefa de criar aquele ser humano sozinha e entendeu que deveria continuar do mesmo jeito. Nada havia mudado, apenas ela tinha construído uma forma de morar em sua cidade Natal.

Como voltaram tarde da comemoração do ano novo, ela acordou um pouco depois do habitual, com Sara reclamando que estava com fome. Enquanto comia, mais desperta, Sara narrou exatamente tudo o que Miguel lhe disse, o que ele lhe ensinou, os legumes que ela cortou para uma salada – “que ele provou e disse que estava muito boa, Mama” – e como era legal ter uma roupa especial para ser cozinheira. Luiza sorria atenta ao que ela lhe dizia enquanto pensava que deveria mandar uma mensagem agradecendo ao colega, mais uma vez, pelo que ele fez.

Então lembrou do sorriso de Miguel e da sua pergunta. Os dois saírem? Sim, ela não podia negar que já

havia pensado naquela possibilidade, ela não podia mentir que demorou demais naquela noite bebendo vinho no restaurante, era muito, muito tarde quando os dois se despediram e Luiza entrou no táxi. Miguel era um homem atencioso e envolvente, mas...

Luiza suspirou, focando a atenção em Sara de novo, a menina agora falava sobre como gostou de brincar com os amigos e que eles a convidaram para brincar de novo. Luiza assentia, mas não prestava mais tanta atenção.

Como ele havia recebido a reação abrupta da outra? Como ele ficou quando ela disse que os dois podiam conversar depois? Luiza deveria ter dito não de primeira, mas não esperava pelo convite. Não o achou invasivo de forma alguma, mas não esperava.

E não podia, não podia nem pensar naquela possibilidade quando já tinha muito a administrar. Ela e Bernardo... Luzia sorriu e garantiu a filha que ela podia sair com eles de novo. Ela e Bernardo estavam se entendendo de uma forma diferente, eles estavam construindo uma relação para os dois. Luiza suspirou e beijou a filha muitas vezes enquanto dizia que a amava. Finalmente Sara teria uma mãe e um pai por perto.

Para lhe lembrar que sonhos são devaneios que a gente se permite vez ou outra, no fim da tarde, Heitor estava em sua porta, depois de perguntar, pelo telefone, se

podia ir até sua casa. O homem estava sério e Marta pareceu entender tudo convidando a neta para o parque do prédio, convite que Sara nunca negava. A menina abraçou forte o padrinho, com quem estava desenvolvendo uma boa relação e saiu com a avó, sorridente e animada. Heitor disse que, antes de ir, passaria no parque para se despedir e aquilo foi suficiente para que os dois ficassem sozinhos.

Sentado no sofá, Heitor olhou seu celular, desbloqueando a tela e acessando algo. Então, destruindo o clima leve do primeiro dia da nova vida que Luiza imaginou para si, o amigo esticou o braço em direção a ela que franziu o cenho e olhou a tela.

Não foi difícil entender do que se tratava considerando que Bernardo estava abraçado à Helena. O homem vestia um smoking branco e a mulher, um vestido branco com aplicações metalizadas. Ambos sorriam, numa festa de virada de ano promovida em um clube de prestígio da cidade. Era o perfil de uma rede social de Helena e a legenda dizia: *Um grande amor a tudo resiste*. Luiza fechou a boca quando percebeu que não lembrava quando a abriu e encarou o amigo, apertando o aparelho nas mãos geladas.

- Quando?

- Pelo que contaram a Mel, cinco dias. – Heitor afirmou com a voz baixa e Luiza se sentou tonta. Quatro dias atrás ela estava na cama com Bernardo, ele a convidou

para um café e a beijou na porta de sua casa no início da noite do dia 30. O que ele pensava que estava fazendo? De novo?! Com ela!

Luiza levantou com raiva e alcançou o próprio aparelho celular, o levando ao ouvido em seguida. Heitor apenas a seguia com o olhar, sem saber como intervir. Quando a esposa lhe perguntou se ele sabia que Bernardo tinha reatado com a esposa, Heitor afirmou sério: *É um boato, Mel, fique tranquila*. Era óbvio que ele já sabia que havia acontecido e guardou para si mesmo as próprias ressalvas. Mas então a mulher lhe mostrou a postagem, lhe pediu para ler a legenda e lhe garantiu que aquilo não parecia um boato.

Em seu lugar, sem olhar o amigo, Luiza ouvia seu telefone tocar e era tomada por muitas cenas tentadoras do encontro dos dois na cama. Tudo era uma mentira e ruiu de vez quando Bernardo atendeu a ligação.

- Oi, Lu.

- Sua mulher voltou para casa há quantos dias, Bernardo?

- Luiza, eu posso...

- Quantos dias?

- Alguns.

- E o que você achou que estava fazendo ao me beijar?!

- Luiza, vamos conversar e eu te... – ela encerrou a ligação e apertou as mãos contra os olhos. Heitor a abraçou e ela se apoiou no corpo do amigo chorando entre soluços.

Mais uma vez, acreditou em uma promessa de conto de fadas. Era hora de Luiza crescer e parar de esperar pelas histórias que sua mãe lhe contava antes de dormir. Príncipes não existiam, não havia felizes para sempre e ela precisava retomar o rumo das suas decisões. Sara era o foco, ela precisava continuar sendo. Não podia se distrair.

Bernardo nunca foi diferente, nunca prometeu uma vida com um futuro, uma casa e cenas de uma família feliz. Bernardo saiu com ela quando namorava com Helena, Bernardo não assumiu a responsabilidade por Sara, Bernardo a beijou e transou com ela um dia depois que Helena voltou para a casa deles. Bernardo era a pessoa menos confiável que ela já teve contato e foi um erro apresentá-lo à sua filha, ela estava muito melhor sem ele.

Luiza estava muito melhor sem ele. Luiza estava sofrendo mais uma vez por ele. Luiza não se lembrava como aquele sentimento a dilacerava, como era duro até respirar. E então ela ficou chorando nos braços de Heitor, como chorou sozinha anos antes depois que todas as pessoas que ela mais precisava que a apoiassem lhe viraram as costas.

2022

*Presidente,*

*Às vezes eu me pergunto como a minha mãe conseguiu lidar com tudo aquilo. O Bernardo mentiu para ela mais de uma vez, lhe fez acreditar em coisas que nunca se realizariam e continuava se comportando como se fosse um príncipe. Ela realmente suspirava por um homem que parecia encantado, mas me ensinou desde cedo que eles não existem.*

*No máximo, você pode topar com um vendedor de gelo ranzinza e fofo como Kristoff, o personagem de Frozen. Um cara que lhe questiona como você pensou em se casar com um príncipe que conheceu há poucas horas. Sim, esse você até poderia dar uma chance. Se quisesse. O outro? Não, não mesmo.*

*Relacionamentos perfeitos não existem, aprendi isso também com os meus pais. Mas se existe algo que eu nunca entendi foi como o Berna conseguia ser tão desonesto. Ao longo dos anos, eu percebi que ele não era quem ele dizia ser e, de alguma forma, eu deixei que esperar que ele fosse algo diferente.*

*Ao mesmo tempo, eu nunca me chateei com a minha mãe por ela ter me deixado conviver com ele. Era uma situação*

*muito deliciada considerando que eu já sabia que ele era o meu pai, que morávamos na mesma cidade e eu gostava dele. Tenho certeza que ela fez de tudo para que aquilo representasse menos desconforto para mim, mas eu demorei a entender que a forma como ele demonstrava se importar era o que me deixava desconfortável.*

*Não era o tipo de pessoa que pensa “eu sou responsável por essa pessoa, então vou ficar atento a ela”. Não. Mas eu também entendi que não era sobre mim. Era sobre ele. Sobre a forma como ele nunca era responsabilizado pela minha existência.*

*Mulheres não concebem filhos por geração espontânea, presidente. O Bernardo deveria ter sido honesto com minha mãe e comigo. Desde o início. Mas não, ele fez uma escolha, ele preferiu permanecer na minha vida como alguém que aparece vez ou outra e está tudo bem.*

*Então eu aprendi que era aquilo que ele representava: alguém que aparecia vez ou outra. Isso é um pai para você, presidente? Talvez até seja se pensarmos no que se espera de um pai “tradicional”, mas, para mim, não. O Berna não era um pai. Ele nunca foi.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

**D**urante o mês de janeiro, houveram mais duas sessões de ensinamentos culinários para Sara. Em uma delas, as gêmeas, filhas de Pérola, estavam lá e o restaurante estava fechado. Luiza deixou a filha aos cuidados de Miguel e voltava para buscá-la no horário combinado. Ela aceitou mais um trabalho de tradução naquele momento e aproveitava as férias da universidade para se debruçar sobre o texto e não pensar em sua vida deplorável.

Estava há duas semanas se esquivando de encontrar Bernardo e quando esse aparecia para ver Sara, Luzia sempre se lembrava de algo que tinha que fazer na rua ou inventava uma atividade que a trancava no quarto, enquanto Marta recebia o homem.

Todas as vezes que falou com ele por mensagem, se restringia a combinarem os horários para os momentos com a menina e a vida seguiu. Da mesma forma, se esquivava de ficar a sós com Miguel e voltar ao assunto da noite do dia 31 – que, para Luiza, parecia ter acontecido anos antes.

Como Sara estava de férias, ela demandava tanta atenção da mãe que Luiza estava ainda mais esgotada no fim do dia. Sentia que precisava sair, espairecer e se

relacionar com adultos que não fossem a sua mãe, mas estava tão cansada e tão dolorida que até com Heitor ela falava pouco.

Mas não era apenas aquilo que a impedia de conviver com Heitor. Luiza se sentia envergonhada por ter se jogado nos braços do homem que não assumiu sua filha por sete anos, por acreditar que podia ser diferente, por esperar algo dele que ele nunca lhe prometeu. Luiza se imaginou morando com Bernardo e os dois criando a filha, tendo outros filhos. Como ela acreditou naquilo?

Ao longo dos sete anos de vida de Sara, Luiza não se comprometeu de verdade com homem algum, não apresentou namorados à filha e não se permitiu construir planos com eles. As suas projeções de futuro estavam bem estabelecidas e envolviam apenas ela e Sara. E um dos motivos para se fechar tanto para novos relacionamentos era a experiência que teve com Bernardo. E foi com ele, mais uma vez, que ela resolveu baixar a guarda? Era melhor não falar sobre aquilo com ninguém e guardar a vergonha para si mesma.

- Quando você vai responder sobre sairmos? – Miguel perguntou direto enquanto Luiza procurava algo na pasta que trazia nas mãos. A mulher o olhou surpresa, faziam três semanas daquela conversa e ela achou mesmo

que ele tinha entendido a sua reação. Miguel sorriu e Luiza suspirou. Precisava ser uma pessoa madura e dar uma resposta para o homem.

- Miguel, é melhor não.

- Jantar com outro adulto, qual o mal nisso?

- Claro, porque você só quer sair para jantar.

- O que você tinha em mente, Luiza? Estou chocado.

- Miguel sorriu mais uma vez e ela revirou os olhos um tanto cansada de interações com homens.

- Engraçadinho.

- Vamos lá, não deve ser tão mal assim.

- Você vai cozinhar pra mim? É assim que você se relaciona com adultos sem nenhum interesse? – o grau de acidez na fala de Luiza atingiu picos elevados, mas ela não se deu ao trabalho de se importar.

- Eu pensei em lhe levar num restaurante novo que fica em Vales.

- Você realmente pensou, olha só.

- Quando você aceitar sair comigo de novo, eu cozinho para você.

- Eu não disse sim nem pro primeiro jantar.

- Sou bom em negociações.

- Desculpe, Miguel, mas nesse momento a última coisa que eu quero na vida é sair com outro homem.

- Outro... – ele franziu o cenho e a encarou atento.

- Você e...

- Não vamos falar disso.

- Desculpe. – Luiza suspirou ao ouvi-lo e percebeu que não precisava ficar ali, poderia muito bem entregar para ele o envelope que tinha nas mãos e seguir sua vida.

- Pronto, já resolvemos isso. Você pode entregar ao Munhoz para mim? É uma versão impressa do livro, para ele analisar.

- Claro, eu entrego.

- Obrigada. – Luiza lhe beijou o rosto e se afastou, mordendo a parte interna da bochecha para evitar as lágrimas.

\*

Uma das maiores lições que o passar dos anos ensinou a Luiza foi que o tempo ajudava a suavizar algumas dores. As aulas retornaram e a escola de Sara também, ela esquematizou um calendário de visitas com Bernardo e não precisava mais interagir com ele, mantendo-se distante. Bernardo aparecia uma ou duas vezes por semana, brincava com a menina no parque do prédio ou saía para algum lugar perto. Em três ocasiões, convidou Luiza para se juntar a eles, mas sempre havia muito trabalho.

Por mais que fosse uma desculpa, Luiza estava realmente envolta com muitas demandas. Além da tradução, aceitou uma revisão bibliográfica e ortográfica do

livro de uma amiga. Sempre haviam aulas para preparar e materiais para revisar ou corrigir. Ela estava cansada, mas se ocupou de forma providencial, para não pensar no fiasco do seu sonho bobo, para não se envergonhar ainda mais por acreditar em um homem que não merecia nem a sua consideração.

Era doloroso separar a decepção que sentia com Bernardo da relação dele com Sara, era muito difícil não revirar os olhos quando a menina falava dele ou lhe mostrava mais um dos seus presentes.

Naquela tarde, teve uma discussão acalorada com o homem quando lhe ligou para lhe proibir de levar presentes para Sara, porque suas visitas não podiam ser apenas com presentes e comidas pouco saudáveis.

Bernardo precisava se interessar por outros quesitos da vida de Sara e, o homem retrucou, sabia bem como criar a sua filha. Luiza lhe perguntou quais eram as alergias de Sara e se enfureceu quando ele rebateu que ela não o deixava saber mais sobre a filha. *Você só me deixa participar como espectador.* Luiza bateu o telefone, sem lhe responder.

Por mais que Sara gostasse de Bernardo, adorasse brincar com ele, ela nunca passava muito tempo apenas com ele, ela não confiava em passar um dia inteiro com o homem, por exemplo. E quando Luiza tentou sinalizar, ouviu que ela protegia demais a filha. O que ele não

percebia era que Sara não confiava nele, mesmo que gostasse de estar com ele. Ela sempre queria saber onde Luiza estaria e perguntava se podia ligá-la se algo acontecesse.

Para seu alívio, Sara lhe explicou que Bernardo não brigava ou lhe batia ou lhe tocava de alguma forma estranha em partes íntimas – o que aliviou e muito o coração da mãe. A menina dizia apenas que queria saber onde ela estaria. E se Bernardo não queria se atentar para aquilo e ela não podia mais frear a relação dos dois, Luiza aceitava que Bernardo era um visitante divertido para a filha e estava tudo bem, mesmo que não estivesse.

Na sexta-feira à tarde, enquanto Luiza buscava se concentrar para terminar um trabalho, Sara a rondava perguntando quanto tempo faltava para acabar. Eram cinco da tarde quando Luiza fechou o computador com irritação e perguntou a filha o que ela queria. Sara sorriu de forma intensa e lhe beijou, o que fez com que Luiza se sentisse um pouco mal por ter sido rude. Mas o sentimento não demorou muito, Sara sabia muito bem o que queria. E Luiza estava irritada demais para discutir.

Ela alcançou sua bolsa e abriu a porta, enquanto Sara, radiante, seguia para o elevador, depois de ganhar a disputa de quem levaria a melhor. Luiza havia perdido de lavada e cansada, apenas registrava que estava sendo

permissiva e, possivelmente, estaria atrapalhando o trabalho de mais um adulto desavisado.

- Essa criança encasquetou que só quer comer a sua comida. – Luiza informou ao homem que saiu da cozinha sorrindo para elas. Sara correu e abraçou sua perna, sem se importar com o mal humor da mãe. Miguel beijou seus cabelos e se abaixou para ficar da altura da criança.

- O que a senhorita deseja?

- Pão com queijo.

- Você me tirou de casa para comermos pão com queijo, Sara?

- O do Estranho é diferente. – a filha respondeu olhando a mãe com os olhos mais tristes e Luiza suspirou cansada.

- Uma mistura cuidadosamente estudada de quatro diferentes queijos. – Miguel girou de costas para a menina que se pendurou em seu pescoço, segurando-a com os braços fletidos e empurrando a porta de vai e vem. – Vamos para a cozinha, mini chefe.

- Mini chefe Girafinha.

- E eu? O que eu faço?

- Senta, Mama, vamos trazer o seu. – Sara informou antes de desaparecer pela cozinha e Luiza se sentou em uma das mesas, fechando os olhos e alongando devagar o pescoço que doía.

Um tempo depois, quando Sara saiu da cozinha com o seu dólma com mangas dobradas e que batia em seus joelhos, trazia um prato com um sanduiche de queijo que entregou para a mãe. Miguel colocou o dela na cadeira oposta e a acomodou no lugar. Luiza deu a primeira mordida e entendeu porque a filha gostava do pão de queijo do Estranho. O pão estava suculento e havia diferentes sabores de queijo tomando a sua boca.

Sara explicou para a mãe que a chapa em que o homem fazia o sanduiche fazia *barulhinhos legais* e o segredo era usar manteiga para tostar o pão. Luiza, que não sabia cozinhar quase nada, concluiu que aulas de culinária ajudariam Sara a ser uma adulta mais independente e mordeu mais um pedaço do sanduiche, assentindo com ânimo quando Miguel perguntou o que ela tinha achado do prato.

Quando Sara terminou de comer, Miguel tinha se ausentado para ir até a cozinha e voltou com uma sacola de papel pardo que entregou para a mulher.

- Parece que você está precisando de sobremesa.

- Ela está trabalhando demais, Estranho.

- E você sabe que essa é a hora do Estranho trabalhar, Sara e não está preocupado com o trabalho dele, não é? Eu não devia ter lhe trazido.

- Eu atrapalhei, Estranho? – a sinceridade com que Sara olhou para o homem fez Luiza se arrepender de novo por estar tão intolerante e Miguel sorriu, beijando o topo da cabeça da menina.

- Se eu conversar mais agora, eu vou ficar bem atrapalhado, mas vou dizer a Mama quando eu tenho folga e a gente come mais pão com queijo, ok?

- E se a gente for comer a pizza que você me falou? No dia que você não trabalhar. Podemos ir, Mama? Nós três.

- Vamos falar sobre isso depois.

- O Estranho disse que é a melhor pizza da cidade, Mama.

- Amor, você ouviu o Estranho dizer que se ele conversar mais, ele vai se atrasar?

- Então você deixa?

- Eu vou combinar com ele, ok?

- Obrigada. – ela sorriu e abraçou as pernas do homem. – Obrigada, Estranho, bom trabalho.

- Obrigado, Girafinha.

- Você é responsável por isso tudo. – Luiza informou beijando o homem que assentiu risonho. – Obrigada pela sobremesa.

- Depois me diga o que achou. É do cardápio novo.

- Tenho certeza que está ótima. – ela sorriu e acenou, deixando o restaurante.

Luiza era grata por não ter estragado aquela relação com envolvimentos, jantares ou qualquer dessas complexas relações de adultos que só bagunçam e destroem tudo. Era melhor manter uma amizade com alguém que estava ensinando sua filha a cozinhar e que lhe fornecia doces – muito, muito bons – quando ela parecia a ponto de um ataque de nervos e de um esgotamento maior. Miguel era alguém para se ter por perto, não para dizer sim para um encontro.

2022

*Presidente,*

*Eu ainda lembro do dia que eu gritei com os meus pais. Os dois estavam tentando conversar comigo por conta de uma suspensão na escola, eles queriam entender porque eu bati em uma colega de turma e arranhei um outro. Eu não queria conversar, mas eles estavam insistindo. Eu estava muito chateada com tudo o que eu tinha ouvido e a última coisa que eu queria era falar mais sobre a minha manhã.*

*Por que vocês não podem ser normais?! Essa foi a única frase que eu gritei. A única coisa que rondava a minha cabeça o tempo inteiro. Eu queria que eles fossem um casal tradicional sem outras pessoas envolvidas, sem outros homens envolvidos. Talvez seja por isso, presidente, que você ache que essas famílias são desajustadas.*

*Mas o que doía naquele momento não era o fato dos meus pais serem quem eles eram, mas quem as pessoas achavam que eles eram. Criaturas míticas, extraterrestres, pessoas fora da curva normal de uma casa que eles conheciam. Eu queria a normalidade para não ter que ser alvo de comentários e questionamentos*

*ridículos o tempo inteiro. Sua mãe não se importa que seu pai saia com outras pessoas? Porque eles não usam aliança? Eles não tem medo de contrair doenças? Então vocês não são uma família, não é?*

*O senhor imagina o quanto doeu ser uma garota de 14 anos que os colegas de turma descobriram que meus pais tinham um relacionamento não monôgamico e que meu pai era bissexual? Foi horrível.*

*Mas ainda mais horrível foi o olhar do meu pai. A dor que eu conseguia sentir nos olhos dele. A preocupação estampada no rosto da minha mãe. Eu levei quase uma semana para falar com eles de novo, uma semana para conseguir falar e dizer que eu estava irritada. Com os colegas da escola e comigo mesma e com eles, mas mais ainda comigo. Eu não tinha o direito de acusá-los. Assim como o senhor não tem o direito de dizer que o senhor prefere um filho morto a um filho gay.*

*Eu já tive vergonha dos meus pais, porque seria muito mais fácil se eles fossem iguais a norma. Mas tudo mudou quando eu conheci o Inácio, da turma C do meu ano. Ele tinha dois pais. A Marina, um ano mais nova, tinha duas mães. A Tiara dois anos mais velha, era filha de uma mãe que fez uma inseminação de um doador anônimo. A Vitor, uma garota trans do meu ano. Tudo mudou quando o Alex entrou em nossas vidas também.*

*Se as pessoas parassem de fingir que pessoas LGBTQIA+ não existem, se elas entendessem que são pessoas como qualquer outra, a gente reconheceria que minorias não existem, são as pessoas que as consideram minorias. Assim como eu não teria gritado com meus pais e o senhor seria preso por suas falas violentas. Já pensou, presidente, um mundo em que uma garota de 14 anos não tem que ser alvo de chacota porque os pais dela são os pais dela? Você, como representante do meu país, deveria buscar entender melhor do que fala para nos ajudar a viver bem apesar das violências alheias.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

**E**ra uma manhã atípica, de um raro bom humor. Miguel não teve dificuldade em sair da cama, não resmungou quando o despertador tocou e, muito menos, sentiu a resistência conhecida de ir ao restaurante. Não que ele não gostasse do seu trabalho, estava longe disso, sua vida era muito pior quando insistia que queria ser engenheiro. Mas, após todo o caos com Matias, todos os dias ele se perguntava se era bom o suficiente para chefiar um restaurante.

Naquela manhã, não. Miguel estava sentado em seu escritório, assobiando baixo e organizando burocracias, o que não eram a melhor parte do seu trabalho, mas que ele era responsável, então não havia outra opção que não enfrentar. Naquele dia, o almoço seria liderado por Cecilia então ele já havia se reunido com a equipe e organizado o que era preciso, podia se perder em documentos e recibos e planilhas e acompanhar à distância o funcionamento da cozinha.

Era bom se sentir daquela forma de novo, como quando trabalhava em um dos mais conceituados restaurantes da cidade antes de abrir o seu próprio com Munhoz. Miguel sentia que era capaz de ser bom naquilo,

que podia ir mais longe e apresentar aos clientes o que ele acreditava que era uma boa comida.

Mesmo com uma formação francesa clássica, Miguel sentia muita falta de homenagear a comida brasileira, principalmente da região Nordeste do país que era tão pouco olhada. Estava no sentido de outros chefs do país que olhavam para o Brasil e o traziam para a mesa. A Europa não era o centro do mundo gastronômico. Não para eles. Não no restaurante deles. Depois dos primeiros anos de intenso estudo, era hora de Miguel mostrar aquilo ao público.

Para sua surpresa, quando ele levantou a cabeça distraído com o trabalho, Bernardo o encarava na porta com os braços cruzados e o semblante fechado. Miguel sabia que a presença dele não era uma visita de antigos colegas de escola, eles nunca foram amigos. Na verdade, Miguel tinha pavor a turma que andava com o homem à sua frente. Só havia um denominador comum entre os dois: Sara.

- Não quero você com a minha filha. – Bernardo confirmou as suspeitas do outro.

- É? – Miguel perguntou voltando o olhar para o computador, sem se prender a ele.

- Você me escutou.

- Caso a Luiza me diga que não quer que eu...

- A Luiza!?! Para quem você faz doces quando ela parece triste? – Miguel o encarou com curiosidade. O incômodo era pela filha ou pela mãe? – A Sara me contou.

- Parece um plano bem diabólico. Até agora não entendi o que você veio fazer aqui, Bernardo.

- Quero você longe da minha filha.

- Sim, eu ouvi. Era isso?

- Eu sei qual o seu plano. Ele é ótimo, usar a minha filha pra sair com a mãe dela.

- Esse deve ser o seu plano.

- A minha filha...

- Você enche a boca para falar da Sara assim na frente da sua esposa? – Miguel o encarou e Bernardo titubeou, o outro assentiu voltando a olhar o computador.

- Se você fizer algo com ela, eu vou prender você.

- E eu vou lhe processar por estar dizendo que a minha sexualidade está diretamente ligada a abuso sexual infantil. Isso vindo de um homem que ignorou uma filha por sete anos.

- É com você que a Luiza fica falando mal de mim?

- Enquanto eu a seduzo com sobremesas afrodisíacas. Parece muito diabólico mesmo. – Miguel não moveu o olhar na direção do outro. – Acho incrível como você continua autocentrado.

- Eu não seduzo meus funcionários. Como você. O Munhoz ia fechar isso aqui, não era? – a pergunta atraiu

seu olhar, Bernardo sorria sarcástico. – Será que eu não preciso me preocupar com a segurança da minha filha ao seu lado?

- Você está tentando me irritar, Bernardo. Eu sei, não seria a primeira vez. Mas eu realmente tenho que trabalhar. Você conhece a saída. – Miguel voltou os olhos pro computador.

- Continue perto delas e eu vou a polícia, vamos ver em quem eles vão acreditar. – Bernardo ameaçou sem receios e saiu pisando forte.

Miguel jogou a caneta no caderno com raiva e encarou as fotos da inauguração que ficavam em cima da mesa. O outro estava tentando lhe irritar com ciúmes de Sara – ou de Luiza, o que não fazia o mínimo sentido. Naquela manhã, Bernardo possivelmente não percebeu, mas conseguiu lhe irritar. Muito. Miguel se forçou a voltar a atenção para o trabalho, mas passou algum tempo disperso.

Horas depois, quando uma panela caiu na cozinha e Miguel xingou a plenos pulmões, ele percebeu que a provocação que envolveu o restaurante era mais agressiva do que a de assédio, algo que já ouviu outras vezes. Não era o primeiro homem hétero do mundo que acusava homens que se relacionavam com homens de serem um risco para crianças.

Não que Miguel estivesse confortável com a insinuação e com a ameaça, sabia que Bernardo era bem relacionado e que possivelmente alguém poderia acreditar nele. Mas o que o outro lhe lembrava era a mais pura verdade.

Houve um tempo em que ele e Munhoz pensaram em fechar o restaurante, houve um momento da sua história que Miguel acreditou que ali não era o seu lugar. Ele não precisava que Bernardo o lembrasse daquilo.

A sociedade sempre exigiu demais das mães, Luiza agora entendia por experiência própria. Quando Luiza saía, alguém sempre lhe perguntava onde estava a filha. Quando Luiza estava bebendo, procuravam saber quem cuidaria de Sara. Quando ela estava saindo com alguém, questionavam se ela pretendia apresentá-lo a menina. Tudo girava em torno do que ela faria enquanto mãe. Todos os dedos estavam apontados não para os seus acertos, mas para os erros que cometia. Para cada um deles havia um batalhão disposto a julgamentos.

Luiza ainda guardava na memória o término do seu último relacionamento mais promissor. Guilherme era quase dez anos mais velho do que ela, divorciado, com filhos e estavam saindo há algum tempo. Foi a primeira vez que ela se imaginou apresentando Sara a alguém. Gostava dele, mesmo que não sentisse aquele arroubo de paixão que as pessoas falavam. Nunca mais se permitiu sentir aquilo depois de Bernardo – e agora estava disposta a não sentir de novo também por causa dele.

Mas os dois estavam juntos há meses e parecia algo promissor, parecia algo a mais do que saídas ocasionais. Então, um dia, Guilherme a convidou para viajar e Luiza achou que era uma boa oportunidade para ele conhecer

Sara. Guilherme não achava o mesmo, não gostava de viajar com crianças. Luiza ainda se perguntava como um homem que tinha três filhos não gostava de viajar com crianças considerando que ele estava saindo com uma mulher que também tinha uma filha.

Para ele, era simples, seus filhos estavam mais velhos e ele já havia convivido o suficiente com crianças. Então ela entendeu que se não havia espaço para Sara na vida de Guilherme, ela não podia continuar com ele.

Quando contou toda a situação para algumas colegas de trabalho, ela se lembrava de duas reações conflitantes, mas que a chocaram. Magali lhe dizia que ela não podia esperar que o homem criasse a sua filha para ela e aquilo não significava que ele era uma pessoa ruim. Otávio, que ouviu a conversa por alto, disse que estava mais do que na hora de Luiza arrumar um marido e permitir que a filha vivesse com uma referência masculina para não sofrer impactos em seu desenvolvimento.

Alguém entendeu que Guilherme nunca conheceu Sara e se negou a viajar com ela? Alguém compreendeu que o homem acreditou que havia como construir uma relação sem incluir os filhos de ambos os lados? Então ela não podia esperar nada dos homens ao passo que precisava deles para não traumatizar sua filha?

Ali, Luiza se fechou ainda mais, estava quase há um ano sem sair com ninguém depois de Guilherme. Estava

decidida a se manter assim até encontrar uma relação em que houvesse espaço para Sara, para o que ela desejava, para a sua vida. Mas ela não se iludia. Ela não era a única mãe solo com dificuldades para encontrar homens capazes de entender o quadro geral.

O que havia decidido também era que a sua vida não se resumiria à expectativas amorosas. Ela valorizava muito os seus amigos, pessoas que lhe ajudaram a criar Sara e participaram ativamente da vida da menina. Ela era muito grata às pessoas que lhe deram suporte já que era impossível fazer aquilo sozinha.

Mesmo se fosse uma mulher casada ou contasse com um pai participativo, dois adultos apenas não eram capazes de criar uma criança. Eram muitas demandas e muitas atividades concorrentes. Não era à toa que o ditado dizia que era preciso uma aldeia inteira para essa atividade.

E criar uma criança era tão demandante que ela não saía há meses. Quando saía havia o cansaço, o desejo de voltar para casa, a culpa por não estar com a filha e comentários pejorativos e questionadores sobre onde estava a criança. Era ainda mais desgastante. Mas naquela sexta, ela se permitiu sair. Marta estava com a neta e Luiza deixou tudo arrumado e a colocou na cama antes de ir de táxi até Vales.

Sempre ia para a cidade à trabalho, mas quase nunca passou a noite ali. Patrícia e Luana lhe convidavam

para conhecer a noite do local que era mais agitada do que a de Santiago e finalmente ela aceitou o convite. Na verdade, Patrícia não acataria um não como resposta.

Essa era uma das suas colegas de trabalho e sabia que, mesmo com o silêncio de Luiza, algo não estava bem. Desde a enxurrada de julgamentos quando falou sobre Guilherme, Luiza evitava conversar com pessoas sobre relacionamentos, já era julgada o suficiente por ser uma mãe.

Com um drink na mão, sua cabeça estava focada na conversa com Bernardo da tarde anterior. Bernardo estava sorridente quando ela abriu a porta e ela o cumprimentou sem maiores arroubos de alegria. O homem não estava satisfeito com aquilo e comentou que nunca mais a viu. Luiza lhe lembrou que ele estava ali para ver a filha e que não estava a fim de ser amante de ninguém. Bernardo se calou e não sorriu para Sara que beijou a mãe sem perceber o mau humor do outro.

Não demorou muito para Sara tocar a sirene e dizer que Bernardo precisou ir embora. Luiza queria o ligar para lhe encher de desaforos, mas não valia a pena. Bernardo não estava acostumado a lidar com a própria frustração, muito menos manejava seus sentimentos magoados de injustiça hipócrita para lidar com uma criança.

Luiza bebeu mais um pouco da bebida e olhou em volta, precisava desesperadamente se divertir e sair

daquele ciclo cármico sem fim. Cruzou o espaço e conversava com as amigas de Patrícia quando seus olhos identificaram Miguel. Com uma blusa estampada levemente aberta e uma calça jeans, parecia outra pessoa. Era estranho que ele não estivesse trabalhando naquela sexta, mas ali estava ele. Quando olhou o relógio, passava de uma da manhã, então possivelmente ele havia saído da cozinha mais cedo.

Ele estava muito próximo a outro homem e lhe deu um rápido beijo nos lábios. Luiza bebeu mais um pouco e assentiu. Miguel não podia ser apenas o *chef* do mediterrâneo que queria sair com ela e fazia pão com queijos para sua filha. Ele podia ter uma vida social ativa, frequentando as boates de Vales. Ele mesmo narrou a ela como sua semana natalina foi agitada. Ele tinha uma vida. Não era mesmo?

- Não acredito que estou lhe vendo mesmo aqui.

- Nem eu sei o que eu estou fazendo aqui. – ela o beijou no rosto e ele sorriu.

- Guel, que bom te ver. – Patrícia surgiu abraçando o outro com mais ânimo.

- Pati, quanto tempo!

- Que bom que vocês se conhecem! – Patrícia disse olhando para Luiza que assentiu. – Eu precisava tirar essa mulher de casa, ela não tem vida social.

- Ele tentou e não conseguiu. – Luiza disse e mordeu o lábio arrependida, diante da frase carregada de outros sentidos. Miguel sorriu para ela e deu de ombros.

- Você é a vencedora, Pati, parabéns.

- Quem é o gostosão? É o seu boy? – Patrícia olhava para onde o outro homem estava e Miguel olhou para trás, concentrando o seu olhar em Luiza.

- A Luiza vai pensar péssimas coisas de mim.

- Você não contou a ela que era bi?

- A questão é que ele insistia em sair comigo.

- E você usou a Sarinha como desculpa, não é mesmo?

- Insistiu tendo alguém? – Luiza não tirava os olhos de Miguel, nem se importou com a insinuação de Patrícia.

- Não existe traição em relacionamentos não monogâmicos, sabia?

- E você costuma contar tudo isso para as pessoas apenas no primeiro encontro?

- Só se eu quero cozinhar pra ela no segundo.

- Luiza, o que você está esperando? – Patrícia questionou cruzando os braços e falando alto demais. – Saia com esse homem, criatura!

- Você sabe fazer pavor a homem desaparecer?

- E isso se resolve? Nunca me curei.

- Eu duvido que o meu passe. Vamos mudar de assunto, Patrícia?

- Com certeza, não quero estragar a noite de vocês.  
- Miguel adiantou a dizer e Luiza assentiu. Patrícia balançou a cabeça retrucando e o homem as beijou. - Aproveite a noite de folga, Mama. Você merece.

- Obrigada. - Luiza o viu se afastar e Patrícia a empurrou levemente pelo ombro.

- Por que você não sai com ele?

- Porque um homem já me dá dor de cabeça suficiente.

- É o Guel que ensina sua filha a cozinhar?

- Como vocês se conhecem?

- A Silvana nos apresentou.

- Ah, claro, tinha esquecido.

- Luiza, você se lembra que é possível fazer sexo com adultos sem caotizar a sua vida, não lembra?

- Minha filha o adora.

- Óbvio que ela o adora, ele é ótimo.

- Logo, se eu quiser transar com algum adulto, o Miguel está fora de cogitação, não é mesmo?

2022

*Presidente,*

*Eu sei que você deve estar pensando: “Aí que fedelha chata, só fala dessas coisas de gênero e sexualidade e tal!”. Eu ouço muita gente resmungando isso por aí. Discurso chato, mimimi e bla bla bla. Quer mais? Eu tenho para lhe dizer. Mas também preciso dizer que eu estou ciente de que essa espécie de pânico moral é uma estratégia muito bem estabelecida para alcançar pessoas das mais diversas.*

*Eu posso ter 18 anos apenas, presidente, mas estou atenta ao mundo que me ronda. E o que mais está acontecendo no seu governo? Nós dois sabemos, não é mesmo? São tantas coisas que fica difícil citar tudo, mas gostaria de destacar uma das piores tragédias.*

*Estamos em 2022 e a COVID-19 é a sombra dos últimos anos, o luto complexo e coletivo do mundo. Desde 2019, nós vivemos com o país e o mundo assombrando por uma doença absurda. São quase 700 mil mortes apenas em nosso país, com uma população de 212,6 milhões de pessoas. Segundo as notícias, são 3.214 mortes a cada milhão de habitantes brasileiros. Existem mortes que poderiam ter sido evitadas e a responsabilidade é sua.*

*Quando a gente pesquisa sobre o seu governo e as mortes evitáveis encontra uma notícia do próprio senado que fala sobre a CPI da Pandemia. Vou copiar o início dela na íntegra porque posso estar falando para pessoas que distorcem informações e criam fake news:*

*“Quantas das mais de 500 mil mortes por covid-19 poderiam ter sido evitadas no Brasil? De acordo com Pedro Hallal, epidemiologista e pesquisador da Universidade Federal de Pelotas, quatro em cada cinco mortes pela doença no país eram evitáveis caso o governo federal tivesse adotado outra postura — apoiando o uso de máscaras, medidas de distanciamento social, campanhas de orientação e ao mesmo tempo acelerando a aquisição de vacinas. Ou seja, de acordo com suas estimativas, pelo menos 400 mil pessoas não teriam morrido pela pandemia. Ele fez a afirmação nesta quinta-feira (24) durante audiência na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia, da qual também participou Jurema Werneck, diretora-executiva da Anistia Internacional no Brasil e representante do Grupo Alerta”.*  
*(Fonte: Agência Senado)*

*Eu me lembro de você sem máscara por aí, rindo e incentivando o uso da cloroquina e outros remédios sem eficácia garantida. Você tripudiou. Cometeu absurdos. Aglomerou. Desqualificou a ciência. Há um atraso na*

*compra de vacinas que não pode (e não deve) ser esquecido. Há sangue em suas mãos.*

*Eu perdi a minha bisavó paterna pro Covid. Um dos meus melhores amigos perdeu cinco pessoas da família. Minha mãe perdeu primas e tios. Todas as pessoas que eu conheço perderam alguém, mais próximo ou mais distante. O mundo perdeu muita gente, mas a gente perdeu muito mais considerando a falta de respeito com que você, que deveria liderar e ser exemplo pro país, tratou tudo.*

*Então, de novo, eu lhe pergunto: Você não tem vergonha? Não, eu sei que não. Mas preciso acreditar que há alguma chance de reconhecimento. Você posa como defensor da moral, da família, da verdade, do mundo sem corrupção. Mas o que você fez foi potencializar mortes por covid e também nos levar de volta ao mapa da fome (o que é uma segunda tragédia em um país em luto).*

*Enquanto você ri, ignora orientações mundiais e aglomera sem máscara, pessoas estão vivendo o seu luto dia após dia, com a certeza inquestionável que essa história poderia ter tido um final diferente. Estamos às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2022, presidente. Eu espero e luto por um futuro diferente.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

**E**m matéria de decisões que envolviam sua vida, Luiza estava precisando entender que nem tudo o que ela definia que achava querer para si era o que realmente acontecia. Era uma tarde de segunda-feira quando ela tocou a sirene do apartamento e aguardou. Munhoz havia a ligado, um outro amigo queria conhecê-la pra fechar um trabalho de tradução. A mulher achava que não devia pegar mais um trabalho, mas não queria deixar a oportunidade escapar por entre os seus dedos.

Quem abriu a porta não foi Munhoz, mas Miguel. Ela estava na casa dele e para a surpresa de ambos, Munhoz não explicou a mulher que estaria na casa de Miguel com o amigo. *Ele e minha sous chef costumam considerar que a minha casa é onde eles se escondem quando algo vai mal em termos de relacionamento*, Miguel lhe explicou.

Ela entrou no apartamento, olhando em volta, a cozinha americana era maior do que a sala com um sofá e a televisão, não havia mesa de jantar e haviam pouquíssimos objetos ornando a casa de janelas grandes que inundavam o apartamento de luz.

A reunião foi muito rápida e em 15 minutos, Munhoz e Luigui estavam de saída para encontrar outros amigos. Luiza estava em pé para ir embora junto com os

dois, mas Miguel lhe pediu para esperar um minuto porque ele queria que ela levasse algo para Sara. Uma parte de Luiza lhe disse para ir embora porque isso não passava de uma estratégia para ficar a sós com ela, mas ela lembrou que era isso que Bernardo sempre dizia que Miguel estava fazendo e que, na verdade, ele mesmo fazia. Então Miguel surgiu com uma sacola colorida, sorridente:

- Queria ver se eu fiz do tamanho certo. Tem uma blusa dela aí dentro, ela esqueceu no restaurante e eu a sequestreí por algum tempo.

- Você fez um dólmã para ela. – Luiza olhou para dentro da sacola sem acreditar e ele retirou a roupa da sacola. Era exatamente como o dele e estava bordado “Mini chefe Girafinha”, como ele a chamava. Luiza sentiu lágrimas repletas de significado tomando seus olhos e ele a encarou franzindo o cenho.

- Porra, Miguel.

- O que foi? Pequeno demais?

- E quem se importa com o tamanho, homem?! – Luiza o abraçou firme e ele sorriu. – Puta merda, Miguel. Puta merda!

- Eu estou meio confuso com os xingamentos, mas vou entender que você gostou. Eu só não entreguei a ela porque eu quero que você veja se dá pra próxima vez que ela for ao restaurante.

- Porra, Miguel. Porra! – respirou profundamente, aspirando o seu perfume amadeirado. Luiza apertou seu corpo contra o dele e se permitiu ficar ali sem saber mais o que fazer ou sentir. Miguel não se moveu, apenas permaneceu com ela, a segurando com firmeza e carinho.

Ela adoraria levar horas e horas naquele abraço. Mas não podia. Ela precisava beijá-lo, naquele exato momento, naquele milésimo de segundo. Ela não podia pensar naquilo. Ela o apertou mais, aproximando-se do seu corpo e o ouviu respirar profundamente.

- Se você continuar assim, quem vai precisar xingar sou eu. – ele disse num sussurro em seu ouvido e ela girou o rosto, de olhos fechados, tomada por aquela sensação.

A boca dele estava ali esperando a dela, o abraço ficou ainda mais intenso e ele deixou a sacola com o presente cair. Luiza estava transbordando em sensações fortes demais que a tomavam e sacudiam todas as estruturas. Ela queria sentir, ela queria a pele dele contra a sua e houve um rápido movimento de blusas saindo dos corpos e ele a puxando para o quarto, sem sutileza alguma. Luiza não esperava que ele fosse sutil. Estava cansada de não cair de cabeça nas sensações.

Uma cadência de beijos, encontros e suspiros se seguiu, assim como o resto das roupas deixaram os corpos. Havia meses que aquele momento era uma expectativa sempre em segundo plano, sempre à espreita, com mil e

uma ressalvas a soterrando. Ele beijou seu pescoço e ela sorriu, ela beijou sua boca e ele a abraçou com mais intensidade. Luiza esqueceu de se lembrar porque estava ali, ela apenas permitiu que o prazer do encontro se manifestasse.

- Luiza. – a voz o chamou ao longe, beijando seu pescoço e ela emitiu um som baixo e sonolento, retornando de um quase sono repleto de satisfação. – Eu sei que você está muito confortável aqui, mas seu celular está tocando lá na sala.

- Droga. – ela xingou abrindo os olhos e sentando-se de imediato no escuro. Ele levantou o corpo, caminhando apenas de cueca e retornando da sala com a bolsa. A luz do aparelho era a única fonte de luz do quarto e ela alcançou o aparelho, suspirando. – Oi, Amor. Sim, a Mama já está indo. Levo sim, meu amor. Um beijo.

- Tudo bem com a Girafinha?

- Ela quer pão doce. – Luiza riu e bloqueou o aparelho, retomando a penumbra. – Vende na padaria perto de casa.

- Que pena que você tem que ir. – ele afirmou girando o corpo e abraçando-a com carinho, beijando seu pescoço. Luiza sorriu e se deixou ficar, de olhos bem fechados, longe da realidade dos últimos dias. O homem alisou seu braço e ela sorriu em silêncio, deixando o corpo

deitar-se um pouco no seu enquanto ele a acomodava melhor em seus braços e beijava sua boca.

Os dois se olharam e Luiza temeu pelo futuro, mas ele sorriu novamente e o futuro saiu de fininho pela porta do quarto, esperando do lado de fora da maneira mais obediente que ele podia esperar.

- Quero te ver assim de novo. – ele arriscou e ela sorriu mais uma vez deixando sua boca encontrar a dele. O beijo morno relaxou o seu corpo e ela se sentiu tentada quando o corpo dele quis levar o dela de volta para a cama. Luiza se afastou risonha.

- Tenho uma filha que quer pão doce e uma mãe que vai sair para jantar com umas amigas. – ela informou mantendo uma distância segura do seu corpo em relação ao dele. Miguel sorriu e segurou seu rosto, a beijando com ternura.

- Depois me diga o que ela achou do presente.

Ao abrir a porta, Luiza ainda trazia na alma o ar leve do encontro de dois corpos que pareciam dançar ao som de uma música que só eles ouviam. Sentia-se leve, solta, tranquila. Luiza estava anestesiada pelo encontro de bocas, dos corpos, do toque dele em sua pele. Não havia planejado aquilo, mas adorava a ideia de não ter planejado, de ter experimentado o inesperado.

Dentro de sua sala, sentados no tapete, sua filha e Bernardo brincavam com blocos de montar, bonecas e um conjunto de chá. Luiza estancou surpresa, ainda um tanto fora de órbita e sentiu uma náusea inesperada, agarrando-se à maçaneta enquanto tentava readquirir a leveza, que a abandonou e correu escada abaixo.

Sara a olhou e sorriu, de forma viva, bonita, espontânea, alegre e solta, sob o efeito da presença do homem que a filha adorava, que havia a abandonado e traído sua confiança. De novo.

Em seu lugar, Bernardo sorriu sem jeito e tomado pelo receio. Estava de bermuda, pés descalços. Estava leve e não parecia tão atribulado, brincava com a filha como se não houvesse nada mais importante no mundo. Como se aquele fosse o cenário da vida deles e não a sala da casa de Marta que não estava presente. Luiza sacudiu a cabeça em silêncio, chamando a realidade para entrar e se sentar no sofá, reassumindo seu posto vitalício. Havia certos contextos que careciam de bom senso.

- Oi, Mama.

- Oi, querida, trouxe o seu pão doce. – afirmou, deixando para lhe falar sobre o presente de Miguel quando a presença de Bernardo não estragasse tudo. – Onde está a sua avó?

- Você estava atrasada e eu não me importei em cuidar da Sarinha enquanto ela tomava banho.

- Obrigada. – Luiza agradeceu com um sorriso forçado.

- Olha o que eu ganhei! – Sara exclamou mostrando uma boneca bonita. Luiza encarou Bernardo que deu de ombros sem jeito.

- É só um presente.

- Mama, não briga com ele.

- Não vou brigar, Amor. – ela afirmou de imediato e beijou os cabelos da menina. Era claro que ela ia brigar, ela havia sido enfática quando o pediu para não levar presentes para a menina.

- Você estava passeando?

- A Mama foi resolver umas coisas do trabalho, mas vai ficar com você essa noite.

- O Bernardo pode ficar? A gente podia comer pizza. – a mãe analisou o homem com cuidado. Adoraria que Bernardo percebesse que a última coisa que ela queria era dividir a mesa com ele. O homem sorriu e deu de ombros, Luiza se lembrou que não podia esperar o bom senso de sua parte. – Mama, deixa!

- Você não me deixa ao menos responder. Você sabe se o Bernardo já não tem planos?

- Você fica, né? – a menina questionou olhando para o homem que sorria.

- Se sua mãe disser que tudo bem, eu adoraria.

- Mama, você vai dizer que tudo bem? – Sara perguntou com esperança e comemorou com os braços levantados quando a mulher assentiu.

- Lu, você chegou! – Marta entrou pela sala. – Onde estava?

- Trabalhando, mãe. Já estou aqui, pode sair tranquila. – ela afirmou um tanto incomodada e Marta a analisou com cuidado. A mulher assentiu e se aproximou beijando a mãe no rosto. – Divirta-se, ok?

- Você vai ficar bem?

- Estou bem, mãe. – garantiu lhe beijando o rosto e a olhando. – Você está linda.

- Obrigada, querida.

**A**lgo lhe dizia que não acabaria ali, mas Miguel tinha certeza de que não seria uma continuação tão boa quanto o encontro dos dois em sua cama. Quando ela disse sim a sugestão de tomarem café da manhã na quarta-feira, ele se permitiu sentir-se um pouco esperançoso com a situação. Não queria que ela temesse por algo que ele podia garantir que sabia separar. Sua relação com Luiza e sua relação com Sara eram completamente diferentes e ele tinha certeza de que não haveria interferências.

Depois que Luiza foi embora de sua casa, Miguel dormiu bem. Na manhã seguinte, acordou cedo, bem disposto. Seguiu para o restaurante e continuou o planejamento do cardápio novo que queria lançar ainda naquele ano. Não saberia o que os clientes diriam se não o experimentasse.

O almoço de terça-feira foi bastante movimentado e um grupo de mulheres idosas estavam se reunindo para comemorar o aniversário de uma das amigas. Houve parabéns, bolo, muitas fotos e a animação tomou toda a equipe, inclusive o *chef* que cumprimentou e conversou com as senhoras presentes.

Miguel percebeu que se sentiu bem naquele dia como estava se sentindo nos últimos, não era mais pesaroso estar ali. Não havia aquela sensação de ser o seu próprio carrasco, sempre apontando demais os seus erros na cozinha, o que ele ainda não sabia administrar muito bem e o que precisava reaprender para se sentir bem ali.

Estava reaprendendo a sentir que aquele era o seu lugar, por direito. Era cansativo demais ser aquele que está sempre apontando os próprios furos, como se ele não pudesse ser o que queria ser, como se as vozes das pessoas estivessem mais certas sobre ele do que ele mesmo.

Definiu uma data para a inauguração do cardápio novo e fez um acordo consigo mesmo: aquele seria o seu foco nos próximos dias. Dentro daquela cozinha, só aquilo importava, nada mais. E foi assim que o dia seguiu mesmo que volta e meia ele se pegava pensando nas cenas da noite anterior e sorria.

Quando Luiza bateu na porta do seu escritório, ele estava prestes a iniciar o jantar, mas sorriu e deixou de lado tudo o que estava fazendo. Luiza não sorriu e acenou discretamente.

- Veio ver o Munhoz?
- Vim lhe dizer que precisamos cancelar amanhã.
- Está tudo bem com a Sarinha?

- Sim e por isso mesmo, precisamos cancelar o café da manhã.

- Luiza, não faça isso.

- Miguel, você tem noção da importância que você tem pra ela?

- Sim e levo isso muito a sério.

- Ela dormiu com o dólmã, o levou a escola e não vê a hora de vir para cá com ele. – Miguel sorriu, sabia que ela ia amar. Luiza não parecia nada satisfeita e ele daria tudo para vê-la abrindo mão daquele temor como quando estava em sua casa. – Eu levo a felicidade da minha filha muito a sério. Vamos sair e aí? Alguém vai se chatear e como fica a sua relação com ela?

- Você acha que eu não sou maduro o suficiente...

- Eu não posso colocar a minha filha no meio disso.

Já não basta ela ser fruto de uma mentira?

- O Bernardo é o Bernardo, eu sou eu.

- Considerando o amor que a Sara tem por você, você é a última pessoa com quem eu posso ir pra cama.

- E se não for só isso, muda algo?

- Você não quer, Miguel.

- Você está sendo injusta.

- Eu estou protegendo a minha filha.

- De mim? – ele levantou empurrando um pouco a cadeira e tocando o próprio peito. – É de mim que você tem que protegê-la?

- Eu estou a protegendo.  
- Até quando a Sara vai ser o seu escudo?  
- Não quero alongar essa conversa.  
- Me afaste o quanto quiser, Luiza, mas eu não vou me afastar da sua filha. Eu nunca me aproximei dela com segundas intenções.

- Eu sei. – Luiza tinha certeza daquilo, mesmo que as vezes se pegasse dando ouvido demais as insinuações de Bernardo.

- Ótimo, então a traga na sexta, por favor. Eu já tinha prometido que ela viria.

- Eu vou ter que trabalhar, minha mãe vai trazê-la.
- Você não vai trabalhar.
- Não faça perguntas, Miguel.
- Como você quiser, Luiza.

Era óbvio que não terminaria bem porque Luiza não confiava o suficiente nele para tanto. Luiza não acreditava que ele era capaz de administrar ambas as coisas e ele não podia obrigá-la a perceber o equívoco. Quando estava com ela, Miguel sentia exatamente como se sentia com Túlio: confortável consigo mesmo. A diferença era que na presença dela, haviam sensações mais urgentes.

Na quarta-feira à noite, ele saiu do restaurante mais cedo. Estava indisposto e não conseguia render na cozinha. Tomou um banho morno, vestiu um short confortável,

ligou uma música e se sentou na pequena varanda do seu apartamento com uma taça de vinho. Seu celular tocou interrompendo a música e ele não se moveu, não queria conversar com ninguém. Poderia ser Túlio, mas não estava no clima de bate-papo. O celular tocou novamente e ele xingou irritado, entrando na sala. Podia ser que algo tivesse dado errado no restaurante, mas era Luiza.

Sua voz estava tensa e ela se desculpou três vezes antes de explicar o motivo da ligação: Sara não parava de chorar, estava sentada na cama se negando a dormir e chorando copiosamente. Ela estava lutando desde as oito para colocá-la na cama e passavam das onze horas. Miguel trocou de roupa e seguiu para a casa de Marta, sem titubear.

Seu celular tocou no caminho e era Adriano, mas o que quer que o outro tivesse a lhe dizer naquela hora – que possivelmente envolvia algum convite para um encontro de última hora – não importava mais.

- O que houve, Sarinha? – Miguel sentou ao seu lado na cama e ela limpou os olhos, abraçada à girafa de pelúcia. Miguel estava preocupado enquanto a menina tentava reestabelecer o fôlego curto pelo choro.

- Você vai embora também?

- Como assim?

- A Mama está zangada com você, eu sei. Você vai embora também?

- A Mama está zangada porque nós dois tivemos uma conversa...

- Que a deixou brava, eu a vi falando alto no telefone com a tia Eli.

- Você falou sobre isso com a Mama?

- Não. Não quero que você me esqueça.

- E por que eu lhe esqueceria?

- O Berna me deixou na escola.

- Ele lhe levou para a escola?

- Ele não foi me buscar e Mama mentiu, ela disse que ele não pôde, mas eu a vi gritar com ele. Ela voltou do trabalho para isso.

- E por que você não conversou com a Mama?

- Ela estava zangada. Você vai embora, Guel? Como ele?

- Não.

- Você promete?

- Sim, eu prometo. – Miguel afagou seus cabelos e a menina o abraçou com força. Miguel suspirou e voltou a afagar seus cabelos. – Eu estou aqui, Girafinha, não precisa mais chorar.

Vinte minutos depois, Luiza entrou no quarto e sua filha dormia deitada ao lado do homem. A mulher sentiu seu peito se contrair e limpou os olhos, precisava manter a cabeça no lugar. Sua tarde havia sido péssima com o mal-estar que Bernardo e sua irresponsabilidade causou então Sara se negava a dormir enquanto Miguel não aparecesse ali. A menina garantia que não dormiria enquanto não perguntasse algo a ele e Luiza tentou, mas ela se negava a falar com ela. Sara chorava, chorava e lhe pedia para ligar para o Estranho. Então ela cedeu.

- Ela não parava de chorar. Não parava. Eu estava desesperada. Me desculpe. – a voz de Luiza estava baixa, mas carregada de ansiedade. Seu corpo estava rígido e ela olhava a menina sem encará-lo.

- Tudo bem, eu já estava em casa, mas não tinha dormido ainda.

- Meu Deus, o que foi que eu fiz? Ela estava chorando e dizendo que precisava te ver. Você nem quer ter filhos. Você não gosta de crianças.

- De onde você tirou isso?

- Eu nunca devia ter lhe beijado. Você não quer nada disso!

- Luiza, você está sendo injusta. O fato de eu estabelecer relações não monogâmicas não significa que eu não as levo a sério.

- Não importa o que você acha que está dizendo, é a minha filha que eu não conseguia fazer parar de chorar! – Luiza estava com o rosto vermelho e Miguel assentiu, tentando ser compreensivo.

- Por favor, vá descansar, você parece exausta.

- Vou dormir com ela.

- Eu vou dormir com ela. Ela chamou a mim. Vá para o seu quarto, eu fico com ela. – ele disse movendo um pouco o corpo. Sara abriu os olhos sonolentos e segurou o braço do homem. – Tudo bem, estou aqui, volte a dormir.

- Você fica?

- Fico sim, Girafinha, volte a dormir. – Miguel afagou os seus cabelos e Luiza saiu às pressas do quarto. Não podia ficar ali, não podia presenciar e se culpar por algo que fez num momento impensado.

Era por isso que Luiza seguia o que planejava, suas ações repercutiam na vida de Sara. Bernardo a esqueceu na escola, ele, ao menos, falou com a menina depois do acontecido. Agora Miguel estava dormindo com ela e a menina segurava o seu braço, mesmo adormecida. A vida de Sara era muito mais equilibrada longe dali.

**A** noite impactou Miguel de muitas formas. Quando chegou em casa, depois de ajudar Sara se arrumar para a escola, levou algum tempo embaixo do chuveiro morno repassando as cenas da noite. Quando Luiza o ligou, ele saiu tão rápido que deixou a taça de vinho pela metade em cima do balcão da cozinha. Agora estava de volta, muito impressionado com a tristeza de Sara e as lágrimas dela.

Depois que Luiza deixou o quarto, Sara dormiu, mas acordou quando ele se moveu para ir ao banheiro. O homem a tranquilizou e quando voltou a se deitar, ela segurou o seu braço. Miguel revezava entre a raiva de Bernardo e o peso da situação. A menina realmente confiava nele. Não era o que Miguel imaginava quando a conheceu, nunca foi um plano pensado.

Talvez fosse por isso que Luiza dizia que não podia pensar apenas em si? Porque deixar uma pessoa entrar na vida de Sara era uma responsabilidade enorme. E agora que Bernardo fez o favor de esquecê-la na escola e a menina, sempre atenta demais, sabia que Luiza estava chateada com ele – o que ela estava conversando com essa amiga? O que ele fez além de dizer que queria sair com ela?

– então Sara estava se sentindo bastante vulnerável, muito assustada com a possibilidade de todos irem embora.

No fim da noite, Miguel não sabia se devia ligar para Sara para falar com ela ou deixar Luiza lidar com a situação. Ele chegou a mandar uma mensagem para ela perguntando se estava tudo bem, mas ela não respondeu. Por que ela não respondeu? Por que não devia manter aquela relação?

Sara já estava apegada a ele, não havia como voltar atrás. Luiza não precisava se preocupar e ele não ia ficar lhe lembrando disso a todo momento considerando que ela estava usando Bernardo como referência na situação, um ser humano que não se interessou pela filha por sete anos, ameaçou uma pessoa que gostava dela e a esqueceu na escola sem remorso. Onde Luiza via semelhanças entre os dois?

- Sorte no jogo, azar no amor?

- Fale por você. – Miguel retrucou bebendo mais o vinho enquanto Cecília sorria cruzando os braços e o observando.

- Você está bebendo na cozinha vazia, Guel, isso é um péssimo sinal e todo mundo sabe.

- Eu jurei que ninguém ia atrapalhar meus planos, lembra? Está tudo bem, não vai acontecer de novo.

- A Luiza não atrapalha seus planos se tem uma filha com aquele hetero top e tem medo dela perder um vínculo tão importante que ela fez com você. – Miguel havia comentado com ela sobre o que aconteceu na noite anterior e Cecilia apenas deu alguns tapas em seu ombro, sem lhe dizer nada.

- Como você sabe quem é o pai da Sarinha?

- Nessa cozinha a gente ouve de tudo, querido.

- Ela não vai perder...

- Você não pode garantir isso, Guel, você não tem esse poder. O que aconteceria é um mistério.

- Você está certa. – Miguel deixou o corpo relaxar um pouco mais. Depois da experiência da noite anterior, ele precisava dar o braço a torcer, Luiza tinha a sua razão. – Avise aos seus colegas que quando eu me sento pra beber aqui, não quer dizer que eu estou na pior, mas sim pra me lembrar que aqui é o meu lugar.

Luiza respondeu a mensagem dele às uma da manhã, se desculpando. Sim, Sara havia dormido sem dificuldade, mesmo que na cama da mãe. Ela não viu a mensagem porque estava dando conta de muitas demandas de trabalho. Miguel ficou aliviado e lhe desejou uma boa noite de sono, ele imaginava que Luiza não havia dormido nada na noite anterior.

Sara sempre comentava com ele que a mãe estava trabalhando demais, que ela deveria descansar, mas tinha sempre que cuidar dela. Miguel tranquilizava a menina, mas também percebia, Luiza não deveria ter aceitado mais um trabalho. Bernardo estava cumprindo com a responsabilidade agora que reconhecia a existência da criança? Quanto custava manter uma criança ativa e saudável? Miguel não fazia a mínima noção, mas com certeza não era nada barato.

- Podemos conversar? Eu preciso me desculpar. –  
Luiza disse entrando no escritório depois que ele abriu a porta.

- Pelo que?

- Eu disse que você era irresponsável quando você foi apenas sincero. Você só me disse que estabelecia relacionamentos não monogâmicos, eu não podia lhe julgar por isso. E você saiu da sua casa porque a Sarinha estava desolada com o fato do Bernardo... Ela não quer perder mais ninguém.

- Acho que eu também preciso me desculpar com você. Você tem razão, não sabemos como seria se tivéssemos saído.

- Você realmente entende?

- Sim.

- É tão bom conversar com adultos centrados. Santo Deus, como é fácil!

- Vou levar como um elogio.

- Sim, com certeza.

- Como ela está?

- Triste. Ele ao menos pediu desculpas. – Luiza resmungou e cruzou os braços. Seus olhos estavam sem brilhos, com olheiras escuras. – Eu não sei se faço o mais correto, só estou apostando no que eu acho bom.

- Ela vai ficar bem.

- Como você pode ter certeza?

- Ela tem você.

- Não sei se é suficiente, Guel.

- Você sabe que eu sou adotado?

- Não.

- Na minha certidão de nascimento, meus avós são os meus pais. Na verdade, as minhas irmãs são irmãs da minha mãe. Minha mãe era filha mais velha deles, engravidou aos 14 anos e uma semana depois que eu nasci sumiu no mundo. Ninguém tem notícias dela há anos. Minha avó nunca deixou que eu a chamasse de mãe, mas fazia questão que eu dissesse que minhas tias eram minhas irmãs. Meu avô nunca discutia quando ela tomava uma decisão doméstica.

- Por isso elas são mais velhas que você.

- A Liana e a Pérola se metem na minha vida como se fossem mesmo as minhas mães. A Vanessa tem quase a minha idade, é seis anos mais velha, por isso sou mais próximo dela. E ela não enche o meu saco, óbvio.

- Estudamos juntos, mas não sei nada sobre você.

- Ninguém sabe dessa história, eu contava que meus pais morreram quando eu era um bebê. Eu não conheci o meu pai, ninguém sabe quem ele é e minha mãe me abandonou. Eu era um menino negro que a mãe não quis, me interessava também por meninos e era criado por um homem absurdamente machista. Eu era muito, muito fechado com todo mundo. Ainda sou. – assentiu pensativo e a olhou nos olhos. – Mas por isso eu posso me atrever a dizer que ela vai ficar bem, porque ela tem você.

- E você.

- Não tenha a mínima dúvida disso. – Miguel disse sério e Luiza assentiu com os olhos marejados.

- Não tenho palavras para agradecer o bem que fez a ela você ter dormido lá.

- Sempre que precisar.

- Caso você ainda não saiba, não tem nada, absolutamente nada errado com você, Guel. Os motivos da sua mãe, com toda a certeza, não são por você, mas por ela mesma. Você devia ter muito orgulho da pessoa que se tornou. – o homem sorriu com lágrimas nos olhos e ela apertou sua mão com carinho.

Nos últimos meses, Luiza começava a reconhecer um padrão. Sempre que algo incomodava ou contrariava Bernardo, ele sumia por sete ou dez dias e voltava como se nada tivesse acontecido. Ele encontrou Sara após o sumiço e não falou sobre os motivos de não ter ido na escola buscá-la. A menina também não perguntou, mas não quis sair do prédio com ele, nem para tomarem sorvete.

Luiza não se envolveu, mesmo quando ele pediu diretamente a sua ajuda. Não ia tornar a vida de Bernardo mais fácil considerando que ele tornava tudo mais difícil. Sempre que Bernardo não cumpria algum combinado ou não aparecia por dias, era ela quem precisava equilibrar as frustrações de Sara.

Ela não podia impedir que ele aparecesse – sempre se perguntava se realmente não podia – então preparava a filha para lidar com o homem, sem gerar expectativas sobre suas visitas, sem lhe avisar com antecedência. Quando Bernardo dizia a Luiza que ia aparecer, Sara vivia a sua vida e o recebia se ele batesse à porta. Era a forma menos dolorosa que a mulher encontrou depois da noite em claro, aflita com a dor da menina que estava com o medo de que todas as pessoas a abandonassem.

Sara não estava acostumada com abandono, Luiza sempre estava muito perto. E ela adoraria que a menina nunca tivesse aquele sentimento, Luiza sabia o quanto doía esperar algo de alguém e não receber nem um pedido de desculpas. Seu pai nunca se desculpou com ela. Ela não queria que a filha sentisse aquilo, mas não podia proteger Sara de sensações desagradáveis, de um pai pouco honesto. Elas precisavam aprender a lidar com ele, cada uma a sua forma.

Por isso, Luiza estava tomando providências para que ela e a filha não sofressem mais com a pouca responsividade de Bernardo. Quando o homem informava que apareceria, Luiza não avisava a filha assim como não deixava muito espaço para conversa com ele. Sempre que Bernardo queria falar sobre Sara, ela se mostrava disponível, mas ao primeiro sinal de alteração na rota de assuntos e ela lhe dizia que estava ocupada. Bernardo nunca gostava das restrições dela, mas Luiza não se importava mais.

Com a mudança gradativa de sua postura, ela percebia que o humor do outro também se modificava. Ela estava sempre atenta à forma como ele tratava Sara, mas não se preocupava com o que ele estava sentindo em relação a si. Era mais do que hora de Luiza crescer e perceber que o homem incrível que ela construiu só existiam em seus sonhos colegiais.

- Me dei conta de uma coisa. – Luiza afirmou encarando Heitor que o olhou com atenção. – Eu não sei nada sobre o Bernardo. – ela suspirou. – Tudo se resume ao que eu idealizei esses anos todos.

- Finalmente você entendeu isso, não é?

- Talvez eu estivesse muito ocupada criando a filha que ele também concebeu e o odiando para disfarçar o fato de que ele foi o primeiro amor da minha vida.

- Gostei de ouvir “foi” nessa frase. – Melina afirmou se envolvendo na conversa e Luiza sorriu.

- Eu descobri que ele se diz contra o aborto. Ele fez uma postagem ridícula sobre isso.

- Aborto?! – Melina questionou com a voz mais alta.

- A única opção quando soube da minha gravidez.

- Você sabe que ele vai para missa com a Helena, não sabe?

- Ele não tem vergonha?

- Se as pessoas dessa cidade fossem assumir que não eram dignas da missa, Lu, você se surpreenderia com a quantidade de bancos vazios. – Luiza se permitiu rir da situação.

- Diga aí, casei bem, não foi? – Heitor questionou sorrindo orgulhoso.

- Sua mulher é incrível, Cara! Aí de você se vacilar com ela! – Luiza afirmou e a outra a abraçou risonha.

2022

*Presidente,*

*Minha mãe sempre foi um grande exemplo de coragem, uma mulher determinada que a minha chegada não abateu. Ela pensava que ser forte era se demonstrar invencível, mas aprendeu que chorar e expressar sentimentos também era o sinônimo de força. Se existe alguém mais corajosa no mundo, eu não conheço.*

*Minha mãe é essa mulher da porra que tem as melhores intenções do mundo em relação a mim e quando falha, nas palavras do meu pai, “falha lindamente” porque todas as suas ações são pensadas com amor. Não, não estou dizendo que ela é perfeita, mas ela sempre se esforçou por mim. Eu sou grata por isso, mesmo que as vezes esqueça de lhe agradecer. Se um dia eu for mãe, com certeza ela será o meu exemplo e minha inspiração.*

*Minha mãe gosta intensamente do seu trabalho, se dedica e é uma das melhores professoras que eu conheço. Além disso, é uma mulher radiante e, segundo o meu pai, apaixonante desde o primeiro deboche. Ela não planejava me ter, mas escolheu me ter e enfrentar tudo o que viveria. Minha mãe é imperfeita, mas honesta e determinada.*

*Por vezes é difícil discutir com ela, seus argumentos são bons, mas eu tenho muito orgulho de ser a filha dela. Ela decidiu me ter e não acreditou que a minha existência representasse o fim de sua vida.*

*Minha mãe foi atrás da própria vida e garante que tudo ficou um pouco mais leve depois do meu pai, já que eles passaram a dividir uma vida juntos. Mas eles nunca centralizaram a vida neles mesmos. Admiro os meus pais por serem quem são e não terem vergonha disso. É mesmo que um dia eu tenha desejado que eles fossem “normais”, hoje sei que não há nada errado com eles.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

**E**ra um fato inquestionável que Luiza não daria conta de tudo o que havia para o dia seguinte. Ela estava mesmo enrolada com tantas coisas para fazer e os prazos apertados que estipulou para si. Por que estava trabalhando tanto? Para não se focar no que mais estava acontecendo? Ou nas coisas que não estavam acontecendo como ela queria? Possivelmente era tudo aquilo.

Naquele momento, era impossível se concentrar em traduções ou aulas a preparar quando sua cabeça ia e voltava para a discussão com Marta. Sua mãe estava lhe pedindo algo que ela não podia lidar, esconder uma parte de si que ela nunca imaginaria que não poderia dividir com pessoas.

Luiza estava cansada de guardar segredos há tantos anos, já bastava ter que se apresentar como uma mulher viúva no passado para não sofrer com as perguntas sobre o pai de Sara. Ela não queria mais guardar nenhum sentimento mal resolvido trancado nela mesma. Mas Marta nunca a abandonou e estava lhe pedindo algo que era importante para si. Como Luiza diria não à mãe que sempre esteve ao seu lado mesmo contra a vontade do pai?

Inquieta, levantou da mesa de jantar e abriu a porta do quarto de Sara com cuidado. A menina dormia abraçada

com a sua girafa e não parecia inquieta. Para sua sorte, depois que Miguel dormiu com ela e Bernardo foi visitá-la, as coisas finalmente se acalmaram e Sara ia dormir bem, depois que a mãe contava a história do dia. Ficou olhando a menina dormir e sorriu.

Sara estava super animada quando a mãe a encontrou no Mediterrâneo, Miguel havia ensinado a ela como dizer obrigada em francês e a todo o momento, Sara inventava desculpas para usar a palavra, lhe agradecendo por tudo.

Naquela noite, quando estava quase pegando no sono, a menina lhe contou como foi o momento no restaurante e disse que, segundo Miguel, ela estava muito “perguntadeira”, mas aquilo não era ruim. E que ela fez muitas perguntas e Miguel respondeu todas, como sempre.

Era engraçado como uma criança achava os adultos o máximo porque eles tinham respostas para suas curiosidades. *Eu perguntei ao Estranho se ele tinha namorada e ele contou que gosta de meninos e de meninas. Eu disse a ele que você já tinha me dito sobre isso e eu não achava nada demais*, Sara falou com desenvoltura e Luiza sorriu, orgulhosa. *Ele me disse que se a gente for muito sincero, podemos namorar duas pessoas se a gente quiser. Mas a gente precisa ser sincero. De verdade. Achei legal esse negócio de ser sincero. Assim ninguém fica triste, não é?*

Luiza garantiu a ela que era muito importante ser sincera sempre e a menina deu a conversa por encerrada. Era curioso como o que chamou atenção de Sara não foi algo que ela não ouvia ou via com frequência, ninguém do seu contexto falava sobre namorar mais de uma pessoa como algo bom. Mas o que lhe saltou aos olhos foi a importância da sinceridade.

Luiza fechou a porta do quarto e respirou fundo alongando os braços cansados. A facilidade com que Sara assimilava coisas que ela ainda achava muito diferente era notável assim como a tranquilidade com que Miguel lhe explicava coisas que outros adultos podiam julgar complexas demais para uma criança de sete anos.

A luz do quarto da mãe estava ligada e ela sabia que, quando fosse avisar a filha que iria dormir, Marta voltaria a insistir sobre o assunto. Luiza não queria voltar ao tema, disse a mãe que precisava pensar, mas Marta não desistiria enquanto não ouvisse um sim. Então Luiza percebeu que precisava sair um pouco e dar uma volta, esfriar a cabeça, rever seus prazos e quem sabe, assumir que precisava trabalhar menos. Avisou a mãe que sairia e que Sara estava dormindo, não deu espaço para questionamentos.

- Você está me odiando? – Miguel questionou ao abrir a porta do restaurante e Luiza franziu o cenho o

encarando. – Ela me encheu de perguntas e eu não sabia outra forma de responder, não podia mentir pra ela.

- Eu vou lhe odiar por você ensinar à minha filha coisas que nem a mãe dela entende direito?

- A mãe dela não entende?

- Não estou acostumada. Mas ela achou incrível o fato das pessoas serem sinceras porque assim ninguém fica triste.

- Você tem uma filha muito, muito esperta, Lu. – sorriu. – Achei que sua presença sem avisos a essa hora significava que seria meu último dia na Terra.

- Eu preciso de um tempo com um adulto agradável e uma taça de vinho.

- Se acomode no escritório, vou pegar uma garrafa. Você jantou?

- Já, não se preocupe.

Miguel escolheu um vinho e alcançou duas taças no balcão do bar. Quando entrou, a mulher estava no sofá, com as pernas estiradas e o corpo acomodado no encosto com os olhos fechados. Ele a entregou a taça e se sentou. Gentilmente colocou as pernas dela em cima das suas, massageando os seus pés. Luiza sorriu e voltou a fechar os olhos, grata pelo que ele fazia.

- Descobri que a Helena afirma categoricamente que nunca vai reconhecer a Sarinha como filha do Bernardo porque ela é uma filha bastarda.

- Enquanto o Bernardo está sentado dizendo que não é responsabilidade dele o que a Helena fala? – Luiza sorriu reconhecendo, com prazer, o deboche dele ao falar do outro homem. Era bom ter alguém para dividir o sentimento de revolta.

- Minha mãe quer que eu faça um discurso em uma homenagem que vão fazer pro meu pai.

- Sua mãe? O que?!

- Obrigada! – ela o olhou com as mãos unidas em agradecimento. – Eu precisava tanto que alguém ficasse chocado comigo.

- Não pode ser, Lu. Sua mãe não pode estar falando sério.

- As pessoas não sabem que meu pai morreu sem falar comigo, Guel. Eu descobri isso também. Hoje.

- Diga não.

- Não posso.

- Você sabe que pode. A sua mãe não deveria nem ter lhe pedido isso. Ela ajudou você, você não deve nada a ela.

- Miguel, você pode ser um pouco menos assertivo? Você pode apenas se embriagar comigo e pronto?

- Sim.

- Ótimo, obrigada. – a mulher bebeu o seu vinho e fechou os olhos, relaxando o corpo enquanto ele seguia massageando seus pés.

- Você viu o show do Marinho em Vales? – perguntou depois de algum tempo em silêncio.

- Sim, comprei meu ingresso hoje.

- Achei que você ia gostar. – ele disse esticando o corpo para alcançar a garrafa na mesa lateral e lhe servindo mais vinho.

- Me perdoe por ser tão covarde. – os dois se encararam.

- Acho você corajosa até demais.

- Eu tenho a sensação de que vou perder o controle quando estou com você. Não posso fazer isso.

- O que você quer de mim hoje, Luiza?

- Nada.

- Vamos lá, Lu, não deve ser tão difícil assim. – Miguel retirou a taça da mão dela, a colocando na mesa ao lado do sofá. Quando os dois finalmente se encararam, Miguel sorriu e esperou com as mãos acariciando suavemente seus pés.

- Não me obrigue a dizer.

- O que você quer, Luiza?

- Você sabe.

- Eu quero ouvir. – levantou o corpo, a puxando com cuidado pela mão. Luiza levantou e o olhou.

Os olhos dele a encaravam como se pedissem a devida autorização para tocá-la, como alguém convidando a outra pessoa para uma dança. Ela acenou sem desfaçatez

e ele sorriu tocando seu rosto, a olhando nos olhos e deixando a mão deslizar até sua nuca.

- Miguel, me beija logo, não me faz implorar!

A aproximação foi feita de forma tão gradual que Luiza desejou que a boca dele encontrasse a sua, com calma, assim como o contato, com cuidado assim como o seu toque e com desejo. Ele a olhava de forma tão intensa que Luiza se sentia alheia a qualquer coisa que estava acontecendo para além dos seus olhos.

O toque das mãos dela em seu corpo também foi gradual e delicado, primeiro o peito, depois as costas e os ombros, um abraço e um beijo que não parecia capaz de terminar. Era diferente da ânsia da primeira vez, agora era mais sutil e mais significativo. Ela foi até ali, ela quis estar com ele.

Ela o segurou e sentiu uma força confortável em seus braços, não quis sair, não quis terminar o contato. Ele girou um pouco seu corpo e a levou para o sofá, de forma tranquila, não programada, como se nunca houvesse pensado em tal ação com ela. Ela se deixou deitar e se deixou levar enquanto um rio de águas passadas abandonava seu corpo, em direção ao mar.

- Então você resolveu que após a traição, nunca mais teria um relacionamento monogâmico? – ela

perguntou aconchegada em seus braços no escritório escuro.

- Depois disso eu resolvi que não ia mais fazer algo só porque alguém queria. E sim, isso inclui me envolver em uma relação cheia de expectativas com grande chance de fracasso.

- Mas você já era a favor de relações assim antes, não era?

- Sim. A Silvana insistiu que não queria porque não havia chance dela se interessar por outra pessoa. Uma mentira que durou 11 meses e alguns dias.

- Então você nunca mais...

- Se eu nunca mais ficaria apenas com uma pessoa? Não é disso que se trata, Lu. Não estou sempre com cinquenta pessoas. A questão é o contrato absoluto, as falsas promessas de fidelidade...

- Então se uma pessoa lhe pedisse para temporariamente manter um relacionamento exclusivo e se comprometeria a informar caso aparecesse alguém interessante, você não acharia que era a mesma coisa?

- Isso é uma proposta?

- Não, não. Por favor. É uma curiosidade genuína de, quem sabe, um futuro possível.

- Estou aberto a esse futuro possível.

- Eu preciso... – Luiza suspirou. – Eu sei que não é justo ou que fica parecendo que você não se importa com a

Sarinha. Mas qualquer decisão da minha vida a afeta diretamente.

- Eu já entendi, fique tranquila.

- Pareço uma menina deitada no seu peito e choramingando com medo, não é?

- Você parece incrível, Luiza, e honesta.

- Segundo você explicou à Girafinha, se as pessoas são honestas, vai ficar tudo bem.

- Mas vai, eu sei que vai.

- Você pensou que o Bernardo é um adulto que convive com ela e é pessoa menos verdadeira que eu já tive notícias? – Luiza o encarou e ele riu surpreso tapando a mão com a boca. – Logo vi que você não estava fazendo de sacanagem. Estou curiosa para ouvi-la explicar sobre a importância da honestidade.

- Quem sabe ela não o ensina alguma coisa? – sua pergunta fez a mulher rir. – No dia que esse futuro se concretizar, espero que o humano interessante não seja...

- Ah, pelo amor de Deus! Eu caí em tentação, você nunca fez isso? Se meter com alguém que você tinha certeza de que não devia?

- Sim. Mas o Menino de ouro? – Miguel questionou e assentiu quando a mulher o olhou franzindo o cenho. – Era assim que a minha turma o chamava. O intocável da escola inteira.

- Eu me considero bastante lúcida agora.

- Não lhe recrimino, foi a sua insensatez que permitiu que a Girafinha existisse.

- Eu não consigo entender por que você não quer ter filhos se tem tanta paciência com ela e com seus sobrinhos.

- Ela já é um ser humano parcialmente independente e com quem conseguimos dialogar. O básico da vida não foi eu que ensinei. Sempre soube que, se um dia eu adotasse uma criança, seria alguém nessa idade ou mais velho. Eu não conseguia lidar bem com meus sobrinhos quando eles eram mais novos.

- Essa foi uma das coisas mais sensatas que alguém já me disse.

- Isso não quer dizer que eu não me envolveria com alguém com um filho. Principalmente se a filha dela já roubou meu coração inteiro.

- Ela falou *merci* a noite inteira e falava no seu nome a cada dez palavras. Quando uma pessoa não quer pensar em você, a Sara não ajuda. – sorriu aproximando-se para beijá-la.

- E eu ia te ligar amanhã porque minha irmã vai vir e eu vou levar os sobrinhos pra pescar no sábado. Eles querem que ela vá.

- Eu preciso ir?

- Se você quiser, sim e eu prometo me comportar.

- Acho melhor não. Possivelmente eu não me comportaria. – ela sorriu. – Me leva pra sua casa? Eu disse a minha mãe que ia dormir com o Tor...

- Eu não pretendia te levar a nenhum outro lugar hoje. – Luiza o beijou na boca, ignorando todas os seus alertas que diziam que ela estava errada em seguir o que sentia.

A primeira vez que ouviu falar sobre bissexualidade, Miguel não esqueceria. Ele estava sentado na sala de estar da casa que morava com os avós e as irmãs. Seu avô estava assistindo um programa de domingo, esperando a transmissão do futebol quando uma atriz declarou: *Eu já namorei com mulheres, mesmo que hoje seja casada com um homem.* Miguel levantou os olhos dos carrinhos espalhados pelo tapete e encarou a mulher bonita que sorria no aparelho. Pouco depois, o canal foi modificado abruptamente e ele ouviu o homem resmungar: *Esse povo da televisão só faz safadeza!*

A atriz era Beatriz Nunes, estrela da novela preferida da avó, que fazia o papel de uma mulher religiosa que encontrava o seu par romântico enquanto caminhava para a missa. Os dois viviam um amor pudico, namoro de portão e a personagem Olivia seria abandonada por Rodrigo após uma armação de Úrsula, a antagonista da trama. Dez anos depois, os dois se reencontrariam e viveriam felizes para sempre.

Ele lembrava detalhes da novela por conta daquela declaração. E quando lembrava a cena, Miguel imaginava como era para o avô ouvir uma mulher famosa dizer que se relacionava com homens e com mulheres e como ele se

sentiria se imaginasse se o próprio neto, que ele criou como filho, também se entenderia como bissexual. Seu avô nunca soube da orientação sexual do neto, nunca poderia imaginar, mesmo que tivesse dito, em algum momento, que Miguel era muito cheio de “frescura” o que significava que havia um receio absurdo do menino ser “viado”, termo que Miguel levou anos para entender que não seria sempre dito de forma ofensiva.

Quando estava longe de casa, da cidade, do país, Miguel se sentia muito à vontade para viver a bissexualidade e o seu desejo em aprender mais do mundo culinário. Seu avô nunca apoiou aquela ideia, era óbvio. Quando via o menino na cozinha com a esposa, sempre retrucava que Maria estava estragando o homem. Quando largou a engenharia, não contou ao seu avô. E apenas quando o homem morreu, ele reuniu suas coisas e partiu para estudar na França.

Durante muitos anos, o fantasma da frase do avô o acompanharia. A resistência de Liana em reconhecer o relacionamento dele com um homem revivia seu temor e muitas opiniões à sua volta lhe diziam que aquele não era o melhor caminho. Então Miguel sustentou sua decisão, ele contou as pessoas da sua orientação sexual, voltou para a cidade e isso foi propagado pelo escândalo com Matias.

Meses se passaram com Miguel sentindo que estava soterrado por um escândalo na cidade, mas então Túlio

surgiu e a relação se estabeleceu, eles se sentiam bem na companhia um do outro e não estavam muito preocupados em definições ou títulos. Para Miguel, o que importava era que, depois de tanto caos, estar com ele não parecia uma grande afronta a ninguém.

Ele pensava que havia superado as questões com a sua sexualidade, ou melhor, o incômodo pelos comentários de outras pessoas sobre a sua sexualidade, mas não, óbvio que não. Matias propagou informações como bem quis e se aproveitou da cena para atrair pessoas para o restaurante que trabalhava. Por sua vez, Miguel apenas esperou que os sentimentos se assentassem e as pessoas esquecessem. Ele se concentrou em sua cozinha, nos encontros com Túlio, evitando circular em sua cidade, se refugiando em Vales, que mesmo muito próxima, era uma cidade ainda maior.

Meses se passaram, então um dia ele estava chegando na festa da escola para cobrar uma dívida e encontrou a mulher que lhe parecia outra pessoa. Luiza parecia tensa com algo, mas sorriu ao vê-lo. Ele sorriu de volta. Os dois se encontraram outras vezes, ele se encantou com a filha dela primeiro, depois pela mulher. Ele a convidou para sair e finalmente entendeu que não aconteceria mais nada. Até que aconteceu na noite anterior e Miguel não estava preocupado com absolutamente nada enquanto abria o restaurante.

Curiosamente, naquela manhã, ele não sentia nenhuma gota de sono. Mesmo tendo dormido muito, muito pouco. Seu apartamento não era o local mais aconchegante do mundo, mas eles passaram a noite juntos ali. Nunca havia se interessado em decorá-lo depois que voltou a morar na cidade porque entrava ali apenas para dormir. Mas o local estava organizado, a cama estava forrada com lençóis limpos e o banheiro não estava em um estado deplorável. Cecilia, quando dormia na casa, sempre o agradecia por ser um homem higiênico.

Não era a primeira vez que Luiza entrava no espaço, assim como não era a primeira vez que ela o beijava em sua cama. Luiza era “de casa”, como ele brincou enquanto a via levantar-se para ir ao banheiro. Já era madrugada quando ela acessou o celular para ver, pela babá eletrônica, a filha que dormia tranquilamente em sua cama e voltou a deitar tranquila. Miguel a trouxe para perto e lhe pediu baixo: *Prometa que não vai se arrepender amanhã*. Luiza assentiu lhe beijando e ele sorriu pouco depois. Era o bastante para aquele momento.

Os dois levantaram cedo, Luiza precisava voltar para casa, ele a deixou na portaria do seu prédio e seguiu para o restaurante, abrindo as janelas, deixando o sol entrar e escolhendo sua trilha sonora dançante. Então, inspirado pelo bom humor, se pôs a fazer café da manhã para sua

equipe, cantarolando sozinho na cozinha ainda vazia e tranquila.

Quando a comida e o café estavam prontos, ele sorriu para Cecília que foi a primeira a chegar, como todas as manhãs. A mulher estava com os cabelos presos e o rosto com marcas de sono. Ela o beijou e o encarou intrigada, retirando os fones para conferir a música.

- Lady Gaga? – Ciça devolveu os fones de ouvido de Miguel. – Alguém acordou de bom humor hoje.

- Se eu tivesse dormido, teria realmente acordado de bom humor. Tem *croque monsieur*.

- Que horas você chegou?

- Umas cinco e meia, depois que levei a Luiza em casa.

- Cecília lhe beijou o rosto.

- Agora sim, chef!

- Estamos de bom humor? – Paulo questionou entrando na cozinha.

- Hoje o dia vai ser sensacional, Paulo! E se não for, a gente faz ser porque o *chef* está merecendo.

**A**os oito anos, Luiza era considerada uma menina esperta e com bom rendimento na escola, mas havia algo que lhe incomodava e ela sabia que não deveria dividir com ninguém: Não achava que era amada pelo seu pai. Não importava o que fizesse, ela era explicitamente cuidada por Marta e seu pai figurava como um fantasma na casa, sempre lendo jornal, vendo televisão ou preso no escritório. Com o passar dos anos, Luiza aprendeu a fingir que não se importava. Com a adulez, ela entendeu que ele acreditava que pagar seus custos de vida era uma forma de demonstrar amor. Ela não concordava com aquilo.

Aos evocar a convivência com o pai, não haviam muitas lembranças significativas para além dos conflitos por conta do Direito – *o seu amigo Heitor sabe fazer boas escolhas*, ele disse muitas vezes – e depois por conta da gravidez – *jogando fora um futuro glorioso por conta de um moleque!*, ele gritou, mesmo que ela soubesse que o pai nunca se referiria a Bernardo daquela forma se estivesse em sua presença.

Todas as outras lembranças do pai eram os sinais de sua presença em casa: o cheiro do seu perfume ou do seu cigarro, quando era mais novo e ainda fumava. O sapato

deixado na porta do escritório ou a chave do carro posicionada no móvel de entrada. Além disso, só haviam festas familiares com interações restritas e os gritos dos conflitos.

Quando resolveu seguir com a gravidez e Sara nasceu, uma parte de Luiza sentia o alívio de saber que a filha não teria que conviver com um pai provedor apenas. Na verdade, nem sobre os custos de vida Bernardo se importou, mas ela preferia nenhum contato a um contato conflituoso. Então, para seu temor, ela estava de volta e aquilo estava acontecendo. A filha também teria imagens específicas do pai, ela teria que lidar com as suas próprias lembranças. Por mais que Luiza tentasse protegê-la, ela não era infalível.

O que aliviava o peso em sua consciência era que a menina estava criando lembranças com outras pessoas significativas: a avó, o padrinho, Melina, Miguel. Além deles, haviam crianças da escola com quem ela brincava algumas vezes e uma possibilidade de que ela experimentasse a vida com pessoas queridas mais próximas. Luiza concluiu, por fim, que a vida de Sara era muito melhor ali, apesar de Bernardo.

Então quando pensava na própria vida, Luiza estava satisfeita por ter mantido a sua promessa, por não ter se arrependido no dia seguinte, de não ter dito a Miguel para pararem. Ela não se arrependeu no dia seguinte, na semana

seguinte ou na outra. Ela continuava o encontrando, no restaurante ou na casa dele. Entre os intervalos dos serviços nos dias que ela não estava na Universidade e em noites esporádicas quando Sara dormia com a avó. Ela estava muito satisfeita por não ter se arrependido.

Naquela terça-feira específica, Luiza estava se preparando para uma palestra na Universidade de Vales, então não estava muito focada em seus encontros com o homem. Um evento de literatura foi organizado e um professor que ela admirava muito estaria presente. Luiza apresentaria uma palestra baseada em seu artigo sobre a obra de Madalena Maria de Jesus, uma das escritoras brasileiras mais incríveis e mais invisibilizadas da história do país.

Sentada em frente ao computador, estava aflita com o fato de estar se apresentando na frente de pesquisadoras mais experientes, mas considerava que a apresentação estava pronta e ela sabia o que precisava dizer. Seu celular tocou e ela o atendeu um pouco distraída, mas levantou afoita e alcançou a bolsa enquanto falava com a coordenadora da escola de Sara. Segundo Soraia, a menina havia sofrido um acidente no parque da escola, enquanto brincava com os colegas. Elas estavam a caminho do hospital e Luiza garantiu que as encontraria lá.

Horas depois, o braço de Sara estava engessado e deveria ficar assim por algum tempo. A menina havia caído da casinha do parquinho em cima do braço e, por sorte, não havia se ferido mais. Luiza afagava seus cabelos ainda tensa e conseguiu sorrir ao ver Miguel retornando do balcão da sorveteria com os pedidos das duas.

O seu primeiro impulso, quando desligou com a coordenadora, foi ligar para o restaurante. Sabia que Miguel estava se preparando para o almoço e não ficava com o celular na mão. Ele atendeu preocupado, pois ela nunca o ligava no trabalho e se despediu brevemente informando que ia encontrá-la. Luiza se sentiu muito melhor considerando que havia um adulto ao seu lado para lidar com a situação e assentiu muito grata quando ele pousou os pedidos na mesa. Eram quase meio-dia, mas Luiza não se importava de comerem primeiro a sobremesa.

- Chocolate e cookies. – Miguel afirmou entregando a casquinha a Sara que a segurou com a mão direita.

- Dois sabores? – Luiza encarou a filha que sorriu.

- Pro braço melhorar, Mama. – a menina fez um beicinho rápido. – O Estranho diz que sorvete cura tudo. E o sorvete daqui cura mais ainda.

- Porque é o melhor sorvete que você vai tomar nessa cidade. – Miguel afirmou sentando-se com o seu próprio sorvete em frente às duas. – Agora me diga,

Girafinha, o que a senhorita estava fazendo para cair da casinha em cima do braço?

- O Bento me xingou. – ela disse colocando uma colher de sorvete na boca e Luiza a encarou com os olhos arregalados. – Ele disse que eu era uma filha bastarda. Ele ouviu a mãe dele conversando no telefone. Ele perguntou o que era e ela disse que era quando a mãe não tinha vergonha na cara e beijava o marido de outra pessoa.

- Ela disse o que?! – Luiza elevou o tom da sua voz sem se importar de estar em um local público e sentiu a mão de Miguel apertar suavemente seu joelho por debaixo da mesa.

- Eu disse a ele que a Mama não fez nada errado e ele ficou rindo e as crianças também, eu fui tentar descer, mas não estava enxergando muito bem.

- Porque você estava chorando. – Miguel completou com a voz entristecida e olhou Luiza que estava tentando lidar com a fúria e as lágrimas.

- A mãe do Bento te conhece, Mama?

- Amor, a Mama vai falar com a mãe do Bento porque eu não a conheço e não quero que ela diga mentiras pro filho dela. Certo? – Sara assentiu encarando o sorvete e Luiza suspirou. Não fazia ideia de quem era a mãe do colega da filha, mas aquilo não era o tipo de conversa que ela considerava adequada para crianças, ainda mais quando envolvia situações que ninguém presenciou.

- Deixa eu te explicar uma coisa, Girafinha. – a menina o olhou com atenção. – As pessoas chamam de filho bastardo quem é filho de pessoas que não são casadas. Mas isso é a maior bobagem do mundo. Pessoas podem ter filhos se elas quiserem ter filhos. Meu pai e minha mãe nunca se casaram. As pessoas acham que precisam casar e só assim elas vão ficar felizes.

- Mas elas vão ficar felizes se forem sinceras.

- Exato! E a mãe do Bento mentiu. O Bernardo não era casado, ele namorava, mas a Mama não sabia disso. Eu sabia porque eu morava aqui. A Mama estava em outra cidade, ela não sabia disso.

- Você precisa explicar pro Berna sobre ser sincero, Estranho. – Sara afirmou com a voz mais baixa e encarando o sorvete. – Ele precisa mesmo aprender a dizer a verdade e pedir desculpas.

- Amor, me desculpa.

- Não foi você que mentiu, Mama. – Luiza a abraçou com força e encarou o outro que suspirou afagando os cabelos da menina. – Você vai dar aula, não é Mama? É hoje a aula especial para muita gente.

- A Mama pode ficar com você.

- Não, Mama, não precisa. O braço não tá doendo depois do remédio do tio e o sorvete ajuda.

- Você ficou triste com a mentira que o Bento disse.

- O Estranho cuida de mim. Eu fico no cantinho desenhando. Pode, Estranho?

- Você não pode ficar na cozinha...

- Tudo bem, Lu, hoje ela pode. – Miguel respondeu de imediato. – Não faz mal. O movimento é pequeno na terça.

- Só hoje, mãe, eu juro. Não quero ficar com a vovó, ela não gosta de brincar e eu vou ficar pensando. – Sara disse juntando as mãos – ou o mais próximo a isso considerando o gesso e o sorvete – em súplica para a mãe.

- Sabe o que tem no jantar hoje? – Miguel questionou sorrindo. – Massa da tia Cissa.

- Mama, você tem que deixar! A tia Cissa faz o melhor molho benxameu do mundo!

- Bechamel, Girafinha.

- Você sabe nome de molho agora?

- É importante saber o nome do que se está cozinhando. Sempre. O Estranho disse. – Sara afirmou sorrindo e tomando uma porção generosa de sorvete. Luiza sorriu e encarou Miguel tentada a lhe beijar na boca demoradamente, mas Sara não sabia do que estava acontecendo entre os dois então ela apenas sussurrou um agradecimento para ele que sorriu como resposta.

- Ok, você vai pra cozinha, mas eu quero provar o molho da tia Cissa também, Estranho.

- A gente guarda para você, Mama, fica tranquila.

**E**ra difícil não se apaixonar por um homem que se voluntariava a tomar conta de uma menina – que não era sua filha – para que a mãe dela participasse de um evento importante para sua carreira. Luiza passou a tarde tomando as medidas necessárias para se adaptar à nova realidade de Sara com o gesso no braço pelos próximos dias.

Primeiro levou a menina para casa e contou a sua mãe o que aconteceu. Marta estava no salão de beleza quando a filha saiu de casa e, por isso, não sabia do ocorrido. Depois do almoço, ela foi até a farmácia e comprou os remédios e o esparadrapo para isolar o braço da menina que ria enquanto a mãe lhe dava banho na banheira do quarto da avó. Sara estava arrumada, animada e medicada quando Luiza a deixou com Miguel no Mediterrâneo. Ela havia avisado a Heitor – que disse que ia passar no restaurante mais tarde para vê-la – e para Bernardo, que nem havia lhe respondido.

Dentro do possível, estava tudo organizado e ela beijou a filha tentando não se sentir péssima por deixá-la. *Como se você tivesse a deixado com um desconhecido, sem tomar banho e com fome, Luiza! O homem é bom de cama, cozinha para você e cuida da sua filha, largue de culpa*

*católica!* Patrícia rebateu assim que ela chegou na universidade e Luiza gargalhou, sentindo os músculos do pescoço relaxarem um pouco.

Depois da palestra, conversou brevemente com algumas pessoas presentes e seguiu para Santiago, para encontrar a filha dormindo no sofá do escritório de Miguel, abraçada com a sua girafa e o gesso do braço com desenhos dos integrantes da cozinha. Antes de levá-la para casa, Luiza matou a vontade de dar um intenso e demorado beijo em Miguel que sorriu bobamente enquanto ela dizia que não havia como agradecer por tudo o que ele fez naquele dia turbulento.

Miguel a abraçou e lhe informou que sabia como ela poderia pagar a dívida. Na sexta-feira, o restaurante não abriria por conta de um evento privado que teria outro *chef* convidado. Era algo de Munhoz e ele estaria de folga. Ele finalmente a levaria para jantar no restaurante que lhe disse muito tempo antes. Luiza lhe beijou satisfeita e lhe recordou *no segundo encontro, você vai cozinhar para mim.*

Para surpresa de Luiza, Sara estava adorando usar o gesso, principalmente porque não estavam no verão e o calor não a incomodava tanto. Quando foi buscá-la na sala, depois de uma reunião com a coordenação da escola – que Tânia, mãe de Bento, deveria comparecer, mas não foi –

sua filha estava animada lhe mostrando os novos desenhos e assinaturas do gesso já bastante colorido. E garantiu a mãe que não estava mais perto das crianças do dia anterior, já que *elas não são minhas amigas*.

Mesmo com a maior demanda de cuidados por conta do gesso, Luiza se adaptou a rotina daquela semana e, para seu alívio, na sexta-feira Sara foi dormir na casa de Nicole, uma de suas colegas que ela mais gostava e era filha de outra professora da universidade. Então depois de deixar Sara na casa da menina em Vales, ela seguiu para encontrar Miguel, sorridente, bem-vestido e cheiroso. O jantar estava bom – *mas a sua comida é muito melhor* – e quando ele perguntou a que horas ela precisava voltar, sorriu ao ouvi-la dizer que estava completamente sem planos naquela noite já que Sara estava na casa de uma amiga da escola.

Os dois estavam sentados na pequena varanda de Miguel, tomando vinho e conversando quando Luiza compreendeu como a vida do homem se cruzou com Túlio. Os dois se conheceram quando Miguel estava saindo do prédio que morava com Silvana e Túlio estava chegando vindo de outra cidade. Os dois mantiveram contato porque o recém-chegado queria adquirir alguns móveis que Silvana anunciou, mas que Miguel acabou não se

mobilizando muito para vender. Mesmo sem o negócio, conversavam e Miguel lhe dava dicas sobre a cidade.

Túlio era recém viúvo e trabalhava numa petrolífera uma grande parte do mês, estando em Vales durante as suas folgas. O marido havia morrido de uma doença repentina e grave, sua vida em Vinhedo era carregada de lembranças de José, por isso ele havia se mudado. Os dois jogavam bola juntos no mesmo campo e saíam algumas noites.

O envolvimento foi muito gradual e Túlio precisou de algum tempo para se sentir bem com aquela possibilidade. Há sete ou oito meses, Miguel não sabia precisar, os dois se viam nas folgas de Túlio e ele passava algumas noites com o homem. A relação não envolvia muitos conflitos, eles saíam com outras pessoas e ficavam juntos quando queriam. Para Miguel, a convivência com Túlio sempre o ajudou a voltar a fazer as pazes consigo mesmo.

- Você disse que vocês dois estavam vivendo momentos difíceis.

- Sim, uma longa história. – disse bebendo o vinho e girando o líquido bordô com cuidado na taça. – O restaurante fez três anos há pouco. A equipe da inauguração era muito boa, eu escolhi cada pessoa a dedo. O Munhoz só quer a mesa dele sempre reservada e que o restaurante dê lucro. Cada decisão passou por mim, cada

cadeira, cada utensílio, tudo. E eu escolhi um *sous chef* muito bem recomendado, com todas as garantias possíveis e imagináveis. A cozinha funcionava como um balé, a gente se conhecia tão bem na cozinha que era incrível. Na cozinha. – ele bebeu mais um pouco de vinho. – Eu ensinei tudo ao Matias, absolutamente tudo, o restaurante pagou treinamentos que ele não faria. Ele merecia, óbvio. Era incrível.

- Na cozinha.

- Exato. Depois que ele descobriu que eu era bi, ele passou um ano me rondando. Estava sempre onde eu estava, ficava até mais tarde quando eu ficava fazendo algo. Às vezes eu gosto de colocar umas ideias em prática de madrugada. Ele dizia que queria aprender. Mentira, eu sabia. Mas meu casamento acabou, eu voltei da Europa, ninguém sabia abertamente da minha sexualidade nessa cidade. Era bom ter alguém sempre me enchendo de elogios. Faz bem pra uma parte nossa que a gente finge que não existe, sabe? Aquela que duvida de si mesmo.

- Conheço a minha intimamente depois da maternidade.

- Imagino que sim. – ele suspirou. – Um dia ele apareceu aqui na minha porta e me disse a seguinte frase: “Estou apaixonado por você e não consigo controlar isso, eu vou pedir demissão e transformar isso em algo mais fácil para você”. Eu caí na jogada. Se eu fizer uma retrospectiva,

possivelmente é o fato mais vergonhoso da minha história. Foi ladeira abaixo. – Luiza encarou o homem, o seu semblante havia se transmutado drasticamente. – A cozinha por muito tempo funcionou bem, mas eu não estava bem. Comecei a duvidar de mim, de tudo. Um dia, recebemos uma crítica que dizia que o Matias levava o restaurante nas costas e funcionava muito bem sem mim. Eu estava fora com a Vanessa, ela tinha feito uma cirurgia. Óbvio que o restaurante funcionava muito bem sem mim, eu tinha uma equipe incrível. Não era o Matias apenas. Depois dessa crítica, minha confiança foi indo embora, minha equipe perdeu o fôlego e as coisas desandaram. – Miguel não a encarava. – Em algum momento iluminado da minha vida, eu percebi que muitas das coisas que eu pensava, tinham a ver com o Matias que estava morando comigo e passava 24 horas reclamando de tudo. Nada era suficiente. Se você me perguntar em que momento ele se mudou, eu não sei. Ele foi ficando, ficando e ficando. E um dia não saiu mais. Não estou dizendo que ele foi o responsável por tudo, mas era um grande colaborador para o desastre.

- Sinto muito.

- Então a gente discutiu porque eu queria o cardápio de Natal como foi ano passado, ele não. Era o segundo ano que a gente tinha aquele embate. Mas nesse ele envolveu a cozinha inteira numa das reuniões de equipe. Foi patético,

mas eu não estava bem, então não soube liderar a coisa para um desfecho melhor. De repente eu era o chef que queria tudo do meu jeito e estava levando o restaurante à falência e ele não ia ficar, mesmo que eu tivesse me *aproveitado da minha posição superior para levá-lo para cama.*

- Ele disse isso na frente da equipe inteira?!

- E saiu batendo a porta. – Miguel assentiu encarando a sua taça com o maxilar travado. – No dia seguinte, mais da metade da equipe se demitiu. Eu me dei um mês com o restaurante fechado, um mês em que eu senti pena de mim mesmo. Ele levou a equipe pra um restaurante novo, o Max, você já deve ter conhecido.

- Sim.

- E eu fiquei juntando os meus cacos e reorganizando tudo. O Túlio me ajudou muito, a Silvana também. Assim como as minhas irmãs. – ele sorriu um pouco. – Há algum tempo, ele abriu o próprio restaurante, o Califórnia. E segundo a Cissa, entregou o convite dizendo que seria uma honra me ter lá na inauguração.

- O que há de errado com esses homens?!

- Furada, minha amiga, furada. – ambos riram. – Então o Túlio é quem você viu na boate. Éramos companheiros um pro outro. Ele está se mudando para a cidade dos pais, está aposentado. Eles se aposentam cedo

nesse ramo. Os pais estão idosos, ele vai cuidar deles e abrir uma floricultura.

- Como você está com isso?

- Vou sentir falta dele. É inevitável. É preciso estar vulnerável para se envolver com outra pessoa, em qualquer tipo de relação.

- Nossa, sim, a maternidade tem me ensinado tanto sobre vulnerabilidade. – Luiza bebeu seu vinho depois de assentir com ênfase e Miguel sorriu a observando.

- Uma das coisas mais admiráveis em você é como você faz as coisas com a Sarinha.

- Eu tento controlar tudo e falho miseravelmente.

- Mas o amor com que você falha miseravelmente é admirável. – Luiza esticou o braço e acariciou o rosto do homem que beijou sua mão. Era tão bom conhecer uma pessoa em sua intimidade, sem medo de ser esquecida ou abandonada em algum momento de sua história.

2022

*Presidente,*

*Não vou dizer que ele é perfeito. Ele não é o melhor com horários, não gosta de acordar cedo e nunca levou jeito no ensino de tarefas escolares. Mas me ama e se dedica a mim da melhor forma que pode. Eu sempre soube que ele não quis ter filhos e que, por uma questão de saúde, não poderia concebê-los também. Mas eu o escolhi e ele me escolheu. Para nós, éramos da mesma família. Mesmo se ele não tivesse se apaixonado pela minha mãe, mesmo que eles não estivessem em um relacionamento amoroso.*

*O meu pai esteve comigo quando eu tinha pesadelos, quando eu caía, quando eu era uma adolescente e tentava aprender sobre a vida... ele esteve ali mesmo que as vezes a gente se bicasse, ou ele perdesse a paciência quando eu respondia a minha mãe ou quando ele não concordava com algo. Foi ele quem me ensinou que, entre nós, a sinceridade era mais importante do que a concordância. Ele podia discordar do que eu falava ou pensava, mas ele estava ali, para me ajudar a ser uma pessoa decente, ele dizia. E isso não significava o que o senhor considera uma pessoa de bem.*

*Uma pessoa decente, para o meu pai, segue o que acredita, trata as outras pessoas com respeito e fala o que pensa, mesmo que as outras pessoas discordem. Uma pessoa decente pode se envolver e se apaixonar por qualquer pessoa, em qualquer formato de relacionamento. O que importa é ser honesta, entrar em relações que se quer e permanecer apenas se realmente desejar.*

*Meu pai me ensinou tudo isso mesmo quando a força do padrão tentava me empurrando para uma norma. Meu pai foi o meu modelo para quem eu queria ser e eu nunca senti vergonha por ele ser quem ele era.*

*O que se espera de uma pessoa responsável por uma criança, meu pai foi. E ele foi por escolha. Eu sempre achei aquilo muito mais forte do que o DNA. O meu pai quis estar comigo e o Bernardo seguia aparecendo quando convinha. Eu nunca fui enganada mesmo que, às vezes, as pessoas a minha volta sofressem pelo que elas não queriam que eu vivesse. Mas elas também entenderam que o fato delas estarem lá já era o bastante.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

O serviço do almoço estava acabando e Miguel sorriu satisfeito com o movimento naquele dia. Na pia, Júlio estava explicando a Sara toda a sua sistemática para lavar pratos e em algum momento, Luiza ia chegar, eles iam ter um fim de tarde agradável fazendo piquenique no parque próximo à casa de Miguel. Sara já havia retirado o gesso e voltou a ser a menina elétrica que eles conheciam.

Ainda não tinham conversado com ela sobre eles, mas ele não pressionava Luiza. Cabia a ela decidir como lidar com a situação, ele tinha plena consciência daquilo. O que importava para Miguel era o bem que sentia ao estar com ela, mesmo tendo contado coisas muito íntimas suas e ouvido outras histórias de Luiza. A única vez que conseguiu confiar tanto em alguém foi em Túlio, que já havia ido embora e lhe deixou uma saudade grande e alguns móveis. Era bom construir aquela relação com calma, sem alarde ou anúncios. Ninguém sabia sobre eles, possivelmente apenas Heitor, Melina, Cecília e Vanessa.

Depois de lavar as mãos e pedir a Júlio ficar de olho na menina, Miguel saiu da cozinha em direção ao escritório para pegar seu celular e conferir se Luiza estava a caminho. Para sua surpresa, parado no meio do salão, Matias o

encarava tranquilo. O homem baixo, de rosto redondo e cabelos curtos lhe era muito familiar há algum tempo, mas agora vê-lo lhe gerava um mal-estar profundo e uma lembrança de alguns dos piores dias de sua vida.

- Finalmente lhe encontrei.

- Você estava me procurando?

- Eu lhe esperei na inauguração, seria importante para mim que você fosse.

- Para conhecer o crítico que você pagou para falar mal de mim?

- Você precisa parar de acreditar nessa bobagem.

- Certo, uma bobagem. Você estava me procurando para...?

- Te entregar isso. – Matias se aproximou lhe estendendo uma embalagem de comida para viagem. – Queria que você experimentasse.

- E o que é isso?

- Frango ao molho agridoce. O que desenvolvemos juntos.

- O que eu lhe ensinei a fazer.

- Quando você vai aprender a dividir, Miguel? Eu estava ao seu lado.

- E eu lhe ensinei.

- E eu o melhorei. Hoje ele é o carro chefe do California. Vim trazer pessoalmente para você. – o homem

sorriu e Miguel assentiu, caminhando para trás do balcão e abrindo a lixeira.

O ruído da embalagem de isopor batendo no fundo da lixeira tomou todo o salão vazio. Matias o olhou com os olhos arregalados e ele assentiu novamente, andando com passos largos em direção ao escritório. Ele bateu a porta e se deitou no sofá fechando os olhos. Aquilo não era uma visita, era uma provocação, ele não devia cair naquele truque. Mas estava caindo, de cabeça.

A raiva o tomou e ele abriu a boca tentando respirar mais fundo e retomar o seu equilíbrio. Se concentrou no cardápio do dia e o recitou de cor como gostava de fazer antes do restaurante abrir. Não ajudou. O molho fazia parte do maldito cardápio do dia. Nunca mais o cozinhará.

- Estranho? – a voz de Sara lhe despertou e ele suspirou, não queria que ela o visse daquela forma.

- Oi, Girafinha.

- Tá tudo bem? – Miguel sentiu a mão pequena no seu rosto e abriu os olhos tentando sorrir. – Você está chorando?

- Recebi uma visita que me deixou um pouco triste, mas vou ficar bem já já.

- Quando eu estou triste, a Mama deita do meu lado e me aperta bem forte. Eu gosto. Quer tentar? – Miguel girou o corpo de lado abrindo espaço no sofá. Ela se sentou e se acomodou ao seu lado. A menina o abraçou e ele beijou

seus cabelos. – Ela sempre me conta do dia que eu nasci, que eu era uma coisinha muito pequenininha, mas que ela me amava tanto, tanto, tanto que eu tomava o coração dela todinho.

- Eu imagino.

- O que sua mãe falava pra você quando você estava triste?

- A minha mãe não podia cuidar de mim, então ela me deixou com os meus avós. Minha avó fazia bolo de laranja para mim e me deixava cozinhar com ela.

- Por isso você trabalha na cozinha?

- Acho que sim.

- A gente pode ligar pra sua avó e pedir a receita pra ela, isso vai ajudar?

- Você está ajudando.

- A Mama sabe das coisas, ela é como você. Ela sabe de coisas que eu nem sabia que ela podia saber. Você também. Você sabe um monte de coisa complicada.

- Mas é o seu abraço apertado que está ajudando o Estranho, não o da Mama.

- Que bom.

- Olá, posso entrar? – Luiza questionou franzindo o cenho ao ver a cena da filha abraçando o homem que lhe olhou e sorriu triste.

- Mama, o Guel ficou triste e eu vim dar o abraço apertado. Vem mostrar a ele como é, eu sou muito pequena.

- O Guel ficou triste?

- Acho que ele não quer falar sobre isso. Vem. – a menina insistiu e Luiza deitou ao lado deles, tocando o braço do homem com carinho.

- Como eu vou abraçar o Guel sem esmagar você, Amor?

- Vai ser legal, esmaga. – Luiza encarou o homem que tentou sorrir e se aproximou mais dos dois. – Mais, Mama, você não vai me machucar. – Luiza se aproximou mais e Sara riu acomodada entre os dois. O homem a olhou e sussurrou: *Matias*. A mulher beijou suavemente seus lábios apertando um pouco mais a filha entre eles que ria divertida. Miguel sorriu e afagou o rosto de Luiza. *Estamos aqui*, ela disse e ele assentiu abaixando o rosto para ver a menina de olhos fechados e sorridente entre os dois.

- Está bom aí, Girafinha?

- Eu sou o queijo do seu sanduiche.

- A melhor parte. – Luiza disse puxando a filha mais para cima e a apertando com força lhe beijando os cabelos. Miguel as abraçou e as trouxe para ainda mais perto do corpo.

- A tia Cissa e eu fizemos bolinho de limão pro piquenique.

- Você se comportou no almoço?

- Fiquei no cantinho da cozinha desenhando como o Estranho me pediu. Ele me deu os fones para eu ouvir

música, o tio Paulo xinga demais e eu não posso repetir nada do que ele diz quando está zangado porque a tia Lia não cortou algo como ele queria.

- Parece que deu tudo certo, não é mesmo?

- Sim, foi legal.

- Você lembra que o Estranho disse que se a gente fosse sincero, ficava tudo bem, Amor?

- Sim.

- O Estranho e a Mama estão pensando em ser namorados e a gente queria saber o que você acha disso. – Luiza afirmou encarando o outro que a olhava surpreso.

- Eu acho que tudo bem.

- Está tudo bem mesmo, Girafinha?

- Acho que agora eu vou comer mais sua comida, Estranho. É isso.

- Sim, é isso.

- Simples. – Luiza concluiu e Miguel sorriu dando de ombros. A mulher o beijou, apertando mais a filha contra o peito que riu satisfeita ainda de olhos fechados.

Miguel estava ciente do que aquilo representava, ele não estava entrando em um relacionamento qualquer. Havia uma criança envolvida. Ele amava demais aquela criança. Ele sabia que representava uma forte influência na vida de Sara nos últimos meses. Ele tinha certeza daquilo principalmente depois do dia que ela dormiu agarrada ao braço dele.

Essas foram frases que ele verbalizou para muitas pessoas. Liana que ouviu dele: *você não está satisfeita que eu tenho uma pessoa do gênero feminino ao meu lado agora?*. Assim como Pérola que riu quando o irmão lhe disse: *Isso significa que vou pensar mais em minha saúde e beber menos* e até mesmo Silvana estava preocupada sobre aquilo e ele pontuou *eu não querer ter filhos é outra coisa*.

Miguel entendia a intenção delas, mas não deixava de se estressar em alguns momentos. Sua avó havia lhe perguntado se ele havia pensado sobre o assunto e ele lhe disse que sim. Para Maria foi o suficiente, então por que as demais não acreditavam que ele era plenamente capaz de tomar decisões acertadas sobre a própria vida e até mesmo do seu futuro?

Sim, ele pensava em um futuro e sabia que queria estar na vida de Sara mesmo se o seu relacionamento com Luiza terminasse. Sim, eles haviam conversado seriamente sobre aquilo e deixaram um acordo selado. Miguel tinha plena consciência que não era o pai biológico de Sara, que não havia participado de sua concepção, mas quando a via sorrir e correr ao seu encontro ou quando ela o dizia que estava com saudades, Miguel primeiro sentia uma emoção nova e então entendia: ele era importante na vida da menina.

Não à toa, quando Luiza precisou viajar a trabalho, um convite decorrente da sua apresentação no evento anterior, e sua mãe estava fora da cidade em uma viagem, ele garantiu a mulher que estaria a postos caso algo acontecesse. Luiza passaria dois dias fora, então Sara havia dito que ficaria com Bernardo. Bernardo concordou e fez uma grande demonstração de entusiasmo quando lhe garantiu que tudo correria bem. Mas Luiza não conseguia acreditar, nem um pouco.

*Eu estou aqui caso ele não esteja*, Miguel lhe disse e Luiza ainda titubeou, era muito mais prudente levar Sara consigo. Mas aquilo significava retirar Sara de sua rotina e levá-la para uma cidade estranha em que a mãe teria vários compromissos de trabalho e a menina teria que ficar com uma pessoa desconhecida ou no ambiente do evento acadêmico. Heitor e Melina estavam lá, a mãe de Nicole

estava lá. Havia pessoas suficientes para cuidar da menina.

Entretanto, ainda não haviam passado quatro horas que Luiza saiu da cidade depois de deixar a filha na escola, quando Miguel recebeu uma ligação no restaurante e a coordenadora informava que Sara queria falar com ele. Miguel respirou fundo, era óbvio que Bernardo havia se esquivado mais uma vez.

- Pai?

- O que foi, Girafinha?

- O Berna me esqueceu de novo, pai.

- Estou indo.

- No almoço você não pode, mas eu só...

- Estou indo, Girafinha. A Tia Cissa cuida do almoço para mim. – Miguel tranquilizou a menina e saiu do restaurante, se permitindo xingar o outro homem por todo o caminho, para quando ela o encontrasse, Miguel estivesse mais tranquilo e com capacidade de acolher a sua tristeza.

Sara estava inconsolável, perguntando a Miguel porque Bernardo fazia aquilo com ela. *Ele não gosta de mim?*, ela questionou e Miguel não soube muito como responder, a abraçou muito apertado e lhe beijou o rosto. Sara lhe lembrou em voz baixa que era para ele ser sincero e o homem sentiu a garganta se travando.

Como explicar para Sara as atitudes de um adulto irresponsável? *Isso não tem nada a ver com você, eu posso*

*lhe garantir*, foi o que Miguel encontrou como alternativa e a menina assentiu um pouco mais conformada. Ele era grato por Luiza ter lhe dito aquilo anteriormente, realmente fazia muito sentido.

Quando ela entrou na cozinha, foi recebida por Cecília e Paulo que interromperam suas atividades para fazer uma pequena festa ao vê-la e Sara se sentou em seu cantinho conhecido com um prato de nhoque ao molho sugo, repleto de queijo parmesão.

Então Miguel se permitiu ser tomado pelo ritmo do almoço e todas as vezes que olhava a menina, ela parecia muito à vontade, sorrindo e acenando para ele quando o flagrava a observando. Miguel ainda não havia assimilado verdadeiramente que Sara havia o chamado de pai, mas tentava lidar com uma coisa de cada vez. Precisava conversar com Luiza sobre aquilo, o que ela diria?

- Você não pode esquecer uma menina de sete anos na escola, Bernardo! Você não sabe programar a droga de um alarme? – Miguel explodiu depois de garantir que Sara ficasse com Cecília e a porta do escritório estivesse fechada.

- E quem você acha que é pra me dizer qualquer coisa, Miguel?

- Você devia estar me perguntando quem pegou a Sara na escola considerando que a mãe e a avó dela não estão na cidade. Você disse a Luiza que podia ficar com ela!

- Eu não posso mais.

- Você não falou com a Helena, você não foi corajoso o bastante! – elevou seu tom de voz e como resposta, Bernardo encerrou a ligação. O homem suspirou e voltou para a cozinha, depois de respirar profundamente. Sara sorriu com a boca tomada por sorvete e o encarou cerrando os olhos.

- Ele disse o que?

- Não se preocupe com isso.

- Não mente pra mim.

- Ele não disse o motivo, Girafinha. – Miguel beijou a sua testa com cuidado. – Acho que ele não gostou porque eu gritei um pouco com ele.

- Você ficou zangado?

- Muito. – mesmo se ele não assumisse, ela saberia que ele não havia gostado.

- Atrapalhou o seu trabalho né?

- Foi por você e apenas por você. – ela o abraçou pelo pescoço e Miguel a segurou no colo.

- Posso chamar você de pai, Estranho?

- Claro que pode, Girafinha. – respondeu com esforço, sentindo a garganta se contrair mais uma vez naquele dia repleto de emoções.

- Você quer mesmo ser o meu pai?

- E por que eu não ia querer?

Sem Luiza e Marta por perto, Miguel e Sara criaram uma dinâmica própria de funcionamento. Ele a encontrava na porta da escola, os dois conversavam um pouco, ela ia para o restaurante, depois do almoço, ele a levava para casa. A menina tomava banho, assistia um pouco de tv, ele organizava o jantar, a babá que ela já conhecia – e que Luiza acionou depois de xingar Bernardo – chegava e Miguel saía para o trabalho interrompendo o ritmo acelerado do jantar as oito para ligar para casa e desejar boa noite à menina que parecia sempre estar apenas esperando aquela ligação para dormir.

Miguel sabia lidar minimamente com crianças. Saía com os sobrinhos em alguns momentos, sabia como manter as necessidades básicas de uma criança, adorava jogos e brincadeiras, não era dos piores no trato com eles e em sua humilde opinião (e nos relatórios muito sinceros que Sara passava para a mãe): estava se saindo bem *e o café da manhã foi bem gostoso, Mama.*

Em relação ao fato da menina não ter parado de chamá-lo de pai, Miguel relatou exatamente tudo o que houve para a mulher que ficou algum tempo em silêncio. Sem saber o que poderia fazer, Miguel apoiou o corpo na varanda e esperou, observando o pouco movimento da rua. Luiza suspirou e questionou: *E você achava que ela ia chamar quem de pai? O filho da mãe que a esquece na*

*escola?! Miguel sorriu, quis beijar a mulher e a ter em seus braços. Garantiu a Luiza que estava muito mais preocupado com a reação dela do que com o acontecimento – que já me fez chorar algumas vezes, confesso – e que para ele, era uma honra receber aquele reconhecimento. Então estava tudo bem.*

Na segunda noite dormindo com Miguel, Sara já estava acomodada em sua cama e o homem havia chegado do restaurante quando Luiza avisou que estava na cidade. Obviamente, ela não informou a ninguém que passou o dia no evento e passaria as próximas três horas na estrada a caminho da cidade, mas já havia enfrentado uma noite difícil irritada com os acontecimentos e ainda mais consigo mesmo por ter acreditado no senso de compromisso – inexistente – de Bernardo. Ela queria muito dormir ao lado da filha naquela noite, mesmo que soubesse que as pessoas reclamariam por ela ter dirigido até tão tarde.

Depois das reclamações do homem, ela seguiu para ver Sara e voltou para a sala de banho tomado. Miguel a esperava com uma taça de vinho e um sanduíche de queijo. Ela sorriu, lhe beijou e se sentou no sofá. Estava exausta, com fome e preocupada com Sara. O que ela faria para lidar com os sumiços de Bernardo que nem a atendia mais?

- Qual a chance de eu ganhar aquela massagem no pé hoje? – perguntou tocando a perna dele com o dedo do

pé. Miguel riu e segurou seus pés os acomodando em suas pernas. – Obrigada. Me conte, como foi a sua primeira experiência intensiva de paternidade?

- Como você conseguiu tantos anos sozinha? Eu estou exausto. – Miguel respondeu apoiando o rosto na mão e a olhando. Luiza assentiu enfática. – Mas também foi divertido. Sou uma tragédia em tarefas escolares, mas a Tiana cuidou de tudo. E agora a Girafinha sabe fazer mais dois molhos e, possivelmente, teve uma aula sobre diferentes pontos de carne vermelha com o tio Paulo.

- De fome ela não morre, isso me consola.

- Notícias do Bernardo?

- Ele não me atende mais. Assim como não mandou o pequeno valor que ele acha que eu consigo sustentar a Sarinha e ainda gastar com você.

- Se um dia eu me comportar como um homem hétero, por favor, me avise. Cruzeis, seria uma lástima na minha vida. – Luiza gargalhou animada.

- Seu machismo aparece quando você faz questão de pagar as contas quando saímos.

- Já disse a você que vou tentar melhorar sobre isso. – ele afirmou fazendo cócegas em seu pé e ela o empurrou risonha.

- Você não é dos piores, eu já lhe disse. – sorriu. – Senti sua falta.

- Eu também, meu bem. Que bom que vocês vão passar a noite.

- Minha mãe só volta semana que vem.

- Que bom que vocês vão passar a semana inteira comigo. – ela fez menção de levantar para beijá-lo, mas parou no meio do caminho quando a luz do corredor se acendeu.

- Mama?

- Eu estou aqui, Amor.

- Eu acordei e vi sua mala. – disse com a voz sonolenta, abraçando a mãe com força.

- Que saudade de você, meu amorzinho.

- Eu também, Mama. – Sara se aconchegou no colo da mãe que se arrumou no sofá a beijando. – Você fica triste se eu chamar o Estranho de pai, mãe? Ele cuida de mim melhor do que o Berna.

- O que o Estranho falou sobre você chamar ele de pai?

- Ele disse que eu podia e ele deu aquele sorriso dele, sabe? Acho que ele ficou feliz.

- Eu não tenho dúvidas que ele ficou, Amor, também fico feliz. – afirmou encarando o homem que sorria.

- Ele pode mesmo ser meu pai, Mama?

- Se ele disse sim, Amor, ele já é. – a beijou novamente. – Volte a dormir, depois a Mama te coloca na cama.

- Boa noite, Mama. Boa noite, pai.

- Boa noite, Girafinha. – Miguel disse se aproximando das duas.

- A gente vai ficar aqui até a vovó chegar, Mama?

- Vamos sim.

- Que bom, vamos comer panqueca. – ela sorriu e pouco depois pareceu ter pego no sono. Luiza olhou para Miguel que as observava.

- Miguel, onde foi que você se meteu? – a pergunta de Luiza parecia séria, mas ela ria baixo e Miguel lhe beijou a boca com cuidado para não acordar a menina.

- Me ferrei, vocês roubaram meu coração.

- Parece que a nossa filha roubou primeiro.

- Luiza, não me faça chorar de novo.

- Vai bancar o hétero que teme os próprios sentimentos? – o deboche de Luiza só não fez Miguel rir mais porque Sara dormia e ele assentiu, beijando a mulher no ombro. Ela girou um pouco o corpo e se acomodou no homem que afagava seus cabelos enquanto os dois observavam Sara dormir.

Quando se vive um relacionamento em casas separadas, tudo parece muito mais carregado de saudade. Mas Luiza sabia, mesmo que não por experiência própria, que a vida cotidiana tinha outros impactos. Então ela percebeu que Miguel acordava muito indisposto, mesmo que estivesse atento a Sara. Ela mesma não tinha muita paciência para o ritmo mais lento do homem que ignorava a sua pressa. Miguel não entendia por que ela estava tão acelerada. Afinal, a escola de Sara ficava na rua da casa dele.

Luiza estava acostumada ao ritmo rápido, a correria da manhã, em lidar com tudo sozinha e correr o risco de chegar atrasada. Sara não acordava muito animada para a escola, mesmo que gostasse de ir até o local. Mas durante aquela semana, os dias foram vividos como possível, Luiza ainda encontrava Miguel quando voltava da escola de Sara e os dois tinham algum tempo mais relaxado para eles.

No final de semana, foram almoçar com Pérola, dormiram em Vales e passaram o domingo na praia. Luiza se viu gostando da sua rotina, daquela rotina inesperada de dividir uma casa com o namorado – agora se permitia dizer a palavra – e a filha. Sara estava feliz com os dois e muito falante, sempre estava inventando formas de chamar a

atenção dos dois ou para chamar Miguel de pai. Era fofo. Mesmo que ela soubesse que não seria tão simples assim para muitas pessoas. Mas ela não iria dizer a Sara que ela não podia escolher o próprio pai. Ela tentava criar uma filha com ideias próprias, não iria se contradizer naquele momento.

Na primeira noite de volta à casa da mãe, Luiza sentia falta da presença de Miguel, dos seus poucos móveis e dos aromas que vinham da cozinha. Sara estava feliz em ver a avó, mas questionadora de quando voltariam na casa do pai que *deve ter ficado muito triste e sozinho sem a gente, Mama*. Luiza se sentiu um pouco menos boba por saber que não só ela estava com saudade do outro.

No dia seguinte, quando chegou do trabalho, ainda eram cinco da tarde e Sara estava com um humor arredio que não era comum. Muito irritada, impaciente, chorando sem motivo aparente e dizendo que não gostava mais de Miguel. Luiza tentou de todas as formas entender, mas novamente a menina disse que só falaria quando ele chegasse, se negando a dirigir qualquer outra palavra à mãe.

- Você mentiu para mim. – a acusação tomou o quarto assim que Miguel entrou com Luiza em seu encaço.

- O que houve, Girafinha? – Miguel se abaixou e tentou olhar a menina que não o encarou.

- Eu não gosto mais de você, você mentiu para mim.

- Sara, eu já lhe disse que não é assim!

- Eu falei a verdade e não ficou tudo bem.

- Para quem você falou a verdade?

- A vovó disse que você não pode ser o meu pai e que isso é uma brincadeira.

- Tenha santa paciência! – Luiza resmungou baixo, mas Miguel não tirou os olhos da menina.

- Ela me disse que nosso pai é quem tem uma coisa que eu não lembro o nome.

- DNA? Genética?

- Esse aí. E que o único que pode ser meu pai é o Berna e eu falei a ela que não quero que meu pai seja o Berna, mas ela disse que eu não tenho escolha.

- Quando eu te falei sobre gostar de meninos e que a gente pode gostar de duas pessoas, você lembra que eu te disse que algumas pessoas vão nos tratar mal por isso? – Sara assentiu atenta. – E que elas não entendem por que pensam de outra forma?

- Sim.

- A sua avó pensa de outra forma, Girafinha.

- Você não me explicou isso.

- E eu lhe peço desculpas, de verdade. Eu devia ter lhe explicado que pode ser que pessoas que gostam e se preocupam com a gente não concordem.

- Mas se a vovó diz que você não é meu pai, quem vai acreditar?

- Eu vou cometer um assassinato. – Luiza resmungou baixo. A mulher sentou ao lado do outro e tocou o rosto da filha. – Eu sei que ele é seu pai.

- Você precisa contar a todo mundo, mãe. Até ao Berna. As pessoas ficam mandando eu chamar ele de pai e eu não quero.

- Eu vou fazer isso, vou resolver tudo.

- A tia da escola também disse que pai é quem está naquele documento, só isso.

- Girafinha, eu errei muito feio com você. E lhe peço desculpas. Eu disse que ser sincero fazia ficar tudo bem, mas eu errei. Nem todo mundo entende isso.

- Você não quer ser meu pai?

- Eu sou! Você me escolheu e é só isso que importa.

- É a sua escolha que faz dele o seu pai, Amor, para nós. – Luiza reforçou.

- É complicado.

- Sim, eu sei que é.

- Não quero que você saia. – Sara encarou a mãe que assentiu.

- Você pode ficar comigo.

- Tudo bem se eu ficar com a Mama hoje?
- Claro que está.
- Você não vai ficar triste comigo, pai?
- Claro que não, Amor.
- Você está se sentindo melhor?
- Não muito.
- Vamos comer alguma coisa, você está sem comer desde o almoço.
- Não quero.
- Eu faço pão com queijo, também não comi ainda, posso comer com você.
- Sim. Você vai ficar chateado comigo?
- Amor, olha pra Mama. Entre nós três, quando você disser como se sente, vai sempre ficar tudo bem.
- Não é todo mundo.
- Não, infelizmente não. – Miguel afirmou e ela assentiu limpando os olhos. O homem a abraçou e Luiza sentiu um aperto absurdo no peito. Marta havia chegado há menos de 24 horas e ao menos conversou com Luiza sobre o tema. Ela não tinha o direito de falar coisas como aquela para a neta.

Quando os dois adultos entraram na cozinha, Luiza não prestava muita atenção em Miguel, sentia-se tomada pela situação, pela falta de tato da mãe em lidar com a neta e com os dilemas que ela já sabia que viveria ao reconhecer

que sua filha era a única que tinha o direito a falar e decidir sobre o seu pai. Luiza não queria que Sara se sentisse como ela mesma, que tinha um pai apenas de figurante, mesmo que sempre estivesse em sua casa e em sua vida. Aquilo, para ela, não era significativo o bastante.

- Eu sou muito imbecil. – Miguel levou as mãos à cabeça apertando-as e olhando em volta da cozinha despertando a mulher da avalanche de pensamentos.

- Não, você falou a verdade.

- Por que fazem isso com a cabeça de uma criança?

Ela é só uma criança!

- Minha mãe diz que não vai mais gostar dela por qualquer coisa. Por isso ela achou que você ia ficar zangado quando ela não quis ficar com você. Eu já disse a minha mãe para parar com isso.

- Eu estou muito chateado comigo mesmo agora para processar qualquer coisa que sua mãe fala a ela e não começar a gritar. É muito difícil... muito difícil tentar criar um ser humano nessa sociedade hipócrita.

- Eu sei, todos os dias eu sou lembrada disso.

- Como você consegue?

- Você se saiu muito bem.

- Ela acredita no que a gente fala! Puta merda, eu esqueci de avisar o mais importante: Pessoas são péssimas!

- Você não podia imaginar.

- Eu preciso me desculpar com você.

- Você tem um pão com queijo para fazer, Miguel e eu tenho que ir ali gritar com a minha mãe. Enfie suas desculpas onde você quiser, mas eu não as quero. – Luiza deixou a cozinha e Miguel apoiou os braços no balcão tentando retomar sua respiração tranquila e preparar o lanche de Sara.

2022

*Presidente,*

*A minha família enfrentou alguns dilemas muito importantes ao longo da nossa existência, eu tenho consciência. Nós não vivíamos em um conto de fadas, ninguém vive. Mas foi difícil por um motivo muito simples: Compreender que o que eu entendia e o que os adultos tentavam me ensinar não era como o mundo todo via, foi uma das maiores confusões da minha cabeça. E mesmo depois que o meu pai constava na minha certidão de nascimento e eu podia dizer legalmente que ele era meu pai, as pessoas que conheciam o Berna ignoravam a existência do Guel quando achavam que deviam.*

*Para uma criança que foi ensinada que ela tinha o direito de chamar o pai de pai, fosse ele biológica ou afetivamente relacionado, a ignorância das pessoas era um grande paradoxo. Por que as pessoas não viam o mundo como eu o enxergava? Por que elas não entendiam de uma vez por todas que o Guel era o meu único pai?*

*Eu queria dizer que a vida foi incrível e que eu nunca sofri por isso. Não seria verdade. Quando eu estava com pessoas que conheciam a história completa, eu me tornava uma criança mais introspectiva e pouco*

*comunicativa. Nos espaços em que o meu afeto era considerado, eu era a mesma criança falante e animada de sempre. Era como viver em dois mundos. Em um deles, eu era uma criança com uma mãe e um pai. No outro mundo, eu era uma criança manipulada por uma mãe interessada no próprio romance e um homem que não deveria se proclamar pai nenhum. Você deve imaginar em qual dos mundos eu preferia viver, não é? O meu mundo. Com a minha família.*

*Você se perguntou por onde andou o Bernardo nesse tempo todo? Ele demorou muito para aparecer depois que alguém o recriou por esquecer uma criança na escola pela terceira vez quando minha mãe não estava na cidade. E naqueles dias, quem cuidou de mim? O viado, ele mesmo, meu pai. Ele não é perfeito e não fez nada mais do que uma mãe faria, presidente. Mas foi esse ser humano que o senhor catalogou como incapaz de formar uma família ajustada que eu aprendi a amar como meu pai. Foi nessa família com pais em uma relação não monogâmica, algo que o senhor deve considerar safadeza, que eu aprendi sobre afeto e sobre tudo o mais.*

*Meus pais levaram anos morando em casas separadas, mas isso não foi tão importante para mim. Eu podia estar com eles o tempo todo. Eu aprendi a passar tardes na cozinha do Mediterrâneo e a cozinhar. Eu fui assistir aulas com a minha mãe e pintava os rascunhos dos trabalhos*

*dela. Eu cresci com um pai por perto, com uma avó por perto e ganhei um irmão. A minha família é essa. E eu tenho mesmo muito orgulho dela. Não me importa a sua opinião. Anos atrás, ela importaria. Hoje, não mais.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

O fato de as pessoas não entenderem que Sara podia escolher o próprio pai não incomodava Luiza de todo, nem mesmo em todas as horas do seu dia. A conversa com sua mãe não foi tranquila, mas Luiza não esperava que fosse. Ela estava irritada demais com Marta e comprou a briga. Sua frase final foi o bastante para encerrar a conversa: *Não importa o que você pensa, mãe, a Sara é minha filha e eu digo que ela pode escolher o próprio pai. Se você não concorda com isso, apenas guarde isso para você e não faça a sua neta sofrer dessa forma de novo.*

A conversa se encerrou e outras lutas se seguiram, mas Luiza as enfrentou. Ela havia criado uma criança praticamente sozinha por sete anos, ela sabia que a opinião das pessoas não era mais importante do que o que ela julgava como certo. E quando via Sara sorridente, vivendo a sua rotina e tranquila, ela sabia que estava indo pelo caminho certo.

Quando ela via o homem que estava apaixonada sorrindo para ela, Luiza também sabia que não estava errada. Mesmo que as vezes questionasse suas próprias escolhas, naquele final de manhã, quando beijou Miguel nos lábios, não havia nenhuma ponta de indecisão nela.

Estava na porta do escritório dele e Miguel havia a chamado. Luiza não se importava com as opiniões de terceiros.

- Ei, queria te perguntar algo. Conversar na verdade.

- Você não me chamou aqui para alimentar um ser humano exausto e com fome?

- Isso também. – Miguel sorriu alcançando a sacola de papel pardo apoiada na pequena mesa ao lado da porta.

– Já embalei para viagem, inclusive.

- Você é incrível. – ela lhe beijou sorridente. – Sobre o que temos que conversar?

- Sobre o Túlio estar vindo e eu querer vê-lo. Apenas vê-lo, caso você não tenha entendido.

- É assim que funciona?

- A sinceridade? É, parece tão ruim assim? – Miguel debochou e ela o beijou longamente. Luiza o abraçou e beijou seu pescoço.

- Não. – ela sorriu porque sabia que ele estava imaginando outra coisa, então o encarou. – Não acho justo você deixar de fazer qualquer outra coisa porque eu não sei como me sentir em relação a isso.

- Não precisa ser assim, eu já lhe disse.

- Que você não é um depravado ou sexualmente compulsivo como eu erroneamente lhe julguei em algum

momento. Sim, eu sei. Mas é o Túlio, então espero que você conte a ele a moral que ele tem comigo.

- Você não...

- Você faz o que você quiser fazer, Guel e isso não é um teste. Eu estou gostando dessa coisa de sinceridade. – ele sorriu e a beijou, segurando intensamente sua cintura. Luiza se permitiu ficar ali agarrada ao homem enquanto muitas coisas aconteciam no mundo, mas naquele momento não importava.

\*

No dia marcado para a chegada de Túlio, o homem estava no mercado central para uma compra rápida. O almoço havia encerrado e ele estava se sentindo levemente ansioso. Não apenas para a chegada do outro, mas também sobre como seria para Luiza lidar com a situação. Ele realmente respeitaria o que havia lhe dito, não havia porque mentir, mas Luiza disse que ficaria bem e ele sabia que ela não estava mentindo.

Talvez Luiza não entendesse, mas ele se sentia ainda mais atraído por ela naquele momento, mesmo que estivesse pensando que possivelmente não resistiria a beijar Túlio depois de tanto tempo afastados. Miguel e ele ainda se falavam, Túlio estava muito curioso sobre Sara e sobre o laço que os dois construía. Havia dito que

adoraria conhecê-la e estava feliz por ele estar com Luiza. Então Luiza estava tranquila com sua presença na cidade e Miguel estava realmente grato. Pelos dois.

O homem escolhia um abacaxi quando sentiu alguém se aproximar e abraçar a sua perna. Para sua surpresa, Sara o olhava sorridente ainda agarrada a ele. A menina estava com uma roupa azul, os cabelos presos com tranças e o encarava atenta.

- Oi, pai.

- Oi, amor. O que você está fazendo aqui?

- Viemos comprar morangos. A Mama e eu.

- Você não ia sair com o Bernardo? – questionou deixando a fruta de lado e se abaixando.

- Acho que ele não vai aparecer pelos próximos dias.

A Mama falou com ele sobre você ser meu pai e eu o ouvi xingar bem altão. A Mama fechou a porta, mas eu ainda o ouvi falar bravo. Então ele foi embora e a Mama me convidou para comprar morangos. – Sara disse sorrindo ao fim e Miguel franziu o cenho. – O que você está fazendo aqui?

- Vim comprar abacaxi pra sobremesa do nosso almoço.

- Legal.

- Você ficou como quando o Bernardo foi embora?

- Ah, ele sempre faz isso quando se chateia. Eu fico triste, mas ele faz sempre. Até quando ele esquece de pedir

desculpas. – Sara deu de ombros e Miguel piscou com a boca levemente aberta. Sara riu ao ver sua reação. – Tá tudo bem, pai, não se preocupa.

- E onde está a Mama?

- Na fila, ela me deixou vir te ver. – Sara apontou para um dos estabelecimentos do mercado, um pouco mais a frente. – O que você vai fazer hoje?

- Vou sair com o Túlio, lembra que eu te falei dele?

- O que foi embora e você ficou um pouco triste?

- Sim, ele veio aqui por pouco tempo e a gente vai se ver porque estamos com saudade.

- Que bom.

- Ele quer conhecer você, sabia?

- Ia ser legal conhecer ele. Ele gosta de sorvete?

- Sim.

- A gente pode convidar ele pra tomar sorvete. – Sara sorriu radiante e Miguel assentiu, sorrindo e levantando quando Luiza se aproximou.

- Oi, meu bem. Mudança de planos.

- Já me contaram tudo.

- Ah, já?

- Sim, você está bem?

- Ela está muito brava, mas está tentando disfarçar para eu não ficar mais triste. – Luiza olhou sério para a filha que deu de ombros. – O que? Não é pra ser sincera? Você sempre fica brava quando o Berna faz essas coisas, eu sei.

- Você sabe demais, Amor. – Luiza suspirou e assentiu. – A Mama vai deixar de ficar brava.

- Pai... – Miguel abaixou depois que a menina puxou levemente sua calça. – Dá um beijão na Mama para ajudar.

- Bem grandão? – Miguel questionou sorridente olhando Luiza que ria sem jeito.

- Sim.

- Pode deixar.

- Vocês acham que eu não estou ouvindo? – Luiza colocou as mãos na cintura e Miguel a abraçou, beijando seus lábios.

- Já disse como você é incrível hoje?

- Não.

- Você é. – ele assentiu lhe beijando novamente. Sara sorriu quando ele a olhou e segurou a mão da mãe.

- Mãe, eu posso conhecer o Túlio? O papai disse que ele quer me conhecer.

- Pode sim, Amor. – Luiza assentiu enquanto Miguel a encarava com o cenho franzido.

- Até amanhã no almoço, pai. Avisa ao Túlio que vamos tomar sorvete!

- Digo sim. Até amanhã, Girafinha. – o homem sorriu beijando os cabelos da menina e encarando Luiza ainda desconfiado.

- Surpreso? – ela questionou o encarando um pouco de lado e ele riu animado lhe beijando os lábios. – Até amanhã, Estranho.

Nos primeiros momentos, ela estava se perguntando – insegura – o que ele estava fazendo, mas Sara era uma criança ativa que, às vezes, precisava de muita insistência para parar de correr, tomar banho e então dormir. Quando Luiza conseguiu que ela adormecesse, tomou o seu próprio banho e ligou a televisão, já eram dez da noite.

Era intrigante pensar que estava realmente apaixonada por alguém que, naquele momento, deveria estar beijando outra pessoa. Era muito incomum imaginar que ela não deveria sentir ciúmes. Luiza lembrou de Miguel a contestando quando ela disse aquilo já que ciúmes era algo tão naturalizado em relações amorosas que não haviam regras para não sentir. Um exercício interessante era pensar nos motivos pelos quais ele surgia.

Luiza estava com ciúmes porque queria Miguel só para ela? O que ele era? Sua propriedade? Sim, ele deveria ser, pelo menos era isso que ela estava acostumada a imaginar. Luiza conseguiu se prender na série que estava assistindo e cochilava quando resolveu deixar de lutar contra o sono.

Ao deitar na cama, acessou o celular para programar o despertador e viu a mensagem de Miguel quinze minutos antes. Ela estava acostumada a lhe desejar boa noite sempre antes de dormir, mas naquela noite específica não sabia se deveria falar com ele. Ela sabia, ao ver a mensagem, que Miguel possivelmente imaginou que ela estava dividida. Ela sorriu e respondeu a mensagem dele dizendo que a Girafinha havia lutado bravamente, mas estava dormindo e que a mãe dela estava indo dormir também. Ela o desejou boa noite e conseguiu realmente dormir. Dormir bem. Quando, na vida, Luiza se imaginou dormindo bem sabendo do que Miguel poderia estar fazendo?

No dia seguinte, como Sara ia passar a tarde com Miguel, Luiza a pegou na escola, lhe deu um banho rápido e foi deixá-la no restaurante. O homem estava na cozinha quando elas chegaram, mas perguntou se eles dois podiam conversar no escritório. Sara sentou no seu canto costureiro e arrumou os fones de ouvido.

Luiza acreditava que ele queria saber como ela se sentiu. Ela estava realmente bem, mesmo que um pouco desconfortável por ser uma situação nova. Ela preferiu não conhecer Túlio naquele momento, mas realmente não estava incomodada com a filha conhecê-lo.

Para sua surpresa, quando o homem fechou a porta, ele a abraçou inesperadamente. Miguel lhe posicionou contra a parede e a apertou sem nenhuma cerimônia. Luiza sentiu um comichão no estômago enquanto ele a beijava e sorriu levemente anestesiada quando ele afastou o rosto do dela.

- O que foi isso?

- Só um lembrete de que eu continuo aqui e uma prévia do que vou fazer com você numa próxima oportunidade. – informou sorrindo.

- Você devia sair com o Túlio mais vezes. – ela provocou e ele voltou a lhe beijar a boca com o mesmo desejo. Luiza se deixou sentar na mesa do escritório e abraçou a cintura dele com as pernas. Ele segurou a base de sua coluna e ela reagiu o apertando ainda mais. Quando Miguel afastou o corpo, ela sentiu como se aquilo fosse um grande absurdo.

- Numa próxima oportunidade.

- Você não pode provocar uma pessoa assim.

- Tanto posso quanto fiz. Preciso ir, está um caos isso aqui hoje. E daqui a pouco alguém vem nos procurar.

- Eu preciso recuperar o controle sobre o meu corpo para ir embora.

- Fique à vontade, meu bem. Sou eu quem precisa ir.

- Não devia deixar evidente que tenho uma grande queda por você.

- Pode ter certeza que não vou fazer nada errado com isso. – Luiza o abraçou, o puxando para que ele novamente a segurasse. Miguel voltou a lhe beijar, agora com muito mais sutileza.

A prévia do momento oportuno estava posta, agora eles precisavam torná-la possível. Luiza sorriu enquanto ele deixava o espaço e cobria o rosto com as mãos, risonha. Era bom e possível, Luiza gostava cada vez mais da sinceridade.

2022

*Presidente,*

*Um dia, quando eu estava com 16 anos, eu fui mandada para a coordenação e o motivo era muito simples. Quando eu expliquei o que houve para a coordenadora, meu pai estava presente, mas eu não o olhei, sabia que ele riria se eu o olhasse naquele momento.*

*As mesmas pessoas que ridicularizaram o fato do relacionamento dos meus pais ser diferente do que eles estavam acostumados, riram quando eu disse a professora que a família que ela estava apresentando como o “modelo” de família, não era a única forma. Ela não gostou da minha interrupção. Assim como não gostou quando eu respondi ao Fagner. Ele riu e disse que eu não entendia muito bem o conceito. Eu retruquei: Antes ter um pai viado e promíscuo como você postou, do que ter um que tem duas famílias e não é sincero sobre isso. Era a verdade.*

*A sala inteira sabia que a mãe do Fagner havia descoberto uma traição do marido. E eu estava séria quando disse a coordenadora: Meus pais me ensinaram a dizer a verdade, foi o que eu fiz. A Telma não era das piores coordenadoras do mundo e ficou olhando surpresa pro*

*meu pai que deu de ombros. Curioso que só eu vim pra cá não é mesmo? Eu arrematei no fim e meu pai me olhou sério. Eu entendi que estava forçando demais e assenti, dando a vitória como certa. Eu levei uma reclamação pelo uso das palavras, mas eu apenas repeti as palavras que o Fagner vivia dizendo por aí.*

*Naquele dia, quando minha mãe chegou de Vales, nós fomos jantar e meu pai lhe contou sobre o ocorrido. Meu pai tentava manter um semblante sério, mas gargalhou animado quando minha mãe me encarou após ele dizer: ela citou a infidelidade do pai do menino. Eu também ri, mas mordi a boca quando minha mãe me olhou séria. Eu sabia por que ela estava zangada. Porque ela me ensinou que não se rebate absurdos com absurdos e que o Fagner não precisava ser exposto. Mas ele me expôs e eu estava farta daquilo. Quando o Alex e eu estávamos tirando a mesa, eu ouvi minha mãe rir falando pro meu pai na cozinha: essa menina só me dá orgulho, Guel. Eu sorri. Eu havia dado o meu recado em minha sala de aula e em minha casa. Meus pais não eram o problema. Nunca foram. E eu fui ensinada a falar a verdade.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

**L**uiza sabia que a vida estava se desenrolando bem. Ela gostava do seu trabalho, aprendeu a encontrar o ritmo em suas atividades, sua vida estava organizada, o seu relacionamento com Miguel estava fluindo e as pessoas que se incomodavam com a dinâmica da relação apenas guardavam as suas opiniões para si mesmas. Luiza já tinha experiência o suficiente com opiniões alheias por ser uma mãe solo. Como poderia ser mais árduo do que aquilo?

Para Luiza, as críticas que ouviu pelo fato de permitir que sua filha chamasse outro homem de pai não eram maiores do que quando pensavam que ela precisava estar casada para ter direito a gestar uma criança. Obviamente a pessoa mais revoltada com o fato era Bernardo que realmente esbravejou, xingou e ameaçou Luiza de muitas coisas. Ela já esperava por aquilo, mas estava ciente de que Bernardo não podia exigir nada considerando seus anos de ausência e suas atitudes nada responsáveis após conhecer a filha.

Enquanto mãe, Luiza acreditava que o mais importante era o que Sara pensava sobre a situação. E sempre que as duas conversavam, o que Sara verbalizava era muito fácil de entender. Gostava de Bernardo, era

divertido estar com ele, mas Sara não confiava nele. A filha não verbalizava o que sentia daquela forma, mas era perceptível. Sara não passava muito tempo sozinha com Bernardo, ao passo que adorou os dois dias inteiros na casa de Miguel e tentava barganhar outros dias como aqueles sempre que podia.

Luiza não precisava pensar muito sobre o fato para saber como se sentir ou como proceder. Era tão óbvio que ela só precisava assumir. Afinal, quem Sara estava chamando de pai? E quem Luiza era para dizer quem era o pai daquela criança atenta?

As visitas de Bernardo seguiam esporádicas e um tanto imprevisíveis. Luiza seguia em dúvida não sobre Sara, mas sobre a presença dele na vida da filha. Anos passariam até que Luiza entendesse que a presença de Bernardo estava posta para Sara como alguém com quem ela tinha um vínculo, não como o pai dela. Sara nunca o encararia como o próprio pai e Luiza entendeu que não tinha como interferir em escolhas que o próprio homem fez desde o Natal de 2003.

Mas para a surpresa da própria Luiza, naquele sábado pela manhã, quando Bernardo entrou no apartamento para encontrar Sara, o homem insistiria em demonstrar sua opinião contrária às escolhas da menina.

Como sempre em toda a sua vida, Bernardo demonstrava que não estava acostumado a perder, ainda mais para alguém que ele não tinha consideração alguma desde os tempos da escola.

- Luiza, se você não se importar, gostaria que você não saísse correndo agora que eu cheguei. – Bernardo disse com a voz dura e ela o encarou franzindo o cenho. Ele não deveria falar com ela daquela forma, ainda mais na presença da filha. – Precisamos resolver isso.

- Vá brincar com a Sarinha como você combinou, Bernardo, podemos conversar sobre qualquer coisa depois. – Luiza enfatizou o depois e o encarou séria, mas ele negou com a cabeça.

- Não, precisamos resolver isso agora.

- O que é, Berna? – Sara encarou o homem e pouco depois a mãe que tentou sorrir.

- Sarinha, eu não sei o que a sua mãe anda dizendo a você esse tempo todo...

- Bernardo.

- Você sabe que eu sou o seu pai, não sabe?

- O biológico. – Sara pontuou e Bernardo encarou a outra com o rosto vermelho. – Aprendi na escola. – ela se adiantou em dizer com a voz mais rouca.

- Eu teria cuidado de você se a sua mãe não tivesse ido embora.

- Como assim?

- Bernardo, não coloque coisas na cabeça da Sara.

- Agora vocês estão aqui e eu disse a ela que queria cuidar de você. Quero que você conheça a Helena, você vai ter irmãos em breve e mesmo que sua mãe não goste, eu sou o seu pai.

- A Mama disse que não gosta de você? Quando?

- Eu nunca disse nada a você, Amor, vá pro seu quarto. Eu já lhe chamo.

- Não. – Bernardo afirmou segurando a mão da menina e a olhando. – Eu sou a única pessoa que pode ser seu pai e não importa o que sua mãe ou o Miguel tenham dito a você.

- Como assim?

- Eu sei que ele te obrigou a...

- Não fala assim do Guel, ele não me obriga a nada!

– Sara reagiu e Luiza segurou o braço do homem o encarando.

- Solte a Sara e pare com isso, eu não estou brincando.

- Eu sou o único que pode ser seu pai, Sara. Você entendeu?!

- Mama...

- Bernardo, pare com isso!

- Eu sou o único que pode ser seu pai, Sara! – quanto mais Luiza reagia, mais vermelho o homem ficava.

- Eu não quero que você...

- Eu sou o seu pai, Sara e você não vai chamar o Miguel...

- Eu não quero que você seja meu pai, você não se importa comigo! Você me esquece na escola e mente pra mim! – Sara o empurrou e Bernardo a soltou, a menina seguiu chorando para o quarto e Luiza o encarou irritada.

- Saia da minha casa, Bernardo.

- Vocês envenenaram a menina contra mim! – ele exclamou com a voz alta.

- Saia da minha casa ou eu vou chamar a polícia.

- Não vai terminar assim. – Bernardo afirmou abrindo a porta. – Vamos ver o que o juiz vai falar de você obrigando a minha filha a chamar seu namoradinho indeciso e vagabundo de pai!

Se alguém contasse a Luiza que Bernardo gritaria com uma criança por não saber lidar com o fato dela não o chamar de pai, Luiza diria que ainda tinha suas dúvidas. Os motivos pelos quais ela ainda se surpreendia com Bernardo demorariam a fazer o sentido completo para ela.

O Bernardo que existia em suas ideias não era real, o homem que ela imaginava que ele poderia ser também não. Restava ali o homem que negava a própria irresponsabilidade e assumia a postura agressiva e intimidante com uma criança quando outro homem ameaçava um lugar que ele achava que era seu por direito.

Sinceramente, Luiza nunca acreditou na ideia de que a filha precisava de uma figura masculina para se desenvolver. Luiza não estava a todo tempo em busca de um homem para colocar naquele lugar. A chegada de Miguel foi tão espontânea e inesperada que quando alguém falava sobre a relação dos dois, era como se ela existisse independente do relacionamento de Luiza e Miguel.

Mas quando bateu na porta do quarto de Sara e entrou, a menina estava agarrada com sua girafa e com os olhos vermelhos. Seu coração se contraiu e ela se lembrou de respirar. Naquele momento, a única coisa que queria era gritar com Bernardo e nunca mais deixá-lo encostar um dedo em sua filha. Ela não merecia nada daquela confusão do homem que deveria saber se comportar como um adulto.

- Amor?

- Ele mentiu de novo? – Sara questionou encarando a mãe com os olhos molhados.

- Sim, sinto muito. – Luiza assentiu abraçando a menina que enxugou os olhos. – Não tem nada errado você chamar o seu pai de pai, amor, o Bernardo precisa entender isso.

- Posso ser sincera, mãe?

- Sempre, meu amor.

- Eu posso parar de ver o Berna?

- É o que você quer? – Luiza tentou não esboçar o alívio que lhe tomava, não queria impor o distanciamento mesmo que, mais tarde, entendesse que ela deveria proteger a criança e que aquilo era o mais importante.

- Ele me assustou e eu não quero que ele grite comigo de novo.

- Você não é obrigada a ver ninguém. – Luiza a beijou e a menina acomodou a cabeça em seu peito. – Desculpe, Amor, às vezes as pessoas reagem mal.

- Eu já entendi, Mama, não é todo mundo que entende.

O sábado foi salvo por Heitor que apareceu com a filha da irmã de Melina e levou as crianças para uma tarde no parque da cidade. Depois de uma saída divertida correndo, tomando sorvete e brincando com o padrinho e Elisa, Sara chegou em casa exausta e falastrona, diferente da menina triste e assustada daquela manhã. Luiza estava cansada, muito cansada depois de tantas emoções. Havia contado a Heitor que se revoltou com a situação e orientou a amiga sobre possíveis ações judiciais.

A mulher também sabia que o dia de Miguel não havia sido fácil e mesmo que os dois tivessem se falado muitas vezes por telefone, Luiza não conseguia acreditar que ele ficaria bem como ele tentou lhe tranquilizar. Quando Sara adormeceu e ela tomou um banho morno, se acomodou na cama e observou por algum tempo seu sono tranquilo. Sara realmente havia entendido que muitas pessoas não compreenderiam o que eles sentiam? Como uma criança enfrentaria tudo aquilo?

Observando a filha dormindo, Luiza se sentiu ansiosa pelo futuro, pelas ameaças do outro e suspirou. Por mais que tivesse dificuldade em assumir, naquela noite, não estava apenas preocupada com Miguel, ela queria vê-

lo. Por isso, deixou a filha dormindo, avisou a mãe que não demoraria e seguiu para o restaurante.

O movimento estava intenso e ela sorriu contente. Miguel estava ascendendo, em paz consigo mesmo e com o seu trabalho, diferente de quando os dois começaram a conversar mais. Luiza estava feliz por ele, por seu desempenho e pelas mudanças que estavam sendo tão bem recebidas pelos clientes. A mulher se acomodou no sofá do escritório, um local que lhe trazia ótimas lembranças e esperou, aguardaria o tempo que fosse necessário para finalmente vê-lo.

- Oi. – Miguel tocou o seu ombro e sorriu quando ela o olhou despertando.

- Não quis atrapalhar o andamento, acho que acabei cochilando. – Luiza se espreguiçou sorrindo.

- Você podia ter me avisado que estava aqui.

- Eu avisei para o seu celular que deve estar aqui dentro.

- Exatamente. – ele sorriu lhe beijando.

- Desculpe. – Luiza pediu baixo e ele franziu o cenho.

- Pelo que, meu bem?

- Por tudo. Ele não devia ter vindo aqui.

- E nós sabemos disso. Mas você foi a primeira a dizer que ele faria algo.

- Se for assim, eu vou embora.

- Possivelmente o Tor lhe orientou que ele pode alegar que você está o impedindo de ver a Sarinha, o que pega mal para você. Mas se você quiser ir, eu vou entender.

- Eu disse a você que me beijar era uma péssima ideia.

- Beijando você ou não, eu não largoo a Girafinha e problema do Menino de ouro que não sabe dividir amor.

- Eu não sei nem mais o que pensar de tudo isso.

- Não se preocupe, se ele entrar aqui de novo gritando...

- Gritando?

- Eu vou abrir uma queixa de ameaça e vai ser pior pra ele. – ele se deitou ao seu lado. – Podemos mudar de assunto? Passei o dia fervendo com isso e lidando com um restaurante lotado, estou exausto.

- Claro. Preciso voltar pra casa em breve, a Sarinha ficou na minha cama sozinha.

- A gente precisa tomar cuidado com isso ou o Bernardo pode usar suas saídas como justificativa para você ser a pior mãe do mundo.

- Ele não... ele sim. Merda.

- Vamos dar um jeito, não se preocupe. – ele a beijou e ela o abraçou. – Como ela está?

- Disse que vai ficar bem, mas ela estava tentando me consolar. Os gritos a assustaram e ele a segurou, foi

horrível. Ela não quer mais vê-lo e eu vou garantir que isso aconteça. O que me diz?

- Eu?

- Quem mais, Miguel?

- Acho que ela merece ser respeitada. – Miguel disse de pronto e Luiza sorriu com os olhos marejados.

- Minha filha tem sorte de ter um pai como você.

- Você me deixa dormir com ela hoje?

- Eu tenho uma ideia melhor. – ela sorriu.

Naquela manhã, quando Sara abriu os olhos, entendeu que não estava na cama da mãe, nem mesmo no quarto dela ou na casa da avó. Ela sentou na cama em silêncio e reconheceu a sua coberta e a sua girafa, todas acomodadas na cama grande do quarto que ela já havia dormido algumas vezes. Sara sorriu e levantou rápido, abrindo a porta e correndo para a sala da casa do pai que sorriu sentado no sofá.

- Bom dia, Girafinha.

- Eu dormi em sua casa, pai?

- A gente te trouxe para cá no meio da noite.

- Que bom. – Sara o abraçou e ele a aconchegou em seu colo.

- Posso perguntar como você está?

- A verdade?

- Sempre.

- Fiquei com medo.

- Eu imagino. – Miguel a beijou com carinho. –

Sinto muito que você tenha passado por isso.

- Por que ele fica tão chateado com isso?

- Tem gente que não entende que amor só se multiplica, Girafinha, sinto muito.

- Eu vou poder chamar você de pai para sempre?

Mesmo se o Berna fizer alguma coisa?

- Sim, você pode. Não se preocupe, a Mama e eu vamos tentar resolver isso.

- Onde ela está?

- Foi na rua, mas já volta. Ela disse que, se você quisesse, podia ligar a qualquer momento.

- Não, não, tá tudo bem.

- Quer panquecas?

- Quero ficar aqui, tudo bem?

- Sim, Amor, está tudo bem.

- Não quero mais ver ele.

- A Mama me disse.

- Eu tô errada?

- Não, eu também ficaria assustada se fosse você.

- Eu não preciso vê-lo, não é?

- Não.

- Ele não devia gritar comigo. A Mama não grita.

Você não grita.

- Ninguém deveria gritar com você. Eu vou fazer o máximo possível para não acontecer mais, mas nem sempre eu vou conseguir.

- Você vai tentar, é legal. – ela disse fechando os olhos. – Pai, um dia as pessoas vão entender que não tem nada errado na gente querer ser família?

- Sim.

- De verdade?

- Sabe quando você quer muito, muito acreditar em algo. Tanto que realmente imagina que pode ser verdade?

- Como a cascata de sorvete?

- Isso. Eu acredito que as pessoas ainda vão entender que nós somos o que queremos ser.

- Que bom.

- Queria que você pensasse sempre numa coisa. – Miguel a beijou. – Você é a Girafinha mais importante da minha vida.

- Eu sou a sua única Girafinha. – ela riu baixo.

- Você é a mais importante. E um dia, vamos ter nossa cascata de sorvete.

2022

*Presidente,*

*A história da cascata de sorvete é um marco da nossa família. Um dia minha mãe chegou para me buscar no restaurante e estávamos eu e o meu pai debruçados sobre uma folha de papel. Os lápis de cor estavam todos espalhados e eu mostrei a minha mãe animada o nosso projeto secreto. Uma cidade com uma cascata de sorvete. Ao invés de uma fonte na praça central, eu havia desenhado um chafariz com sorvete, como aquelas cascatas de chocolate que a gente fica babando em chocolatarias.*

*Havia um desenho bem detalhado em que cada lado da cascata tinha um compartimento isolado para permitir que diferentes tipos de sorvete fossem disponíveis gratuitamente para todas as pessoas que quisessem. A cascata era mágica, então o sorvete estaria sempre cremoso mesmo no verão.*

*Eu levei anos falando daquele projeto até que um dia meus pais criaram uma cascata de sorvete de chocolate para mim no meu aniversário de 10 anos. Não era como eu havia sonhado, mas era como eles conseguiram fazer. Havia muito sorvete de chocolate em uma grande pilha e*

*cascalho crocante para todo mundo se servir. A festa foi na casa da tia Pérola em Vales e eu tenho fotos incríveis ao lado do meu presente que substituiu o bolo.*

*Sempre que queremos muito, muito, algo em nossa casa, usamos a máxima “como a cascata de sorvete”. Ela representa sonhos difíceis de se concretizar, mas que a gente não perde a esperança. Eu trocaria a minha cascata de sorvete por duas coisas, presidente:*

*1 - que as pessoas não agridam meu irmão ou meu pai por eles serem quem são.*

*2 - que todas as famílias desse país sejam reconhecidas genuinamente como família. Sem questionamentos. Sem violência.*

*Meu sonho é esse: que as pessoas compreendam que essa é a tradicional família brasileira. Uma mãe solo, um homem bissexual, um irmão trans e eu, uma criança que, aos sete anos, escolheu o próprio pai. Nós sofremos muito por sermos quem somos. Eu não quero mais. Isso vale muito mais do que uma cascata infinita de sorvete.*

*Atenciosamente,  
Sara Sousa Lima*

**A** vida adulta e a maternidade haviam ensinado algo muito importante à Luiza: ela não deveria se envergonhar de ser quem era. Não era sempre que ela conseguia ser aquela pessoa determinada que tocou a sirene e esperou que Helena abrisse a porta para recebê-la. Mas naquela manhã, enquanto sua filha dormia na cama do pai, ela estava certa do que precisava fazer.

Sim, criou Sara por sete anos com a ajuda de pessoas queridas que não eram o pai da criança. Depois do retorno para a cidade, estava dividindo a vida com Marta, construindo uma relação com Miguel e reforçando laços com pessoas do seu passado e do seu presente. Ela estava feliz por estar de volta e não iria embora sem lutar. Não daquela vez. Não como quando descobriu que estava grávida. Ela não havia feito nada errado, não mentiu para ninguém e por isso, pediu para Helena para as duas conversarem.

Ela não foi informada que Bernardo tinha um relacionamento, ela não sabia que ele estava traindo a namorada ao dormir com ela na primeira noite. Luiza não tinha um compromisso com ninguém. E assim como não soube no passado, não sabia que estava se envolvendo

novamente naquele relacionamento quando beijou Bernardo no fim do ano anterior. Luiza não precisava se envergonhar pelo que fez, mesmo que não tivesse orgulho daquele ato, ela podia sentar na sala da casa de Helena e Bernardo e contar a mulher do genitor de sua filha o que realmente aconteceu, a sua versão da história.

Obviamente não foi uma surpresa para ela quando percebeu que o que Helena pensava sobre Luiza não condizia com a realidade, obviamente Luiza estava naquela história como a mulher sem vergonha que estava se metendo com um homem casado. Ou como uma criança disse *uma mulher sem vergonha que beijava o marido de outra pessoa*. Ela estava acostumada a ser colocada como aquela personagem, mas isso não significava que aceitaria o papel.

- Eu não sabia da sua existência. Eu estava há sete anos sem vir nessa cidade porque o meu pai e o Bernardo não queriam essa gravidez. Eu a segui como uma decisão minha e o nome do Bernardo não está nem na certidão de nascimento dela. Quando eu voltei, voltei pela minha mãe.

- Eu sei do seu pai.

- E fiquei aqui porque ela me pediu para eu não deixá-la sozinha. O Bernardo foi atrás de mim e conheceu a Sara, ele me pediu para se aproximar da Sara. Eu não sabia que você não sabia, mas quando você chegou gritando – e eu realmente entendo sua revolta – a Sara entendeu.

Ela não fazia ideia, eu não sabia se era hora de contar. Então eu não imaginava como afastá-la de alguém que ela ficou muito feliz de conhecer.

- Aconteceu algo entre vocês, não foi? Depois?

- Eu não soube que vocês reataram e sinceramente, foi o maior erro da minha vida.

- Por quê?

- Porque a única coisa que ele tentou impor foi um aborto e não se interessou por uma filha por sete anos. Eu me iludi acreditando que essa relação resolveria tudo, até o contato dele com a Sara.

- Você disse aborto?

- Sim e eu não estaria aqui se tudo isso não estivesse acontecendo.

- O que está acontecendo?

- O Bernardo está ameaçando entrar na justiça com mil acusações contra mim e contra o Miguel, você deve conhecê-lo do Mediterrâneo.

- Sei quem ele é.

- Ele e a Sara criaram um laço muito bonito e ela escolheu chamá-lo de pai.

- Como ela chama o Bernardo?

- Berna. Agora o Bernardo está dificultando tudo.

- Não é isso que ele me diz. Ele fala que você está o pressionando.

- Helena, eu não quero nada do seu marido. Quando a Sara entendeu, eu não sabia como cortar um laço que a minha filha queria manter mesmo que não confie nele de todo. Ele promete coisas a ela que não cumpre, ele a esqueceu na escola. Ela entendeu que ele é o pai biológico dela, mas não confia nele.

- E ela escolheu chamar o Miguel de pai.

- Nós estamos juntos, o Miguel e eu. Eu só vim aqui porque eu queria a sua ajuda. Caso seja possível para você, converse com o seu marido. Eu não quero arrastar a minha filha em um processo desses. Eu não quero nada dele.

- Mas você tem uma filha com ele. Ele precisa lhe dar algo.

- Mas eu não quero se isso me custar a minha paz e a tranquilidade do Miguel.

- O que o Bernardo está fazendo com o Miguel, Luiza?

- Indo até o ambiente de trabalho dele importuná-lo e ameaçando processá-lo.

- Por que a sua filha escolheu ele como pai ou porque você está saindo com ele?

- Bom, isso é algo que o Bernardo pode lhe responder. O que me interessa é que eu estou vivendo a minha vida e eu não quero minha filha no meio de uma disputa judicial. Além disso, ele teve uma reação horrível e a Sara está com medo e não quer vê-lo. Eu vou respeitar o

desejo dela. – ela assentiu. – E estou disposta a ir embora se isso resolver tudo. Eu estou sendo absurdamente honesta com você. Eu só quero que o Bernardo me deixe em paz e, se ele realmente quiser, ele vai continuar tendo acesso a Sara se ela quiser. Se ele não quiser, eu vou continuar cuidando dela como cuidei todos esses anos.

- Acho que eu lhe julguei errado, Luiza.

- Você tem todos os motivos para isso.

Em muitos momentos da vida, Luiza ouvia as pessoas falando de mulheres que se envolveram com homens casados como “sem vergonha”. Em outros momentos, ela mesma usou aquela nomenclatura. Mas ela imaginou como seria estar naquele lugar? E imaginaria ser julgada daquela forma quando você nem sabia do relacionamento? E por que os homens que estavam em um compromisso com outra pessoa não recebiam nomenclaturas como aquela? Era como se fosse apenas parte da “natureza masculina”?

Era muito cômodo para homens – heterossexuais, como Miguel sempre resmungava – abusarem daquela comodidade social. Luiza sempre retrucava com ele que ele tinha privilégios por ser homem e não podia negar. Mas aquele não era realmente o ponto. O ponto era que Bernardo havia sido mais um homem que não se

responsabilizava, um homem que não assumia suas escolhas.

E assim como Bernardo não se posicionava em relação à Sara e à própria Luiza, Guilherme, seu ex-namorado, não queria incluir Sara no namoro com Luiza. Luiza estava cansada de pessoas que não assumiam o que queriam, por isso contou a Helena a sua versão e voltou para a casa de Miguel e tomou café com ele e com a filha. Enquanto Sara tomava banho, ela narrou a conversa para o namorado. Luiza não estava mais a fim de ser uma coadjuvante naquela trama.

- Você disse tudo a ela?

- Sim.

- E ela?

- Me disse que precisava de um tempo para processar tudo.

- Ou seja, o Bernardo estava dizendo a ela que você estava o pressionando sobre a Sarinha?

- Sim.

- O filho da mãe mente para todos os lados, não é mesmo?

- Isso lhe surpreende? – Luiza o encarou e ele suspirou lhe beijando. – Eu só quero que ele lhe deixe em paz e não arraste a Sarinha pra um processo.

- Meu bem, todas as vezes que você se atrever dizer que você é uma péssima mãe, eu vou te lembrar que você

foi na casa de uma pessoa que com certeza lhe trataria mal pela sua filha.

- Ela deixou de me tratar mal depois que eu comecei a falar muito mal do marido dela. – Luiza sorriu vitoriosa e Miguel riu alto. – E ela é nossa filha, Miguel, fale direito.

## 2011

A primeira vez que ele ouviu falar sobre não monogamia foi em um filme independente e LGBTQIA+ que estava em uma plataforma de vídeos na internet. Era um casal de mulheres que eram alvo de muitos questionamentos por se envolverem com outras mulheres. Miguel tinha 16 ou 17 anos e uma namorada, mas isso não queria dizer que beijava apenas ela.

Enquanto assistia às escondidas o curta metragem, as concepções da não monogamia lhe atingiram em cheio e Miguel passou a questionar um modelo que sempre foi colocado como o único possível. Durante a vida em sua família, o seu avô era um homem rígido, tradicional e adúltero.

Os homens à sua volta promoviam a família, mas era “ótimos” em matéria da infidelidade. Ele mesmo estava em um relacionamento e não estava sendo fiel e, paradoxalmente, sempre reclamava com a namorada sobre qualquer ato que poderia lhe fazer crer que terminaria em uma traição. Era a hipocrisia daquele modelo de relação, quando Miguel ainda acreditava que namorar apenas mulheres era o que deveria fazer.

Assim, ele entendeu que a monogamia era um sistema que não lhe dizia muito, que não lhe fazia se sentir

confortável. Não que foi sempre fácil, mas depois da traição de Silvana, não podia seguir acreditando no modelo apenas porque foi educado em uma sociedade que o instituiu como verdade. Miguel não queria promessas que poderiam não se cumprir, queria ter liberdade, queria estar com uma pessoa por desejo e não por imposição.

Quando estava com Luiza, estava com Luiza, queria estar com ela, gostava de estar com ela. Sorria ao vê-la, adorava beijá-la, enquanto isso, a vida seguia. Miguel sabia que todos aqueles anos repensando um modelo de relacionamento não garantia que a ausência de incômodos. Ele estava em um relacionamento, haviam sentimentos envolvidos, não seria sempre racional e objetivo.

Os encontros com Luiza aconteciam em sua casa, Miguel não se sentia nada a vontade em dormir na casa de Marta considerando as opiniões dela sobre sua relação com a neta. Não havia discussão, Miguel a tratava com educação e os dois levariam alguns anos para finalmente falar sobre aquilo.

Nada impedia Luiza de ir para sua casa ou os dois saírem quando Sara dormia na casa da amiga ou do padrinho. Naquela noite, Sara estava com eles, mas estava adormecida na cama, quando Luiza, na sala, levantou distraído da presença de Miguel e andando de um lado para o outro. Miguel a chamou e ela o olhou, mas voltou a

digitar e suspirou. O homem se aproximou e a abraçou pelas costas enquanto ela tentava mudar de assunto.

- Ei, porque você não quer falar sobre isso? – perguntou beijando seu pescoço. – Fala comigo.

- Esperei dois anos por esse convite. – ela reclamou apontando o aparelho celular. – O Leandro vai estar em Vales de passagem e está me convidando para jantar com ele. Eu espero há dois anos ele ficar solteiro. – ela mostrou a foto do homem para o outro que assentiu. – Olha pra isso! Esse sorriso!

- Esse homem mexe mesmo com você para te deixar tão falante sobre o seu interesse.

- Está com ciúme, Guel?

- Talvez. – ele assentiu mordendo levemente o seu pescoço. – Quer que eu fique com a Sarinha?

- Como é?!

- Para você sair.

- Miguel, você só pode estar brincando.

- Só eu posso sair com o Túlio? – a mulher o encarou longamente. – O que foi?

- Então eu posso dizer sim? – ela gargalhou quando ele levantou a sobrancelha a encarando. – Quis dizer: está tudo bem se eu disser sim?

- Se eu fosse você, não perderia a chance.

- Porque ele é gostoso, não é?

- Bastante. – Miguel afirmou e ela sorriu girando o corpo e lhe beijando.

- E mesmo assim você está aqui se oferecendo pra cuidar da espoleta. Eu devia mesmo casar com você.

- Qual sua história com esse homem para você pensar até em casar comigo?!

- Você fica até charmoso com ciúmes. – provocou e ele sorriu sem embaraço.

- Você parece uma criança que ganhou um grande presente no Natal, está difícil controlar.

- Foi uma promessa de uma noite que não se concretizou porque a Sarinha teve amidalite e precisou ficar internada para tomar o antibiótico. Depois ele foi embora e não estava mais solteiro. Até agora.

- É melhor você ir lá encerrar essa pendência.

- E voltar pra você. – Luiza sorriu e o beijou. – A sensação é essa, que eu sempre vou voltar pra você.

- Isso é uma promessa?

- Sim.

- Sim, então eu vou sempre estar aqui para você voltar.

No dia que Miguel explicou a Sara que pessoas podiam sair com mais de uma pessoa se fossem sinceras, ele não esperava que a menina fosse estar bastante curiosa sobre o motivo pelo qual ela ia dormir com o pai. Não que

ela tivesse chateada com a noite, principalmente depois que soube que as filhas de Pérola estariam presentes, mas quando Luiza chegou na casa para deixá-la, Sara cumprimentou o homem e correu para ver as outras meninas, a mulher reteve o homem pelo braço e riu animada.

Enquanto estavam chegando na casa de Miguel, Sara questionou, sem embaraço, se  *você e o papai estão naquele namoro que a gente é sincero e pode sair com outra pessoa*. Miguel arregalou o olho e riu.  *Se o papai saiu com o Túlio, você vai sair com outra pessoa hoje?* Luiza tinha certeza que, nesse momento, Marta reclamaria por horas ao passo que Bernardo realmente entenderia que o melhor a fazer era tirar a menina do poder dos dois “desavergonhados”. Mas sim, Luiza ia sair com outra pessoa e Sara sorriu,  *espero que você se divirta, Mama*.

Miguel a abraçou, beijando seus lábios e aspirando seu perfume. Luiza afagou o rosto do homem e assentiu quando ele disse que realmente ficaria com as meninas a noite toda, não iria sair, mas sim pedir pizza e possivelmente ser intimado a brincar com as bonecas.

A mulher riu animada quando o homem lhe beijou novamente,  *divirta-se, meu bem, mas não muito*. Luiza empurrou um pouco seu rosto e se despediu, pedindo a Miguel para superar. O homem sorriu e ela chamou o elevador. Miguel elogiou seu figurino e Luiza sorriu,

sentindo um pequeno aperto no peito se desprender. Aquilo não era um crime e se uma menina de sete anos conseguia entender, estava mais do que na hora de Luiza se permitir e aproveitar o jantar e sua noite.

2022

*Presidente,*

*Qual a minha relação com o Berna hoje? Você deve estar se perguntando. Eu o vejo esporadicamente. Ele casou mais uma vez, se separou novamente, mora em Vales, mas eu encontro muito mais a tia Pérola quando estou na cidade.*

*Eu não tenho grandes ligações com ele. Sinto como se ele fosse um parente distante. E mesmo que estejamos muito próximos territorialmente falando, não sinto que ele realmente tenha um grande laço comigo.*

*Ele não implica mais com o fato de eu chamar o meu pai de pai. Ele sabe, ou pelo menos não questiona, que o vínculo que tenho com ele é mais forte. Na verdade, as vezes eu acho que ele nem se importa. Eu imagino que ele só foi me conhecer e se aproximou de mim por uma questão de resposta social ou sei lá que nome se dá a isso. As pessoas sabiam que eu era filha dele, ele precisava me dar alguma assistência.*

*Não, minha mãe nunca me disse isso. Minha mãe nunca desqualificou o Berna na minha frente mesmo que eu tenha reconhecido seu incômodo muitas vezes. O meu pai só falava o nome do Berna quando era preciso. A única*

*vez que eu o ouvi falar mal do Berna, foi quando ele estava levemente alterado por excesso de cerveja em uma festa e ele comentou com um amigo que era amigo dele na escola. O Berna era violento com pessoas que ele julgava diferentes. Ele era assim também com a minha mãe e o meu pai. Ele não estava acostumado a uma mulher querer um homem bissexual ao invés dele, lembro que a Céu, filha da tia Denise, comentou que ouviu a mãe falar isso. Meu pai só falou mal de Berna nesse dia e depois pareceu surpreso ao me ver ali. Não foi uma surpresa, era óbvio que ele não tinha motivos para gostar dele, eu sempre soube.*

*A Helena apareceu quase um mês depois que a minha mãe conversou com ela. Ela perguntou se podia me conhecer, se eu lembrava dela e se eu poderia desculpá-la. Eu não lembro mais da cena ou da sua presença. Eu sei por que minha mãe contou. A presença da esposa do Berna depois do que ele fez deve ter me causado incômodo, mas de alguma forma, eu a abracei e aceitei seu pedido de desculpas.*

*A Helena apareceu para avisar a minha mãe que havia conversado com o Bernardo e ele não entraria com nenhum processo, com nenhuma acusação contra nenhum deles. Ela estava se separando, daquela vez para valer. Eu nunca mais a vi novamente. Ela foi embora de*

*Santiago e eu não faço ideia de onde ela esteja, mas espero que ela esteja bem. De verdade.*

*Ao contrário do que muitos pensam, a presença do Berna em minha vida não é uma grande questão. Eu tenho a minha mãe, o meu pai, meus padrinhos, minha avó, meus amigos, minhas primas, minhas tias paternas. Eu adoraria não ter esse “porém” em minha história, mas eu sempre tive muita gente e estava tudo bem.*

*Atenciosamente,  
Sara Sousa Lima*

O aniversário de oito anos da menina já havia passado e ela estava se achando muito “crescida” agora que não tinha mais sete anos. Sara estava no ensino fundamental “com os grandes” e era divertido vê-la contar detalhes das novas rotinas escolares. Todos os dias que a buscava, Miguel ou Luiza eram obrigados a ouvir atentamente o relato do seu dia e não interromper. Fora isso, a menina continuava a mesma criança enérgica e animada de sempre, apaixonada por girafas e agora, por culinária.

Ela e Miguel estavam dedicados a escrever um livro de receitas para um trabalho da menina na escola e por isso, naquele final de semana, ela e Luiza estavam na casa do homem. O domingo de folga de Miguel havia sido na cozinha e Luiza tentou argumentar, mas Sara afirmou que era muito importante desenvolver o projeto, agora ela era do “fundamental”.

Os argumentos da menina sempre derrubavam o homem que ria animado quando ela tentava criar suas receitas originais e citava ingredientes aleatórios na esperança do pai lhe dar uma dica do que combinava com cada coisa.

Depois do almoço e do banho, os três estavam na sala, haviam acabado de assistir um filme. Sara se acomodou entre os dois e sorriu, arrumando a girafa no colo. Luiza beijou seus cabelos e ela encostou um pouco mais na mãe.

- Mama, a gente não pode ter uma casa de novo? Como o papai tem a dele?

- Já tá na hora, não é, Amor?

- Acho que nem a vovó aguenta mais a gente, mãe.

- Sara afirmou e encarou Miguel que cobria a boca com as mãos, tentando não rir. - É verdade, pai.

- Por hoje e amanhã, ela vai ter uma folga da gente.

- Sim, mas a gente pode procurar nossa casa?

- Sim, vamos pensar nisso logo.

- Vocês podiam procurar aqui na rua. A escola é tão perto, não é?

- Eu posso vir tomar café com você. - Sara sorriu.

- E eu posso te levar na escola quando a Mama tiver que sair cedo pra aula ou quando você quiser.

- Parece um ótimo plano. - Luiza afirmou assentindo.

- Eu acho. - Sara sorriu vitoriosa e os dois se olharam. Luiza sorriu e afagou o rosto do outro que piscou para ela.

- O que você achou da professora nova?

- Ela era chata como você estava com medo? – Miguel completou encarando a filha.

- Ela é legal. Ela me chamou para ajudar a arrumar as coisas na saída e a gente conversou e ela é divertida.

- A gente não pode dizer nada sobre uma pessoa sem conhecê-la, tá vendo?

- Inclusive ela me mostrou a foto do cachorro dela que é muito fofo e tinha uma mulher na foto, a mulher dela. Eu disse: tá tudo bem, tia, meu pai gosta de meninos e da minha mãe também. E aí eu comentei a história da outra professora, do documento. Ela disse que a professora não devia ter dito isso, ainda mais porque eu fiquei muito triste. Aí eu disse que a Mama era professora como ela e que o pai era o melhor cozinheiro do mundo e ela falou que gostava muito da sua comida, ela já foi lá.

- Para quem bem queria falar com ela, vocês conversaram muito hein?

- A vovó sempre diz que eu falo por duas pessoas. – Sara sorriu assentindo e franziu o cenho ao encarar o homem. – Você não vai dizer nada, pai?

- E precisa? – Miguel questionou limpando um pouco os olhos.

- Você vai chorar? Falei algo errado?

- Acho que você falou muito certo, Amor.

- Não entendi, mãe.

- Não é todo mundo que entende, lembra? Das coisas como a gente vê. – Miguel perguntou a encarando e Sara assentiu. – Muita gente acha que eu não devia gostar de meninos também.

- E o que elas têm a ver com quem você gosta?

- Nada, mas, às vezes, elas falam disso de uma forma que machuca. E você fala muito bonito.

- Eu gosto de você assim, pai. O que tem de errado nisso? – a pergunta honesta fez Miguel sorrir. O homem a abraçou, puxando a menina para cima dele.

- A partir de agora você é só minha. A Mama não tem mais nadinha de você, sua Girafinha fofa. – disse beijando a menina no rosto.

- Ei, não mesmo!

- Me salva, mãe. – Sara gritou rindo e Luiza jogou o corpo para cima dos dois enquanto Miguel a beijava.

- Você é minha, todinha minha. – o homem sorriu.  
– Na verdade, vocês são minhas.

- Agora sim, pai, agora sim. – Sara deitou a cabeça no peito do homem e Luiza se aconchegou ao seu lado. Miguel sorriu para ela e beijou seus lábios.

Ele realmente não pensava em ter filhos, agora tinha um Girafinha. Luiza sorriu, ela não precisava de um homem para criar sua filha, mas Sara escolheu o próprio pai. E quem poderia dizer que eles não eram o que diziam ser?

## Epílogo

*Presidente em exercício até 31 de dezembro de 2022,*

*VENCEMOS! Foi uma apuração dolorida e disputada até o último minuto. Sim, somos um regime democrático. Sim, corremos riscos assim quando vivemos em democracia. Mas vencemos. Foram menos de dois milhões de votos e eu sei que vivi um momento histórico absurdo.*

*Eu adoraria que a história do meu país não precisasse contar isso no futuro ou mesmo viver esse presente, mas vencemos. Mesmo com o seu silêncio e a sua falta de [não sei qual palavra usar] TUDO (!) ao não reconhecer a vitória do opositor, de não se pronunciar, de se trancar na casa da presidência e ficar em silêncio, as pessoas estão comemorando nas ruas. As pessoas choram, gritam e vibram nas ruas.*

*São quatro anos de um silêncio dolorido, de um medo intangível e de um pânico que não tem nada a ver com os rumos do nosso país. Sim, como disse o presidente eleito, esse país é nosso. E eu acrescento: ele não é seu parque de diversões.*

*Hoje, pessoas que não votariam no presidente eleito, votaram nele pelo país, as famílias vítimas do COVID honram seus mortos, as pessoas consideradas minorias*

*sociais celebram. E amanhã, apesar de você, vai ser outro dia. A partir de agora voltamos a respirar, arregaçaremos as mangas e vamos organizar tudo de novo.*

*Andei pensando, lendo e conversando com pessoas que estudam e se baseiam em fatos: o presidente eleito não é a salvação de lavoura alguma, por mais que alguns possam pensar.*

*Ele não vai instituir a ideologia de gênero ou nada do tipo. As políticas públicas para pessoas LBGTQIA+ não foram constantes nos governos passados do presidente eleito ou de sua sucessora. Não se preocupe, não vamos transformar o país em nada, não há motivo para luto, desespero ou medo. É o seu governo que nos faz ter medo de andar nas ruas.*

*Hoje, mesmo que eu tenha vivido a história da resistência do nosso país, o que me emocionou de verdade foi ver o meu irmão – um homem trans – sorrir, abraçar o meu pai – um homem cis bissexual – e a minha mãe – uma mãe solo que foi abandonada pelo pai e pelo genitor da filha (eu).*

*Hoje, o que me emocionou de verdade foi abraçar a minha família e reconhecer que podemos celebrar, respirar e gritar de novo. Comemoramos em casa, cercados de pessoas queridas, porque temos medo de ir às ruas. Mas,*

*apesar de você, vamos lutar para refazer esse país e ser feliz de novo.*

*Obrigada a você que esteve comigo do lado certo da história do nosso país e eu convido você – que acredita que um “mito” é um salvador – a caminhar com a gente nessa busca complexa e demorada de ser um país mais equânime, menos sofrido, sem fome e sem miséria. A luta não acabou e, como meu pai diz, ela não acabará tão cedo. Mas, como afirma a minha mãe, agora podemos voltar a respirar de novo. Que orgulho eu sinto de nós.*

*Hoje, já não questiono se o senhor não tem vergonha. Hoje, eu vou dormir sabendo que temos muito que lutar. Mas que temos orgulho desse país e dessa bandeira de novo. Sem fanatismo, sem ódio, sem medo. Apesar de você, haverá amanhã.*

*Eu espero que você, presidente em exercício até 31 de dezembro de 2022, reconheça que perdeu, que é o único presidente da história da redemocratização que não foi reeleito e deixe o governo para que enfim todas as famílias tradicionais brasileiras possam lutar por seus futuros e resistirem em paz.*

*Atenciosamente,  
Sara Lima Souza*

*Um passeio ao mediterrâneo nordestino*

*Por Rodrigo Massaro*

*O jantar no Mediterrâneo é uma experiência incrível. O novo cardápio homenageia as cidades do Nordeste do país, sempre tão esquecido, com a assinatura do chef Miguel. Ele compõe uma nova geração de chefs que, apesar da formação européia, se debruça sob a disseminação da rica cultura do nosso país, fugindo do conceito de “comida de verdade”.*

*Miguel aposta em uma comida afetiva que carrega as marcas da sua própria criação e a tradição das redondezas. Para conhecer essa cultura, ele tem se aliado a produtores da região e promovido uma apresentação das potencialidades de produtos locais, impulsionando a agricultura familiar da região. Esse é apenas um dos muitos diferenciais do Mediterrâneo.*

*Quando se conversa com o chef Miguel, uma das características do seu restaurante é que não há nenhuma centralidade em si mesmo. Ele afirma que qualquer elogio a um prato está diretamente ligado a toda a sua equipe que faz o Mediterrâneo ser quem ele é. Miguel dispensa gritos, a pressão da cozinha e o mal humor.*

*Você pode entrar a qualquer momento ali e encontrar pessoas concentradas e sérias, mas um clima descontraído quando o movimento se torna mais ameno e uma mesa infantil no canto da cozinha. O que o chef apronta ali? Não, aquele espaço não é dele.*

*Se você tiver muita sorte, pode ter a chance de conhecer sua filha, conhecida como Mini Chef Girafinha, dona de um sorriso bonito e uma alegria contagiante. A mini chef consegue te explicar como faz um molho bechamel – que ela chama de “benxamel” – de uma forma muito simples e didática. É dela a mesa infantil que está na cozinha do restaurante.*

*Mas não é sempre que ela está por lá, já que, em suas palavras, a cozinha do pai é um lugar muito, muito sério. Eu concordo com a mini chef, Miguel Silva leva a comida muito, muito a sério. Formado na França, você consegue reconhecer o profissionalismo em cada um dos elementos do seu prato, mas não há nada no atual cardápio que não seja produzido e típico da região.*

*Por isso, e em breve, teremos uma chance de conhecer toda essa seriedade e a sua inventividade no Aras, o novo restaurante do chef, uma homenagem incrível ao seu estado e a mini chef, a Sara.*

## Agradecimentos

E não é que sobrevivemos a 2022? Esse livro é uma celebração do momento histórico nacional e mundial e ele não seria possível sem algumas pessoas incríveis.

Agradeço a todas as pessoas que me ensinaram sobre o valor de uma família por escolha. E a todas as que me ensinam diariamente conceitos e reflexões sobre gênero, sexualidade e relações humanas. Esse livro não existira sem tantas desconstruções.

Agradeço pessoalmente a Lorena Oliveira (@litera.lore) por ser uma leitora beta entusiasta e ótima em me ajudar na organização da linha do tempo. Agradeço a Mariana Neri (@nananeri), minha irmã, pela beleza da capa e da folha de rosto desse livro. Agradeço a Jéssica Lobo (@esbocoliterario), irmã por escolha, pelas opiniões e sugestões.

Obrigada a todas as pessoas que compõem a minha família, essa reunião de pessoas lindas, queridas, amadas e sem qualquer preocupação com “sangue” ou mesmo “espécie”. Somos e ponto.

A intenção desse livro é criar pontes de comunicação e abertura para novas possibilidades e possibilitar a diminuição da violência. Essa é a minha

contribuição ao mundo. Então agradeço a você por ter lido até aqui!

Tem alguma sugestão, crítica ou comentário? Fala comigo pelo Instagram @escrevemarilia ou por e-mail marilianeri@gmail.com. Vou adorar saber e aprender mais um pouco!

Com carinho,  
Marilia Neri

Este livro foi composto na tipografia Georgia, em corpo 11,  
no Brasil para a autora.